UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de
comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares**

Alessandra Turini Bolsoni-Silva

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de
comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares**

Alessandra Turini Bolsoni-Silva

Edna Maria Marturano

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2003

FICHA CATALOGRÁFICA

Bolsoni-Silva, A. T.

Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares, 2003.

188: il.; 30 cm

Tese, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Marturano, E. M.

1. Práticas parentais. 2. Problemas de comportamento. 3. Prevenção

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Edna Maria Marturano que aceitou orientar este trabalho, o que fez de forma amiga, compreensiva e extremamente competente.

À UNESP pelo auxílio financeiro através da Bolsa de Incentivo à Capacitação Docente.

Ao Prof. Dr. Jair Manfrinato pelas explicações essenciais à realização das análises estatísticas.

À Prof^a Dr^a Zilda A Pereira Del Prette e à Prof^a Dr^a Maria de Jesus Dutra dos Reis que participaram da Banca para o Exame de Qualificação, cujas contribuições foram de extrema valia para a melhoria do trabalho. Agradeço novamente às professoras citadas e também ao Prof. Dr. Almir Del Prette e à Prof^a Dr^a Sônia Meyer que aceitaram prontamente participar da Banca Examinadora da defesa.

Às minhas alunas do Curso de Psicologia da UNESP, hoje colegas de profissão, Sabrina de Almeida Rocha, Ana Carolina R. Martins, Maura Cristina Petrucelli, Raquel Melo Golfeto, Ana Maura Azevedo de Godoy, Nívea Regina Simono, Keila Andréia Bilatto, Verônica Aparecida Pereira Figueiredo, que colaboraram na realização desta pesquisa, principalmente na fase de coleta de dados.

Ao Nilsinho (meu esposo) que sempre esteve presente e ajudou em tudo que estava a seu alcance, tanto no âmbito profissional como no pessoal

Aos meus pais, Silvio e Antônio, e aos meus irmãos, Aline e Alisson, que sempre incentivaram meus sonhos acadêmicos, sendo sempre muito prestativos.

A todos, que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização do presente trabalho, o meu muito obrigada.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Problemas(s) de Comportamento: Definições e Análises Funcionais.....	7
Definições.....	7
Análises Funcionais.....	10
Estilos Parentais, Problemas de Comportamento e Variáveis de Contexto.....	20
Estilos Parentais e Problemas de Comportamento.....	20
Estilos Parentais Materno e Paterno.....	27
Estilos Parentais e Variáveis de Contexto.....	30
Habilidades Sociais Educativas Parentais.....	35
Objetivos.....	38
Método.....	39
Participantes.....	39
Composição da amostra.....	49
Dados demográficos.....	51
Instrumentos/Local.....	44
Questionário de Habilidades Sociais Educativas Parentais.....	46
Procedimentos.....	52
Aspectos éticos.....	54
Resultados.....	55
I) Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P)	55
1. Expressão de Sentimentos e Enfrentamento.....	56
1.1. Expressar sentimentos positivos.....	56
1.2. Expressar sentimentos negativos.....	58
1.3. Expressar opiniões.....	59
1.4. Demonstrar carinho.....	61
1.5. Resumo da categoria Expressão de Sentimentos e Enfrentamento.....	63
2. Comunicação.....	64

2.1. Manter conversação.....	64
2.2. Fazer perguntas.....	65
2.3. Ouvir e consequenciar perguntas sobre sexo.....	66
2.4. Resumo da categoria Comunicação.....	68
3. Interação Positiva.....	69
3.1. Brincar com filho.....	69
4. Habilidades que Propiciam Consistência na Prática Educativa.....	70
4.1. Concordar com o cônjuge quanto à forma de educar o filho.....	70
4.2. Participar da educação do filho.....	73
4.3. Estabelecer limites.....	73
4.4. Cumprir promessas.....	78
4.5. Resumo da categoria Habilidades que Propiciam Consistência na Prática Educativa....	80
5. Descrição Positiva do Filho.....	81
6. Reflexão Sobre a Prática Educativa.....	84
7. Resumo das HSE-P e das Especificidades de HSE-.....	87
8. Análise por gênero.....	89
II) Repertório Comportamental de Filhos.....	90
1. Repertório Comportamental “Adequado” de Filhos (RCAF).....	90
1.1. Disponibilidade Social e Cooperação.....	91
1.2. Expressão de Sentimentos e Enfrentamento.....	91
1.3. Interação Social Positiva.....	93
2. Repertório Comportamental “Inadequado” de Filhos (RCIF).....	94
2.1. Problemas de Saúde.....	95
2.2. Hábitos.....	96
2.3. Outros Indicativos.....	97
2.4. Resumo dos Repertórios Comportamentais “Adequado” e “Inadequado” de Filhos.....	100
III) Variáveis de Contexto.....	103
1. Regras parentais quanto a educação.....	103
2. Relacionamento da criança com irmãos e tempo que os pais ficam com os filhos.....	104
3. Habilidades Sociais Conjugais (HSC)	105

Discussão.....	120
Considerações Finais.....	141
Referências Bibliográficas.....	145
Anexos.....	152
Anexo 1. Termo de Consentimento Pós-Informado para Professores(as).....	153
Anexo 2. Questionário de Comportamentos Socialmente Adequados – Professores (QCSA-Pr).....	154
Anexo 3. Escala Infantil B. de Rutter – Professores (ECI)	155
Anexo 4. Questionário de Comportamentos Socialmente Adequados - Pais (QCSA-Pais).....	157
Anexo 5. Escala Infantil A. de Rutter – Pais (ECI)	158
Anexo 6. Questionário de Habilidades Sociais Conjugais.....	162
Anexo 7. Termo de Consentimento Pós-Informação para Pais.....	165
Anexo 8. Descrição do Estudo Piloto.....	166
Anexo 9. Carta de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP.....	178
Anexo 10. Totalidade de Categorias de Especificidades de Habilidades Sociais Educativas Parentais.....	179

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Total de crianças eliminadas da amostra e a natureza das exclusões.....	40
Tabela 2. Números de crianças indicadas, que atenderam aos critérios de seleção e que participaram do projeto.....	40
Tabela 3. Número de filhos, distribuição por sexo dos filhos e idade das crianças de ambas amostras (grupo IPC e grupo ICSA). Valores expressos em frequência.....	41
Tabela 4. Grau de instrução dos respondentes IPC e ICSA.....	42
Tabela 5. Relato dos participantes IPC e ICSA a respeito de emprego.....	42
Tabela 6. Frequência de ocupações, organizadas por grupos, à partir da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO 2002.....	43
Tabela 7. Renda familiar segundo o relato dos participantes IPC e ICSA.....	43
Tabela 8. Medianas e Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney (two tailed)</i> , organizadas por Grupos.....	55
Tabela 9. Frequência de respostas para o item expressar sentimentos positivos e medianas para formas de expressar sentimentos positivos, organizadas por Grupos.....	56
Tabela 10. Frequência de respostas para o item expressar sentimentos negativos e medianas para formas de expressar sentimentos negativos, organizadas por Grupos.	58
Tabela 11. Frequência de respostas para o item Expressar opiniões e medianas para assuntos sobre os quais expressam opiniões, organizadas por Grupos.	60
Tabela 12. Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> para o item Expressar opiniões e Assuntos de expressar opiniões.....	60
Tabela 13. Frequência de respostas para o item demonstrar carinho e medianas para comportamentos parentais de demonstrar carinho, organizadas por Grupos.....	61
Tabela 14. Frequência de respostas para o item manter conversação e medianas para situações/ assuntos de manter conversação, organizadas por Grupos.....	64
Tabela 15. Frequência de respostas para o item fazer perguntas e medianas para assuntos de fazer perguntas, organizadas por Grupos.....	65
Tabela 16. Frequência de respostas para o item ouvir questões sobre sexo e medianas de comportamentos parentais diante de perguntas sobre sexo, organizadas por Grupos.....	67
Tabela 17. Frequência de respostas para o item brincar com filho e medianas para tipos de brincadeiras, organizadas por Grupos.....	69
Tabela 18. Frequência de respostas para o item condordar com o cônjuge e medianas para comportamentos parentais frente á discordância, organizadas por Grupos.....	70
Tabela 19. Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney (two-tailed)</i> para o item condordar com o cônjuge e comportamentos parentais frente à discordância.....	70
Tabela 20. Frequência de respostas para o item estabelecer limites e medianas para situações pelas quais os participantes julgavam necessário limitar, como estabeleciam limites e como sentiam-se após o estabelecimento de limites, organizadas por Grupos.....	74

Tabela 21. Frequência de respostas para os itens cumprir promessas e ter dificuldades para cumprir promessas. Medianas foram calculadas para os comportamentos parentais diante do não cumprimento de promessas, organizadas por Grupos.....	78
Tabela 22. Frequência de respostas para o item existência de comportamentos “desejados” e medianas para descrição de comportamentos “desejados” dos filhos e para comportamentos parentais nestas situações, organizadas por Grupos.....	81
Tabela 23. Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> para o item existência de comportamentos “desejados” (HSE-P), para descrição destes comportamentos (Diversidades 1) e para comportamentos parentais diante destas situações (Diversidades 2).....	82
Tabela 24. Frequência de respostas para o item auto-avaliação parental quanto a “erros” cometidos na relação com o filho e medianas para comportamentos parentais diante destas situações, organizadas por Grupos.....	84
Tabela 25. Frequência de respostas da categoria <i>Disponibilidade Social e Cooperação</i>	91
Tabela 26. Frequência de respostas da categoria <i>Expressão de Sentimentos e Enfrentamento</i>	92
Tabela 27. Frequência de respostas da categoria categoria <i>Interação Social Positiva</i>	93
Tabela 28. Frequência de respostas da categoria <i>Problemas de Saúde</i>	95
Tabela 29. Frequência de respostas da categoria <i>Hábitos</i>	96
Tabela 30. Frequência de respostas da categoria <i>Outros Indicativos</i>	98
Tabela 31. Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> para a categoria <i>Outros Indicativos</i>	98
Tabela 32. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria <i>regras parentais quanto à educação de filhos</i> , organizada por Grupos.....	103
Tabela 33. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria <i>avaliação parental sobre relacionamento entre irmãos, como “indesejados”</i> , organizada por Grupos.....	105
Tabela 34. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria <i>tempo semanal que os pais ficam os filhos</i> , organizada por Grupos.....	105
Tabela 35. Frequência de respostas de cada item que compõe a percepção/definição do cônjuge, organizada por Grupos.....	107
Tabela 36. Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> de cada item que compõe a categoria percepção/definição do cônjuge, organizadas por Grupos.....	108
Tabela 37. Frequência de respostas dos participantes que explicam porque a comunicação conjugal é adequada ou inadequada.....	110
Tabela 38. Medianas dos escores globais dos itens que compõem características da comunicação conjugal.....	111
Tabela 39. Frequência de respostas de cada item que compõe características da comunicação conjugal, organizada por Grupos.....	112
Tabela 40. Análises <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney (two-tailed)</i> de cada item que compõe que compõe a categoria características da comunicação conjugal, organizados por Grupos.....	113
Tabela 41. Medianas e estatísticas dos escores globais dos itens que compõem a categoria avaliação positiva do cônjuge.....	114
Tabela 42. Avaliação quanto a permanência das características positivas.....	115

Tabela 43. Medianas e estatísticas dos escores globais dos itens que compõem a categoria avaliação negativa do cônjuge.....	116
Tabela 44. Avaliação quanto a permanência das características negativas.	117
Tabelas 45 a 47. Anexo 8: Descrição do Estudo Piloto.....	165-166
Tabelas 48 a 73. Anexo 9: Totalidade de categorias de Especificidades de Habilidades Sociais Educativas Parentais.....	178-187

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Frequência de aparecimento de categorias de formas de expressar sentimentos positivos, organizadas por Grupos.....	57
Figura 2. Frequência de aparecimento de categorias de Formas de expressar sentimentos negativos, organizadas por Grupos.....	59
Figura 3. Frequência de aparecimento de categorias de assuntos pelos quais os pais/mães expressam opiniões, organizadas por Grupos.....	65
Figura 4. Frequência de aparecimento de categorias de comportamentos parentais utilizados para demonstrar carinho aos filhos, organizadas por Grupos.....	62
Figura 5. Frequência de categorias de reações dos filhos frente a demonstração parental de carinho, segundo relatos de pais e de mães, organizadas por Grupos.....	68
Figura 6. Frequência de aparecimento de categorias de situações, assuntos de manter conversação, organizada por Grupos.....	65
Figura 7. Frequência de aparecimento de categorias de assuntos de fazer perguntas, organizada por Grupos.....	66
Figura 8. Frequência de aparecimento da categoria ouvir perguntas dos filhos sobre sexo, organizadas por Grupos.....	67
Figura 9. Frequência de aparecimento de categorias referente às <i>brincadeiras parentais com os filhos</i> , organizadas por Grupos.....	69
Figura 10. Frequência de aparecimento de categorias de porque há concordância conjugal quanto à educação de filhos, organizadas por Grupos.....	71
Figura 11. Frequência de aparecimento da categoria referente às razões pelas quais há discordância conjugal quanto à educação de filhos, organizada por Grupos.....	72
Figura 12. Frequência de aparecimento da categoria referente aos comportamentos parentais frente à discordância conjugal quanto à educação de filhos, organizadas por Grupos.....	72
Figura 13. Frequência de aparecimento da categoria participação do progenitor na educação de filhos, organizadas por Grupos.....	73
Figura 14. Frequência de aparecimento da categoria motivos para estabelecer limites, organizadas por Grupos.....	75
Figura 15. Frequência de aparecimento da categoria situações de estabelecer limites, organizadas por Grupos.....	75
Figura 16. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos parentais para estabelecer limites, organizadas por Grupos.....	76
Figura 17. Frequência de aparecimento das categorias de sentimentos parentais após estabelecer limites, organizadas por Grupos.....	76
Figura 18. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos dos filhos após o estabelecer limites, organizadas por Grupos.....	77
Figura 19. Frequência de aparecimento das categorias de dificuldades parentais diante do cumprir promessas (as três primeiras barras), organizada por Grupos.....	79

Figura 20. Frequência de aparecimento da categoria comportamento parentais diante do não cumprimento de promessas, organizada por Grupos.....	79
Figura 21. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos de filhos considerados como “desejados”, pelos pais, organizadas por Grupos.....	83
Figura 22. Frequência de aparecimento das categorias de Comportamentos parentais diante de comportamentos “desejados” de filhos, organizadas por Grupos.....	83
Figura 23. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos parentais considerados, por eles, como “indesejados”, organizadas por Grupos....	85
Figura 24. Frequência de aparecimento das categorias de reações parentais após comportamentos parentais considerados, por eles, como “indesejados”, organizadas por Grupos.....	85
Figura 25. Frequência de aparecimento dos itens da categoria <i>Expressão de Sentimentos e Enfrentamento</i>	92
Figura 26. Frequência de aparecimento dos itens da categoria <i>Interação Social Positiva</i>	93
Figura 27. Frequência de aparecimento dos itens da categoria <i>Problemas de Saúde</i>	96
Figura 28. Frequência de respostas dos itens que compõem a categoria Hábitos, organizada por Grupos.....	97
Figura 29. Frequência de aparecimento dos itens da categoria <i>Outros indicativos</i>	99
Figura 30. Comparação da frequência de respostas para grupos de categorias referentes a comportamentos socialmente adequados e indicativos de problemas de comportamento.	100
Figura 31. Frequência de aparecimento de categorias de formas de expressar carinho ao cônjuge, organizada por Grupos.....	109
Figura 32. Frequência de aparecimento de categorias de formas como o(a) companheiro(a) expressa sentimentos ao cônjuge, organizada por Grupos.....	110
Figura 33. Frequência de respostas para categorias positivas atribuídas ao cônjuge, organizada por Grupos.....	115
Figura 34. Explicações mais frequentes, dadas pelos respondentes, sobre o porquê das características positivas serem permanentes ou situacionais.....	116
Figura 35. Frequência de respostas para categorias negativas atribuídas ao cônjuge, organizada por Grupos.....	117
Figura 36. Explicações mais frequentes, dadas pelos respondentes, sobre o porquê das características negativas serem permanentes ou situacionais.....	118
Figura 37. Frequência de respostas quanto a avaliação da relação conjugal, organizada por Grupos.....	119
Figura 38. Frequência de respostas de características positivas e negativas explicativas da avaliação, realizada pelos respondentes, quanto à relação conjugal.....	119

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Descrição de conceitos, de variáveis investigadas e de instrumentos utilizados.....	44
Quadro 2. Comparação por itens conforme das análises estatísticas <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> (<i>two-tailed</i>) da categoria <i>Expressão de Sentimentos e Enfrentamento</i>	63
Quadro 3. Comparação por itens conforme das análises estatísticas <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> (<i>two-tailed</i>) da categoria <i>Comunicação</i>	68
Quadro 4. Comparação por itens conforme das análises estatísticas <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> (<i>two-tailed</i>) das HSE-Parentais e das Diversidades de HSE-P da categoria <i>Habilidades que propiciam consistência na prática educativa</i>	80
Quadro 5. Comparação por itens conforme das análises estatísticas <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> (<i>two-tailed</i>) das HSE-P e das respectivas Diversidades de HSE-P.....	87
Quadro 6. Comparação por itens conforme das análises estatísticas <i>Wilcoxon</i> e <i>Mann-Whitney</i> (<i>two-tailed</i>) do repertório comportamental “desejado” e “indesejado” de filhos, segundo os relatos materno e paterno.....	101

RESUMO

Acredita-se que pais socialmente habilitados são capazes de priorizar práticas educativas positivas, sem esquecerem-se de estabelecer os limites necessários. No entanto, pais que possuem dificuldades interpessoais podem oferecer modelos de comportamentos “indesejados” e podem inadvertidamente contribuir para o aparecimento e/ou manutenção de problemas de comportamento. Diante disto, o estudo visa aprofundar o entendimento das relações pais-filhos, comparando as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) de diferentes grupos: a) pais x mães e b) pais (mãe/pai) de filhos com indicativos escolares de problemas de comportamento x pais (mãe/pai) de filhos com indicativos escolares de comportamentos socialmente adequados. Foram participantes, 96 pessoas, sendo 48 (24 pais e 24 mães), de crianças com indicativos escolares de comportamentos socialmente adequados (Grupo ICSA) e 48 (24 pais e 24 mães), de crianças com indicativos escolares de comportamentos socialmente “indesejados” (Grupo IPC). A coleta de dados foi conduzida através de questionário que avalia HSE-P, aplicado pela entrevistadora, na residência dos participantes; foram também aplicados dois instrumentos para avaliar o repertório “adequado” (QCSA) e “indesejado” (ECI) dos filhos. Os participantes foram contactados após a indicação de professoras de Escolas Municipais de Educação Infantil. Os principais resultados são: a) as HSE-P são mais frequentes para os grupos de mães (por exemplo expressar sentimentos positivos, expressar opiniões, fazer perguntas, manter comunicação e ouvir perguntas sobre sexo) e para o Grupo ICSA (por exemplo demonstrar carinho, concordar com cônjuge, cumprir promessas, discriminar comportamentos adequados nos filhos); b) os grupos IPC e ICSA pouco diferem quanto às estratégias utilizadas para estabelecer limites; c) quando os pais estabelecem limites, as crianças dos grupos IPC e ICSA comportam-se de forma semelhante, obedecendo e também fazendo birra; d) o grupo ICSA apresenta um maior número de Habilidades Sociais Conjugais (HSC), referente àquelas que envolvem comunicação; e) os itens da ECI que se referem a indicativos de problemas de comportamento apresentaram maiores escores para o Grupo IPC, quanto a comportamentos externalizantes, segundo os relatos de pais e de mães; f) ambos os grupos de crianças, IPC e ICSA, alcançaram altos escores no QCSA. Desta forma, pode-se concluir que há diferenças na forma como pais e mães lidam com seus filhos, o que pode ser explicado, em parte, por práticas culturais que priorizam a mãe na educação dos filhos. Os resultados indicam que as habilidades sociais que mais diferenciam os grupos são aquelas utilizadas em momentos de interação positiva. Como ambos os grupos relatam HSE-P e também estratégias coercitivas nas interações com filhos, há a necessidade de estudos de intervenção que avaliem o quanto tais intervenções ajudam os pais a aproveitarem tais habilidades para a promoção de melhores interações pais-filhos e redução/eliminação de comportamentos considerados como “indesejados”.

ABSTRACT

It is believed that socially skilled parents are capable of prioritizing positive educational practices without forgetting to establish the necessary limits to their children. However, parents who present interpersonal difficulties, offer inadequate behavioral model and can indeed contribute to establish and/or maintain behavioral problems in the latter. In this view, this study has the purpose of intensifying the knowledge about relationships among parent-children, comparing the Parental Social Educational Skills (HSE-P) of two different groups: a) fathers x mothers, and b) parents of children with school's evidence of socially behavioral problems x parents of children with school's evidence of socially adequate behaviors. The participants were 96 subjects, which 48 were parents (24 fathers and 24 mothers) of children with school's evidence of socially adequate behaviors (group ICSA) and 48 (24 fathers and 24 mothers) of children with school's evidence of socially "inadequate" behaviors (group IPC). The data collection was realized through the application of questionnaires formulated to evaluate the parents' HSE- The questionnaires were applied by the interviewer at the families' residences. Two other instruments were also utilized to measure the constructs "adequate" (QCSA) and "inadequate" (ECI) in children. The participants were contacted based on the indication of teachers from Public Day-Cares. The main results were: a) the HSE-P occurs more frequently among the mothers (i.e., express positive feelings and opinions, ask questions, establish communication, and listen to questions about sex), and in the group ICSA (i.e., demonstrate physical affection, agree with the spouse, to be dependable, discriminate adequate behaviors in their children); b) the groups IPC and ICSA differ only slightly with respect to the strategies used to establish limits; c) when the parents establish limits, the children of the groups IPC and ICSA behave in a similar way, obeying or also whining; d) the group ICSA presents a larger number of Marital Social Abilities (HSC), regarding those that involve communication; e) according to testimony of both fathers and mothers, the group IPC presented higher scores in the ECI's items related to externalizing behavior problems; f) both groups of children, IPC and ICSA, reached high scores in the QCSA. These results suggest that there are differences in the form that parents deal with their children, which can be to some extent explained through cultural practices that prioritize the mother's role in the education of children. The results indicate that the social skills that more differentiates the groups are those used in moments of positive interaction. Nevertheless, it seems that both groups of parents revealed HSE-P in the interactions with their children, calling the attention to the necessity of studies related to interventions that could help parents to take advantage of such skills and thus promote better parent-child interactions, reducing/eliminating the behaviors that are considered "inadequate".

***“APESAR DE TERMOS FEITO TUDO QUE FIZEMOS, NÓS AINDA
SOMOS OS MESMOS E VIVEMOS (...) COMO OS NOSSOS PAIS...”***

Belchior

(Como nossos pais)

As habilidades dos pais ao interagirem e educarem seus filhos parece ser crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados ou de comportamentos considerados, pelos pais e/ou professores, como “indesejados”, os quais são entendidos por Silva (2000) como “déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência” (p. 1).

Analisando diversos autores da área, tais como Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989), CID-10 (1993), Briosio e Sarrià (1995), Sidman (1995), Conte (1997), Kaiser e Hester (1997), Kaplan, Sadock e Grebb (1997), Ingberman (1997), Webster-Stratton (1997) e Del Prette e Del Prette (1999), é possível identificar muitas variáveis que aumentariam a probabilidade de surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento; dentre estas encontram-se as práticas educativas. Para estes pesquisadores, haveria uma ligação entre práticas educativas e comportamento anti-social dos filhos, à medida que as famílias estimulariam tais repertórios por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança. Os pais tendem a ser não contingentes no uso de reforçamento positivo para comportamentos pró-sociais (ignorando-os ou respondendo de forma inapropriada) e punições efetivas para comportamentos desviantes. Consequentemente, comportamentos coercitivos são diretamente reforçados pelos membros da família, levando a criança a utilizá-los, possivelmente, para sobreviver neste sistema social aversivo. Além disso, os filhos expostos à violência por longos períodos, freqüentemente comportam-se de forma agressiva e quando são criados em condições negligentes tornam-se pouco tolerantes à frustração, com pouca motivação para seguirem normas sociais e relativamente imunes ao remorso. Assim, estas crianças, ao ingressarem no ambiente escolar, passam a repetir este padrão, que somando-se às dificuldades dos professores em lidar com as mesmas, faz com que comportamentos “indesejados” persistam, prejudicando a aprendizagem e a socialização. Afinal, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento são duas variáveis bidirecionais, isto é, são

causas e efeitos simultaneamente, havendo uma co-ocorrência entre elas (Webster-Stratton, 1997; Marturano, Linhares & Parreira, 1993).

Além disso, para Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989) existe uma seqüência desenvolvimentista acerca do problema de comportamento, o qual é iniciado por comportamentos perturbadores na infância até atingir a delinquência no período da adolescência, porque uma possível rejeição por parte dos pais, acrescida do fracasso acadêmico da criança, pode aproximá-la de grupos desviantes com risco para a delinquência.

A partir destas considerações encontra-se o interesse em analisar possíveis relações entre práticas educativas de pais e problemas de comportamento de filhos. Tais questões de pesquisa nortearam também estudos anteriores: Silva (1997); Silva, Del Prette e Del Prette (2000); Silva (2000); Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) e Bolsoni-Silva, Del Prette e Oishi (2003).

Silva (1997) avaliou a aplicabilidade e efetividade de um treinamento em habilidades sociais (THS) realizado junto a um grupo de pais (quatro casais – famílias nucleares intactas – sem queixa clínica, com filhos de dois a quinze de anos de idade), a fim de desenvolver estratégias de interação positiva implementadas através de técnicas usuais da área do THS (instrução, ensaio comportamental, modelação, tarefas de casa etc.). O referido programa compôs-se de avaliações pré e pós intervenção por meio de entrevistas, inventários e *role-playing* semi-extenso. Os resultados mostraram redução de problemas no relacionamento com os filhos e melhora em habilidades interpessoais relevantes para esse relacionamento, por exemplo, expressão de carinho e atenção, uso de reforçamento positivo, resolução de problemas e redução no uso de punições. Alguns problemas de desobediência e agressividade dos filhos persistiram apesar de sua diminuição em frequência e intensidade.

A reflexão que se seguiu foi a da necessidade de estudos de levantamento capazes de entender a realidade das práticas educativas e dos relacionamentos entre pais e filhos, no contexto brasileiro, que subsidiassem programas para pais. Na literatura internacional

encontram-se muitas pesquisas sobre práticas educativas de pais e problemas de comportamento de filhos, permitindo algum entendimento sobre o tema, porém na literatura brasileira foram encontradas poucas referências sobre esse tema, o que justificou os trabalhos de Silva (2000), Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) e Bolsoni-Silva, Del Prette e Oishi (2003).

As pesquisas acima buscaram: a) comparar características de relacionamento entre pais e filhos de duas amostras: pais que possuem filhos com indicação escolar de problemas de comportamento (IPC) e pais que possuem filhos sem indicação escolar de problemas de comportamento e com indicação de comportamentos socialmente adequados (ICSA); b) hipotetizar acerca de relações possíveis entre indicadores comportamentais de problemas de comportamento dos filhos e habilidades sociais educativas (HSE) dos pais; c) analisar possíveis HSE-P na prevenção e remediação de problemas de comportamento dos filhos e d) analisar características do relacionamento mãe-filho e características do relacionamento pai-filho.

Silva (2000), Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) e Bolsoni-Silva, Del Prette e Oishi (2003) confirmaram a hipótese de que pais socialmente mais competentes conseguiram resolver problemas encontrados na prática educativa dos filhos, de forma mais efetiva e positiva. Verificaram também que seus filhos tinham menos problemas de comportamento do que pais com dificuldades interpessoais. Os resultados mostraram que as crianças dos dois grupos possuíam alto repertório socialmente adequado, alertando para a importância de pais e professores explorarem mais educativamente o repertório socialmente adequado das mesmas, para promoverem a redução de repertórios tidos como inadequados. Por outro lado, os resultados mostraram que crianças avaliadas por seus professores como tendo problemas de comportamento apresentavam, com maior frequência, segundo a percepção dos pais, comportamentos indicativos de problemas de comportamento, como por exemplo hostilidade contra pessoas e/ou animais, comportamentos deliberadamente destrutivos, ficar isolado/tímido e desobediência. Em relação às habilidades sociais educativas dos pais foi

possível verificar que os filhos com indicação de comportamentos socialmente adequados possuíam famílias melhor estruturadas (família nuclear e trabalho) e maior consistência em sua educação, havendo maior entendimento do casal e maior participação do progenitor masculino na divisão de tarefas e educação do filho. Entretanto, estratégias educativas pouco adaptativas, como por exemplo, o uso de punições, apareceram em ambos os grupos.

Desta forma, estes estudos permitiram obter informações relevantes para o entendimento das práticas educativas na sociedade brasileira, bem como puderam auxiliar na promoção de intervenções para pais, a fim de melhorar o relacionamento pais-filhos e prevenir e/ou remediar problemas de comportamento dos filhos. Porém, entende-se como essencial aprofundar tal temática, pois diferenças entre práticas educativas e HSE-P de pais e de mães foram estudadas com poucos casais (20 pessoas), que participaram do segundo estudo de Silva (2000).

Diante destas considerações surge o presente projeto que visa comparar habilidades sociais educativas (HSE) de pais e de mães com os repertórios “desejável” e “indesejável” de filhos, porém agora com um número maior de participantes e com maior controle metodológico.

Para situar este problema de pesquisa é importante focalizar previamente os seguintes tópicos:

- problema(s) de comportamento: definições e análises funcionais, já que parte das crianças que foram selecionadas apresentavam indicativos de problemas de comportamento (Grupo IPC);
- Estilos parentais, problemas de comportamento e variáveis de contexto, pois a população estudada são pais (mães e pais) de crianças com indicativos de problemas de comportamento (IPC) e com indicativos de comportamentos socialmente habilidosos (ICSA). Neste capítulo apresentam-se também breves revisões sobre: a) estilos parentais e problemas de

comportamento; b) variáveis de contexto, tais como conflitos conjugais e diferenças de gênero que podem influenciar nos estilos parentais e conseqüentemente no repertório da criança.

- Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P), onde são discutidas algumas habilidades avaliadas nesta pesquisa.

Problema(s) de Comportamento: Definições e Análises Funcionais

Definições.

Autores que estudam problemas de comportamento (Almeida, 1984; Brioso & Sarrià, 1995; Kauffman, 1977; Mendonça, 1990; Peterson, 1995; Rosenberg, Wilson, Maheady, & Sindelar, 1992), afirmam que este termo apresenta pouca homogeneidade quanto à definição, classificação e diagnóstico.

Existem, ainda, quanto ao diagnóstico, dificuldades concernentes às expectativas sociais e culturais sobre o comportamento, pois o mesmo pode ser considerado normal em uma subcultura e “indesejável” em outra (Kauffman, 1977; Mendonça, 1990; Peterson, 1995). Para Rosenberg et al. (1992) os comportamentos considerados “indesejáveis” também existem no desenvolvimento “normal” e, desta forma, torna-se difícil definir a frequência “normal” e “anormal” destes comportamentos, dificultando a definição de problemas de comportamento.

Assim, ficariam prejudicadas tanto a análise dos comportamentos considerados “indesejáveis” como as intervenções necessárias para evitá-los e/ou saná-los.

Patterson, Reid e Dishion (2002) apontam que termos como hiperatividade, desvio de conduta, agressividade e comportamento anti-social são utilizados para descrever crianças-problema, mas cada um deles tem uma história associada com seu uso, o que traz dificuldades para os pesquisadores. Tais autores passaram, portanto, a utilizar o termo anti-social. Nas palavras de Patterson et al. (2002): “ ... Eventos que sejam ao mesmo tempo aversivos e contingentes são considerados anti-sociais. Nossos estudos se ocupam do “subcontexto” de eventos anti-sociais que ocorram dentro da família ou em interações com outras crianças. Geralmente usamos o termo coercitivo para descrever tais eventos.” (p. 5)

É possível verificar a existência de grupos distintos de estudiosos quanto a compreensão e emprego do termo problema de comportamento. De um lado há o modelo médico ou biológico que aborda o assunto prioritariamente em termos de sintomas (Brasil,

1994; Kaplan, Sadock & Grebb, 1997; CID-10, 1993). De outro, há autores que vêem a categoria funcionalmente, analisando tanto *déficits* de comportamentos, como excedentes comportamentais, bem como as variáveis que controlam o responder (por exemplo, Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989; Patterson et al., 2002; Peterson, 1995).

Entende-se como possível uma análise de ambas as posturas como complementares, considerando tanto as topografias e frequências dos comportamentos indicativos de problemas de comportamento, como suas análises funcionais, pois a descrição das topografias e das frequências de respostas oferece dicas acerca das variáveis das quais o responder é função. Sidman (1995) afirma que a Análise do Comportamento mede a frequência com que um indivíduo faz algo, bem como tenta descobrir o que torna a resposta tão frequente ou tão rara.

Análise funcional é definida por Skinner (1953/1993) como “as variáveis (...) das quais o comportamento é função (...). [A resposta] é a nossa “variável dependente” – o efeito para o qual procuramos a causa. Nossas “variáveis independentes” – as causas do comportamento – são as condições (...) das quais o comportamento é função” (p. 45). Souza (1995) aponta que análise funcional envolve três termos: antecedente, resposta e conseqüente, havendo relações de dependência entre tais eventos.

Portanto, certo comportamento “indesejável” é multideterminado e, assim, torna-se imprescindível analisá-lo funcionalmente considerando o maior número de variáveis independentes. Sturmey (1996) cita Goldiamond (1974) para dizer que o terapeuta precisa entender o propósito do comportamento para a pessoa, o que necessariamente implica em análises funcionais mais amplas que tentem a relacionar funcionalmente todo o repertório do cliente.

Como mencionado anteriormente, o termo problema de comportamento é bastante ambíguo e controverso, possuindo definições vagas, classificações distintas, exaustivas e sem limites claros para alguns tipos de problemas de adaptação. É possível ainda encontrar diferentes problemas de comportamento numa mesma categoria, envolvendo dimensões

distintas de análise, como é exemplificado pelas definições dos manuais da CID-10 e DSM-IV. Entretanto, a maioria dos autores parece concordar que problemas de comportamento envolve desvios do comportamento social, isto é, comportamentos agressivos e hiperatividade (Brioso & Sarrià, 1995). Apesar da ênfase dada aos comportamentos externalizantes, é preciso lembrar que comportamentos internalizantes ou neuróticos, tais como timidez, medo e outros *déficits* em interação social, também devem ser considerados como problemas de comportamento. Por exemplo a definição de Patterson et al. (2002) é interessante por dar ênfase às variáveis das quais o comportamento “indesejável” é função, porém, comportamentos internalizantes como a timidez, dificuldades fisiológicas contingentes à aversividade, poderiam ficar excluídas de análise por talvez serem comportamentos que incomodem menos que os externalizantes, como agressividade, por exemplo.

Por outro lado, Graminha (1998) lista um sistema de categorias para problemas psicológicos infantis que vai desde, por exemplo, irritabilidade/nervosismo, rebeldia/desobediência/dominância, agressividade/provocação até desinteresse por atividades acadêmicas, tristeza/depressão e retraimento social, dentre outros.

Dada a dificuldade de utilizar certa definição, torna-se necessário definir o termo para o presente trabalho. Assim, entende-se como indicadores de problemas de comportamento, *déficits* ou excessos comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência. Assim, são considerados, na definição, tanto comportamentos neuróticos ou internalizantes (por exemplo tem queixas de dores de cabeça; tem dores de estômago; asma ou crises respiratórias; faz xixi na cama ou nas calças; faz cocô na roupa; fica mal humorado e nervoso; tem dado trabalho ao chegar na escola ou se recusado a entrar; apresenta olhar vago, timidez, ansiedade, preocupação exagerada; movimenta-se lentamente; erupções cutâneas; agarrado aos adultos; triste – Achenbach & Edelbrock, 1979) como comportamentos externalizantes (tais como fica mal humorado e nervoso; é hiperativo; é impaciente/irrequieto; destrói próprias coisas e/ou de outros; é desobediente freqüentemente; é

teimoso; brinca com fogo; é ciumento; tem acessos de raiva; é impulsivo – Achenbach & Edelbrock, 1979), à medida que são comportamentos que dificultam o acesso a reforçadores e, portanto, podem dificultar o desenvolvimento da criança.

Para melhor operacionalizar o conceito de problema de comportamento cabe definir salto comportamental (*cusps*) como apontado por Rosales-Ruiz e Baer (1997). Saltos referem-se a mudanças comportamentais que ocorrem no decorrer do processo de desenvolvimento, fruto da interação organismo-ambiente. Eles são importantes ou para o indivíduo ou para a espécie, à medida que colocam a criança em contato com contingências relevantes de aprendizagem, promovendo, assim, o desenvolvimento da mesma. Com base neste raciocínio, problemas de comportamento seriam aqueles que dificultariam o acesso da criança a novas contingências de reforçamento, que por sua vez, facilitam a aquisição de repertórios relevantes de aprendizagem.

Análises Funcionais.

Alguns pesquisadores apresentam possibilidades de análises funcionais relacionando repertório comportamental de filhos e habilidades parentais. O pensamento desses autores é apresentado abaixo.

Segundo Kaiser e Hester (1997) o manejo inefetivo dos pais, além de levar a sérios problemas de comportamento, também promove uma falha no desenvolvimento de comportamentos sociais positivos e comunicativos da criança, que formam a base para interações positivas com colegas e outros adultos. A combinação de contingências para comportamento negativo, uma falta de conseqüências positivas para outros comportamentos, a ausência de modelos positivos de comportamento social e de resolução de problemas e a falta de suporte para desenvolver habilidades sociais comunicativas podem deixar a criança pobremente preparada para o sucesso em interações sociais comunicativas.

De forma semelhante, Conte (1997) aponta os seguintes fatores protetores do desenvolvimento do jovem: a) suporte parental (condução calorosa, valorização pessoal da criança, demonstração de aceitação e apoio às suas iniciativas); b) encorajamento do desenvolvimento da competência social (ocorrência maior de interações positivas que aversivas, freqüente expressão de afeto positivo, pais como modelos socialmente habilidosos, apoio ao desenvolvimento da autonomia na forma de escolhas e autodireção; c) uso de métodos disciplinares mais racionais e verbais, ao invés de físicos. Desta forma, estes fatores deveriam ser considerados nos tratamentos promovidos a esta clientela.

Bugental e Johnston (2000) concluem, em seu estudo de revisão, que os pais que se sentem inseguros fornecem menos apoio e mais reações negativas às suas crianças, as quais, por sua vez, reagem também com agressividade. Para os autores, quando os pais sentem-se inseguros, com pouco senso de eficácia, tendem a apresentar mais humor negativo, a interpretar mais negativamente o comportamento da criança e conseqüentemente puni-la mais freqüentemente. Desta forma, Bugental e Johnston (2000) concordam que a forma como os pais pensam sobre seus filhos e lidam com eles interfere diretamente nas cognições, comportamentos e *locus* de controle da criança.

Webster-Stratton (1997) considera que a existência de algo atípico da organização interna da criança, nos aspectos psicológico, neurológico e/ou neuropsicológico, quando associada a variáveis ambientais (grau de suporte familiar, qualidade das estratégias de disciplina e nível sócio-econômico), leva a problemas de comportamento. Já a falta de habilidades sociais e de resolução de problemas podem ocasionar problemas de comportamento, já que contribuem para interações pobres com colegas, à medida que possuem algumas dificuldades, tais como: a) resolver problemas de maneira hostil; b) ter pouca informação ambiental; c) gerar pouca alternativa para resolver problemas sociais e d) antecipar pouco as conseqüências da agressão. Em resumo, estas crianças possuem pouca competência social, já que não conseguem realizar uma leitura ambiental adequada,

distorcendo dicas sociais durante as interações com os colegas, além da dificuldade em compreender pontos de vista e sentimentos de outras pessoas (Webster-Stratton, 1997).

Quando as crianças são expostas a contingências aversivas em âmbito familiar e emitem comportamentos agressivos, elas tendem a reproduzir este padrão comportamental na escola. Nas palavras de Webster-Stratton (1997), as crianças que são agressivas com seus colegas são rapidamente rejeitadas e os colegas passam a se comportar de maneira desconfiada, aumentando a probabilidade de reações agressivas, o que só é agravado com o manejo comportamental inefetivo dos professores, que pouco encorajam os comportamentos positivos da criança e punem excessivamente os comportamentos tidos como “indesejáveis”, podendo até expulsá-la da sala de aula. Isto pode ocorrer porque crianças desobedientes e com comportamentos “indesejáveis” desenvolvem relacionamentos pobres com os professores e conseqüentemente, recebem menos suporte dos mesmos.

Para Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989), como já apontado no início deste texto, existiria uma seqüência desenvolvimental quanto ao comportamento anti-social. Este comportamento seria iniciado por comportamentos perturbadores na infância até atingir a delinquência, no período da adolescência. Segundo esses autores, a progressão do comportamento anti-social ocorre em função de práticas disciplinares e de monitoramento pobres, favorecendo o surgimento de problema de comportamento na criança. Estes, por sua vez, levam tanto a uma rejeição por parte dos pais como ao fracasso acadêmico da criança, fatores que a aproxima de grupos “indesejáveis” e finalmente à delinquência.

Romero (1995) observou que as famílias de crianças com problemas de comportamento mostram características de maior desorganização, mais problemas emocionais ou de comunicação e com comportamentos e modelos “indesejáveis” para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças. As colocações de Romero (1995) apontam que os pais conseqüenciam mais para comportamentos “indesejáveis” das crianças, que os socialmente habilidosos e desta forma, acabam fortalecendo os “indesejáveis” e punindo ou deixando de

incentivar comportamentos pró-sociais, favorecendo o surgimento e manutenção de problemas de comportamento.

Webster-Stratton (1997) também acredita numa progressão desenvolvimental para problemas de comportamento, a qual poderia assumir dois caminhos. A primeira hipótese chamada de “*early starter*” coloca que comportamentos agressivos e opositivos, no período inicial da pré-escola, podem progredir para agressividade e sintomas de problemas de comportamento na infância média, os quais podem se desenvolver para sintomas mais sérios na adolescência, tais como violência interpessoal e violações de propriedade. Além disso, os locais de ocorrência dos comportamentos perturbadores podem aumentar com o passar do tempo, ou seja, de casa ou pré-escola para locais escolares e finalmente comunidade mais ampla. A segunda hipótese para o surgimento de problemas de comportamento, denominada “*late starter*”, ao contrário, considera os casos que surgem na adolescência. O prognóstico parece ser mais favorável para os casos que se encaixam na segunda hipótese do que para adolescentes que apresentaram uma história crônica de problemas de comportamento (Webster-Stratton, 1997).

Para a pesquisadora acima, há vários fatores de risco que contribuem para uma continuidade dos problemas de comportamento: a) idade precoce de início (anos pré-escolares); b) número de locais em que ocorrem os comportamentos; c) frequência e intensidade do comportamento anti-social; d) diversidade do comportamento anti-social (muitos x poucos) e comportamentos como roubar, mentir e incendiar em idades precoces; e) características familiares e parentais.

Gomide (2001) aponta para variáveis hereditárias, ou seja, predisposição da criança em ser mais agressiva. Parece que a agressividade foi selecionada na história filogenética da espécie humana, no entanto, as crianças desenvolveriam problemas de comportamento se o ambiente familiar modelar tais repertórios.

Segundo Barnett (1997) crianças maltratadas possuem os maiores riscos para o desenvolvimento de psicopatologias e experiências precoces de abuso e negligência afetam negativamente o curso de vida da criança. Portanto, concorda que práticas parentais levariam ao surgimento de problemas de comportamento.

Patterson et al. (2002) descrevem diversas variáveis de contexto que interfeririam para o surgimento e manutenção de problemas de comportamento: a) medidas de estresse: ajustamento conjugal, conflito conjugal, eventos de vida negativos, problemas de saúde na família, problemas financeiros; b) variáveis contextuais estáveis: história familiar, desvantagem social dos pais, patologia parental, vizinhança. Tais variáveis aumentariam a probabilidade de alteração das práticas parentais, as quais, por sua vez, influenciam o repertório dos filhos.

Segundo a hipótese teórica de Webster-Stratton (1997), quando a criança apresenta problemas de comportamento já na primeira infância, persistindo na adolescência, o prognóstico é mais difícil do que quando problemas de comportamento surgem somente na adolescência. Assim, fica clara a importância de estudar pais de crianças bastante jovens, a fim de evitar a continuidade dos problemas de comportamento, que podem assumir dimensões maiores na adolescência, como por exemplo ocorre com a delinquência juvenil.

Mais recentemente, os autores Patterson et al. (2002) apontam quatro estágios para a promoção de problemas de comportamento, especialmente os considerados externalizantes. O primeiro estágio, chamado Treinamento Básico, inicia-se com a baixa eficácia dos pais em confrontos disciplinares, o que faria com que aumentasse a troca coercitiva da criança com os membros da família, pois ela aprende que chorando, choramingando, gritando, batendo ou tendo acessos de raiva consegue suprimir comportamentos aversivos dos familiares, sendo portanto respostas efetivas. O segundo estágio, O Ambiente Social Reage, considera que os problemas de comportamento aprendidos em casa colocam a criança em risco para desenvolver fracasso social, pois ela passa a emitir comportamentos que são aversivos para

professores e colegas, levando à rejeição, a qual, por sua vez, pode levar a criança a episódios de tristeza; além disso, o aluno pode passar a evitar a escola, aumentando ainda mais suas dificuldades interpessoais e acadêmicas. O título para o terceiro estágio é Pares Desviantes e o Desenvolvimento de Habilidades Anti-Sociais, o qual descreve o resultado provável dos estágios 1 e 2, pois o fracasso acadêmico recorrente e a rejeição de pais, professores e colegas, induzem as crianças a envolverem-se com grupos que sejam imagens delas mesmas, caracterizando-se por atitudes negativas sobre a escola e sobre a autoridade de adultos; tal envolvimento aumentaria a chance do envolvimento com drogas, cabulação e delinquência. Finalmente, O Adulto de Trajetória Anti-social, sendo a descrição de possíveis conseqüências a longo prazo, tais como dificuldade de manter empregos, possuir posições inferiores, terem casamentos infelizes e divórcios, problemas com álcool, drogas e polícia e falta de habilidades sociais.

Mattos (1983) já criticava metodologias utilizadas em estudos de desenvolvimento, pois muitos consideram mais variáveis distais que proximais. A autora propõe que se façam medidas proximais, isto é, não bastaria dizer que depressão materna, ou renda familiar baixa causariam problemas de comportamento, é importante investigar como uma mãe deprimida interage com seu filho, pois é esta interação, se reforçadora, se punitiva, se consistente ou não, que fará com que problemas de comportamento apareçam. O mesmo raciocínio poderia ser apresentado à renda familiar, pois esta pode impedir o acesso a brinquedos e a conseqüente possibilidade de brincar o que, por sua vez, dificultaria a promoção de habilidades; entretanto, se a família pôde comprar brinquedos, mas impediu que a criança brincasse com os mesmos, tal desenvolvimento não seria garantido; ao contrário, se uma família não pôde ter acesso a brinquedos, mas foi instruída ou teve criatividade para fazer brinquedos de sucata e estimula seus filhos a brincar, é possível que esta criança, ainda que em situação de pobreza, tenha um desenvolvimento satisfatório. Investigar variáveis distais é importante para dar dicas de hipóteses a serem levantadas quanto à variáveis proximais.

De Oliveira (1998) apresenta modelos de risco para o desenvolvimento humano que contribuem para o entendimento quanto o surgimento de problemas de comportamento. Segundo o autor há duas vertentes de pesquisa sobre risco em desenvolvimento humano: a) a natureza das condições de risco (tem sido mais investigada) e b) as possíveis trajetórias de seus efeitos, no decorrer do tempo (tem sido menos investigada).

A primeira vertente ou questão de pesquisa possui três linhas de pesquisa, em que uma delas aponta para a possibilidade da multideterminação, isto é, problemas de comportamento poderiam ocorrer devido à interação entre fatores de risco genéticos e ambientais; a segunda prioriza a descrição de condições de risco específicas ao organismo e ao contexto, destacando a falta de estimulação e a punição física, no entanto, os danos seriam mais reversíveis quanto maiores fossem os fatores de proteção (por exemplo, bom funcionamento familiar, atenção, afeto e apoio, trabalho apropriado, educação – Eisentein e de Souza, 1993); a terceira linha de pesquisa focaliza condições de risco distais, meio-proxiais e proximais, em que haveria diferenças entre indicadores de risco e mecanismos de risco; indicadores de risco atuariam indiretamente (variáveis distais, como renda familiar, por exemplo – Mattos, 1983) e mecanismos de risco teriam efeitos diretos no desenvolvimento da criança.

A segunda vertente de pesquisa diz respeito às possíveis trajetórias dos efeitos de risco no curso de vida e estaria subdividida em quatro possibilidades não excludentes: 1) modelo da vulnerabilidade: os fatores de risco atuariam de forma latente, a princípio deixando a criança apenas vulnerável, porém, frente a situações estressantes, ela poderia desenvolver distúrbios psicológicos; 2) modelo da continuidade dos primeiros efeitos: diz respeito a fatores de risco iniciais que trazem efeitos imediatos e persistentes, onde há o destaque para as práticas parentais; 3) modelo dos efeitos cumulativos: destaca a estabilidade dos fatores de risco, isto é, fatores de risco, que ocorressem apenas na fase pré-escolar, por exemplo, dificilmente acarretariam problemas, ao contrário, se tais fatores persistirem em outros momentos da vida, então haveria problemas de comportamento; e 4) modelo dos efeitos

posteriores: que considera os efeitos iniciais como desprezíveis, sendo importantes apenas os efeitos mais recentes ou atuais.

Resumindo o exposto até aqui, pode-se dizer que: a) problemas de comportamento são tidos, pela literatura, prioritariamente enquanto comportamentos externalizantes, que teriam a função de contra-controlar, isto é, são efetivos para reduzir comportamentos aversivos de familiares (Patterson et al., 2002); b) são comportamentos multideterminados, à medida que variáveis como história de vida familiar (Patterson et al., 2002), práticas parentais (Conte, 1997; Kaiser & Hester, 1997; Loeber & Hay, 1997; Patterson et al. 1989; Patterson et al. 2002; Webster-Stratton, 1997) condição sócio-econômica (Patterson et al. 2002), eventos estressantes (Patterson et al. 2002; Webster-Stratton, 1997), conflitos conjugais (Paulak & Klein, 1997; Patterson et al., 2002), hereditariedade dos pais e da criança (Gomide, 2001; Patterson et al., 2002), patologia parental (Hoffman & Youngblade, 1998; Patterson et al., 2002), Bugental & Johnston, 2000) características da criança (Gomide, 2001; Patterson et al., 2002) e da escola (Booth, 1997; Patterson et al., 2002; Romero, 1995; Webster-Stratton, 1997), podem influenciar o surgimento e/ou manutenção de tais comportamentos, sendo que a operacionalização destas variáveis constitui desafio para pesquisadores e profissionais da área; c) parece que problemas de comportamento são maiores quanto mais fatores de risco estiverem combinados e/ou acumulados (De Oliveira, 1998; Kinard, 1995; Patterson et al., 2002).

A partir do trabalho de revisão do pesquisador De Oliveira (1998), a posição assumida, neste trabalho, é que problemas de comportamento são multideterminados, influenciados por variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais (Skinner, 1984), entendendo o fenômeno numa perspectiva operante; o que significa que há tendências genéticas para comportar-se, no entanto, os repertórios são mantidos devido às histórias ontogenética e cultural que os selecionam, isto é, os modelam; desta forma, acredita-se que a história de aprendizagem da criança é muito importante para entender padrões comportamentais atuais.

Parte das variáveis apontadas poderiam ser consideradas distais, tais como hereditariedade e condições sócio-econômicas, outras poderiam ser consideradas como meio-proxiais (conflitos conjugais, por exemplo) e outras proximais ou dinâmicas (como práticas parentais). Concordando com Mattos (1983) acredita-se que tais variáveis mais distais ou fatores de risco precisam ser mensurados porque interferem nas variáveis dinâmicas, as quais teriam uma importância maior, à medida que oferecem mais informações acerca das contingências que controlam o responder considerado “indesejado”. A seguir apresenta-se um exemplo hipotético na tentativa de analisar conjuntamente algumas destas variáveis.

Por exemplo, pais com história familiar de pouca interação social positiva, controle coercitivo e/ou com dificuldades pessoais (por exemplo depressão, alcoolismo, drogadição) poderiam ter maior dificuldade de desenvolverem habilidades sociais e práticas educativas menos coercitivas, pois coerção gera pouca flexibilidade comportamental e subprodutos, tais como ansiedade, tristeza (Sidman, 1995). Em outras palavras, estas pessoas não teriam tido oportunidade de aprender a resolver eficientemente problemas, fazer amizades duradouras, saber comunicar-se e ser afetivos, enfim, ter habilidades de interação social e de resolução de problemas mais satisfatórias. Consequentemente, teriam menos acesso a reforçadores, como eliminação de problemas, bons trabalhos, pessoas com quem contar, modelos de empatia e de afeto; tais dificuldades poderiam levar a um quadro depressivo, ainda mais se houver predisposição genética. O uso de álcool e/ou drogas pode acontecer pois o uso reduz ansiedade, provocada pelas contingências aversivas às quais estariam expostas. Estas pessoas poderiam ser pais e mães e como não aprenderam repertórios positivos, tenderiam a reproduzir o modelo coercitivo ao qual foram submetidos e, portanto, modelados; além disso, é possível que tenham mais dificuldades em obter sucessos financeiros, afinal poderiam ter sido crianças problema no passado, com fracassos escolares e conseqüentes dificuldades em conseguir e manter empregos; crises conjugais poderiam aparecer devido ao *déficit* em resolução de problemas, comunicação, expressão de afeto, ou seja, poderiam ter muitas

dificuldades a administrar e, assim, teriam ainda mais dificuldades em controlar raiva e resolver conflitos na interação com seus filhos. Assim, o ciclo continua, pois as crianças poderiam ser privadas de atenção, carinho, aos quais o ser humano é predisposto a ser sensível (Bussab, 2000), além de serem agredidas, o que gera contracontrole (Sidman, 1995), baixa flexibilidade comportamental e baixa auto-estima (Skinner, 1993/1953); criando um ciclo vicioso de interação; isto ocorreria pois a criança, igualmente como os pais, na sua origem, teve acesso a essas contingências que acabaram por modelar os mesmos comportamentos altamente coercitivos, ao invés dos socialmente adequados, ainda mais se a criança tem predisposição genética a ser mais agitada e menos sensível aos efeitos da punição. Estes seriam os chamados problemas de comportamento, no caso externalizantes, os quais incomodariam os pais que tenderiam a punir ainda mais como forma de contracontrole e, como comportar-se coercitivamente é o único repertório aprendido pela criança ela continuaria a fazê-lo não só no ambiente familiar, mas também no escolar. Aqui a criança passa a ser não apenas rejeitada pela família, mas também por professores e colegas (devido também ao despreparo da escola que tende a reproduzir o modelo coercitivo), pois ela é aversiva aos outros, devido a *déficits* em habilidades como comunicação adequada, leitura ambiental, expressão de afeto, habilidades acadêmicas e também a excessos comportamentais, como agressividade, hiperatividade, irritabilidade. Tal rejeição pode levar ao isolamento, à depressão, pois tudo que a criança sabe fazer não lhe dá acesso a reforçadores, o que também pode fazê-la interessar-se por grupos, cujos membros são semelhantes a ela, e conseqüentemente, ela poderia tornar-se delinqüente e também usuária de drogas e assim sucessivamente, até tornar-se um adulto com sérios problemas que, por sua vez, pode interessar-se pela paternidade e o ciclo continuaria.

Das diversas variáveis distais e proximais que podem influenciar o surgimento e manutenção de problemas de comportamento as práticas parentais são a de maior interesse para este trabalho. Desta forma, a próxima seção tratará de estilos parentais e problemas de

comportamento, finalizando com alguns trabalhos que apontam como variáveis de contexto poderiam interferir nas práticas educativas.

Estilos Parentais, Problemas de Comportamento e Variáveis de Contexto

Estilos Parentais e Problemas de Comportamento.

Pacheco, Teixeira e Gomes (1999) citam Maccoby e Martin (1983) para classificar estilos parentais em quatro tipos: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente. Estilo parental refere-se à forma como os pais lidam com questões de poder e de hierarquia, sendo a combinação entre responsividade e exigência; responsividade são atitudes parentais que favorecem a individualidade e auto-afirmação dos filhos através de apoio e empatia; exigência refere-se às atitudes parentais que implicam em supervisão e disciplina. Retomando os quatro tipos de estilos parentais, tem-se que pais e mães autoritários seriam altamente exigentes e pouco responsivos às necessidades dos filhos; o que importaria seria o respeito pela autoridade e pela ordem. Pais e mães indulgentes seriam altamente responsivos, porém, pouco exigentes. Já o estilo negligente, implicaria em baixa responsividade e baixa exigência. No quarto tipo de estilo, os pais e as mães autoritativos seriam altamente responsivos e exigentes, sendo, conforme Pacheco, Teixeira e Gomes (1999), uma prática com autoridade assertiva, competente, em que ocorreria o estabelecimento de limites, monitoração, reforçamento, empatia, sem, contudo, valer-se de punição.

Há diversos pesquisadores interessados em entender como estilos parentais interferem no padrão comportamental de filhos. A seguir são apresentados alguns estudos preocupados com esta temática.

Pacheco, Teixeira e Gomes (1999) estudaram 193 adolescentes que falaram sobre suas próprias habilidades sociais e também sobre os estilos parentais que vivenciaram. Os principais resultados são: a) a agressividade foi mais citada por grupos de adolescentes que têm pais negligentes que por adolescentes que têm pais autoritativos; b) a ansiedade foi mais

freqüente para autoritativo e autoritário sugerindo que exigência traz ansiedade, pois, para os autores, a exigência pode não favorecer o desenvolvimento de formas adequadas para lidar com situações interpessoais; c) índice de incômodo foi maior para autoritário e negligente, ao contrário, o índice de satisfação foi mais citado por adolescentes que vivenciaram o estilo autoritativo; d) quanto mais ocorre a responsividade, menor o índice de incômodo e menor a agressividade; e) os autores concluem que o estilo autoritativo leva a maior ajustamento, menos comportamentos agressivos, menor índice de incômodo e maior satisfação, portanto, os jovens tornaram-se mais autoconfiantes e habilidosos. Por outro lado, estilo negligente leva a baixo desempenho social (dificuldade de iniciar relacionamento, solicitar mudança de comportamento, expressar sentimentos, expressar opiniões, falar em público), menos ajustamento, mais comportamentos agressivos e maior índice de incômodo. Já o estilo autoritário levaria a grande ansiedade e baixa auto-confiança, ainda que os jovens tivessem desempenho adequado. Finalmente, o estilo indulgente gera incômodo e pouco repertório. Desta forma, os pesquisadores consideram que a exigência, entendida como supervisão e controle, pode evitar problemas de comportamento.

Conforme os pesquisadores citados acima a exigência parental, tanto no estilo autoritário como autoritativo, parece gerar ansiedade, então é possível que a exigência não garanta a aquisição de repertórios. No entanto, como o desconforto é menor para o segundo modelo, é possível que ainda que haja ansiedade, a responsividade, própria do estilo autoritativo, permite, combinada com a exigência, a aquisição de repertórios, respeitando as necessidades do filho e modelando sucessivamente tais comportamentos. Além disso, estes pais devem emitir mais freqüentemente comportamentos socialmente adequados, como expressão de sentimentos, opiniões, comunicação, dando modelos e modelando habilidades que aumentem a chance de sucesso interpessoal.

Walsh, Lacznia e Carlson (1998) avaliaram como mães estabeleciam limites quanto ao comportamento dos filhos de assistir televisão. Novamente diferenças entre estilos

parentais foram encontradas: a) mães autoritativas restringiam e eram carinhosas, assumindo a responsabilidade parental em mediar os efeitos da televisão e ensinar acerca de consumo; elas tendiam a usar informações e davam opiniões sobre a televisão; b) mães indulgentes evitavam restringir os comportamentos dos filhos e buscavam outros membros da família para mediar a televisão das crianças; c) mães negligentes e autoritárias achavam que não tinham que assumir a responsabilidade parental em restringir a televisão, e as negligentes davam feedback misto sobre opiniões de outros. Este estudo permite levantar hipóteses sobre porque no caso do estilo autoritativo a exigência é benéfica, afinal, as mães que valem-se deste estilo, acabam restringindo, mas parecem conversar e explicar com dados de realidade, dando suas próprias opiniões, e, portanto, entendem como papel da família ensinar a criança a analisar o que assiste na televisão.

Brenner e Fox (1998; 1999), ao estudar 1056 mães de crianças de 1 a 5 anos de idade, concluíram que problemas de comportamento são mais freqüentes frente ao uso de punição (verbal ou física) e ao pouco cuidado/afeto fornecido à criança, o que parece concordar com o estilo autoritário. Estas mães tinham uma tendência a esperar que seus filhos emitissem comportamentos para os quais ainda não estavam preparados, seja por razões filogenéticas ou ontogenéticas, o que, segundo os autores, pode tanto resultar em encorajamento (positivo) como em pressão excessiva (negativo), isto é, as necessidades da criança eram desrespeitadas. Por outro lado, a baixa expectativa dos pais pode ser positiva desde que dêem espaço para a criança aprender, porém pode ser prejudicial caso os pais comportem-se de forma negligente. Assim, parece que, para haver uma boa prática educativa, os pais precisam ter expectativas realistas em relação a seus filhos e encorajá-los ao sucesso possível de atingir, mas como afirmam Brenner e Fox (1999), há uma carência de pesquisas nesta área, dificultando maiores conclusões. Fox, Platz e Bentley (1995) também verificaram, ao estudar 1056 mães, uma correlação entre problemas de comportamento, práticas educativas punitivas e poucas práticas de cuidado/carinho à criança.

Na mesma direção, Alvarenga e Piccinini (2001) descobriram que mães de crianças pré-escolares com problemas de comportamento utilizavam mais práticas coercitivas (55%) que mães de crianças sem queixas clínicas (33%). Por outro lado, os autores descobriram que práticas não-coercitivas eram mais frequentes para o grupo não-clínico (55%) que para o clínico (33%). Percebe-se que ambos os grupos utilizavam estratégias coercitivas e não-coercitivas, ainda que apenas um deles apresentasse crianças com problemas de comportamento. Alvarenga (2001) define práticas coercitivas como sendo punição verbal, ameaça de punição, privação/castigo, coação física e punição física e define práticas não-coercitivas como negociação, explicação apontando conseqüências, explicação baseada em convenção, mudanças nos hábitos da criança e comando verbal não-coercitivo.

Bolsoni-Silva, Del Prette e Oishi (2003) e Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) também encontraram que familiares de crianças com problemas de comportamento valiam-se mais do estilo autoritário nas relações com os filhos, no entanto, verificaram também que crianças indicadas como socialmente adequadas também eram punidas, pelos pais e pelas mães, ainda que mais esporadicamente. Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) descobriram ainda que as habilidades sociais educativas (HSE-P) dos pais que provavelmente influenciavam positivamente a educação dos filhos eram: expressar sentimentos positivos e opiniões, cumprir promessas, receber críticas, evitar o uso de punições, elogiar comportamentos habilidosos, haver concordância entre o casal e haver maior participação do pai.

Strand, Wahler e Herring (2001) encontraram resultados semelhantes ao verificarem que estilos parentais que recompensavam obediência e puniam ou extinguíam comportamentos “indesejados” foram mais frequentes em episódios com crianças obedientes que opositivas. Similarmente, as mães de crianças opositivas recompensavam comportamentos “indesejados” e puniam ou extinguíam comportamentos “desejados” mais frequentemente que mães de crianças obedientes. Os autores concordam que estilos parentais responsivos ajudem a superar alguma falha no responder pró-social da criança.

Os resultados destas pesquisas (Alvarenga & Piccinini, 2001; Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva et al., 2003; Strand et al., 2001) permitem pensar que os efeitos da punição podem ser minimizados se esta for menos freqüente e se outras habilidades parentais co-ocorrerem, tais como expressão de sentimentos, expressão de opiniões, comunicação positiva, reforçamento positivo e consistência nas práticas parentais.

Na tentativa de relacionar estilos parentais com distúrbios de ansiedade, Hudson e Rapee (2001) avaliaram 95 crianças e suas mães e chegaram aos seguintes resultados: a) em situações difíceis e estressantes, mães de crianças ansiosas eram mais complicadas e intrusivas; b) as mães de crianças ansiosas eram mais negativas que mães de crianças não-clínicas; c) houve correlação entre rejeição parental e ansiedade da criança; d) as mães envolviam-se menos com seus filhos, conforme iam ficando mais velhos; e) pouco envolvimento e negatividade parentais parecem ser características importantes de crianças ansiosas durante a infância.

Com base em breve revisão da literatura, é possível concluir que os estilos autoritário (Brenner & Fox, 1998; Brenner & Fox, 1999; Fox et al., 1995; Kinard, 1995; McCord, 1979; Pacheco et al., 1999) e negligente (Kinard, 1995; Pacheco et al., 1999) podem trazer problemas de comportamento, baixa auto-confiança (Pacheco et al., 1999), baixa auto-estima (Pawlak & Klein, 1997) e ansiedade (Hudson & Rapee, 2001). Tais achados concordam com pesquisadores da Análise do Comportamento (Sidman, 1995; Skinner, 1993/1953) que acreditam que a coerção gera pouca flexibilidade comportamental, e, portanto, mais dificuldades interpessoais, além de subprodutos, como ansiedade, baixa auto-confiança - pois o fracasso é mais freqüente que o sucesso - e baixa auto-estima, o que deve ser função do atendimento insatisfatório das necessidades da criança.

Além disso, parece que habilidades parentais que envolvem empatia, satisfação das necessidades da criança, consistência, expressão de sentimentos, opiniões, comunicação e estabelecimento de limites são fatores de proteção contra o surgimento e manutenção de

problemas de comportamento. Parte destas habilidades podem ser utilizadas em momentos que a criança emita comportamentos “indesejados”, como por exemplo estabelecer limites, expressar sentimentos de desagrado; porém, outras habilidades, como expressão de sentimentos positivos, expressão de opiniões, manter conversação, fazer perguntas devem ser emitidas em diversas interações sociais, como refeições, lazer (brinquedos, parques, televisão), reuniões familiares etc. Os familiares passam, muitas vezes, a interagir com as crianças apenas nos momentos de corrigir (Sidman, 1995), deixando de aproveitar diversos outros momentos de interação social. Como consequência as relações passam a ser aversivas, a maior parte do tempo, para ambos – familiares e filhos – que passam apenas a interagir coercitivamente. Talvez seja esta a diferença entre as famílias de crianças com e sem problemas de comportamento, à medida que no primeiro caso, é possível que haja pouca interação social positiva, ao contrário das famílias com crianças consideradas socialmente adequadas, pois ainda que haja punições, há diversos outros repertórios parentais que garantam a afetividade, o cuidado e os limites consistentes. Além disso, nas famílias autoritativas, a forma de estabelecer limites pode ser diferente, como apontado por Alvarenga e Piccinini (2001) em cujo estudo havia o predomínio das práticas não-coercitivas que coercitivas, porém faltam estudos para afirmações mais conclusivas.

Estes conceitos têm repercussão para a prática, à medida que se deve ensinar pais e mães a ampliarem o repertório socialmente adequado dos filhos, emitindo, eles próprios HSE-P, para que assim os filhos possam desenvolver mais repertórios, dentre outros, de afetividade, controle de emoções e de resolução de problemas e, como efeito, é possível, que comportamentos “indesejados” desapareçam, por terem perdido a função de contracontrole.

Importante considerar que quem controla as contingências da criança é o adulto e, portanto, este precisa saber que nem sempre o que é “indesejável” é realmente um comportamento problema, pois a dificuldade pode estar no repertório parental e não no da criança. Por exemplo, esta pode começar a emitir opiniões que contrariem as dos pais, os

quais podem puni-la; como expressar opiniões é uma habilidade importante para o desenvolvimento social da criança, pois vai lhe permitir o acesso a novas contingências reforçadoras fora do ambiente familiar, seriam, então, os pais quem deveriam aprender sobre a importância desta habilidade e reforçá-la, ao invés de puni-la, cabendo, aos profissionais, tecer orientações nesta direção. As relações interpessoais devem ser pautadas no respeito mútuo e no equilíbrio de reforçadores, para que ambos os pólos sejam igualmente reforçados (Baum, 1999; Del Prette, Del Prette & Branco, 1992). Desta forma, o critério para definir se um comportamento é problema ou não é o quanto este impede à criança de entrar em contato com outras contingências reforçadoras, que, por sua vez, vão permitir a aquisição de habilidades promotoras do desenvolvimento (Rosales-Ruiz & Baer, 1997).

Entretanto, alguns estudos (Alvarenga & Piccinini, 2001; Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002) mostraram que a punição não foi impeditiva da aquisição de repertórios socialmente adequados, além disso, estilo autoritativo, que parece ser o mais adequado para evitar problemas de comportamento, tem alto grau de exigência, o que implica que os pais e as mães freqüentemente preocupam-se em estabelecer limites. Ainda que autores (por exemplo Alvarenga 2001; Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Sidman, 1993; Skinner, 1953/1993) defendam o não uso da punição no estabelecimento de limites, é difícil imaginar o estabelecer limites sem que algum desejo da criança deixe de ser atendido; neste caso, ainda que a criança passe por um processo de negociação, ela terá que perder algo, o que caberia na definição de Punição Tipo II, por perda de reforçadores. Desta forma, entendem-se como pais socialmente competentes, aqueles capazes de garantir as necessidades biológicas, sociais e afetivas da criança e que consigam estabelecer limites com o máximo de reforçadores positivos e o mínimo possível de punições, especialmente as do Tipo I.

A partir do exposto até este momento, vale discutir, a seguir, diferenças e semelhanças entre a forma como pais e mães interagem com seus filhos, bem como tecer algumas considerações sobre relações com problemas de comportamento.

Estilos Parentais Materno e Paterno.

Nesta seção são apresentados alguns trabalhos que apontam para diferenças entre estilos materno e paterno.

Costa, Teixeira e Gomes (2000) avaliaram, com 378 adolescentes, dimensões de responsividade e exigência materna e paterna. Alguns resultados encontrados são: a) tanto a exigência como a responsividade foram maior para as mães que para os pais; b) a proporção de estilos parentais, encontrada na amostra, foi 13,3% autoritário, 36,7% autoritativo, 14,5% indulgente e 35,5% negligente. Os autores hipotetizam que talvez as mães sejam submetidas mais intensamente às práticas educativas que os pais, o que as levou a apresentar escores mais elevados para exigência, e/ou, então, elas poderiam reconhecer as influências parentais mais do que os homens. Silva (2000) descobriu que, segundo relatos de homens e de mulheres, as mães foram consideradas mais participativas na educação dos filhos que os pais, e conforme os achados de Costa, Teixeira e Gomes (2000) elas parecem emitir mais comportamentos que previnem o surgimento de problemas de comportamento, isto é, exigência e responsividade.

Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), ao analisar entrevistas de pais e de mães de crianças com e sem problemas de comportamento, encontraram diferenças entre relatos de mães e de pais. As mães relataram conversar mais com os filhos, bem como expressar mais sentimentos e opiniões, estabelecer limites e elogiar comportamentos adequados. Quando questionadas sobre as estratégias utilizadas para estabelecer limites, elas relataram, em maior medida que os pais, bater, colocar de castigo, gritar e fazer ameaças, isto é, estratégias coercitivas, apesar de tentarem primeiramente conversar/pedir mudança no comportamento da criança. Uma explicação, dada pelos autores, é que possivelmente elas têm a tarefa de estabelecer limites e educar os filhos, mais do que os maridos, concordando com a hipótese levantada por Costa et al. (2000).

McHale, Updegraff, Tucker e Crouter (2000), interessados em descrever estratégias maternas e paternas frente ao relacionamento entre irmãos, observaram: a) mães ficam mais

tempo com as díades (meninas/meninas; meninas/meninos) que os pais; b) pais ficam mais tempo com as díades meninos/meninos; c) quanto mais tempo os pais ficavam com os filhos, maior era o grau de intimidade e de envolvimento entre eles e menores os níveis de negatividade; d) por outro lado, quanto menor o envolvimento materno em conflitos entre os irmãos, maior o grau de intimidade entre eles. Os autores concluem que as crianças parecem se beneficiar em resolver seus próprios problemas, no entanto, é pertinente ter supervisão/monitoramento dos pais.

Em estudo transcultural (Estados Unidos, Coreia, Rússia, Estônia e Kênia) Tudge, Hayes, Doucet, Odero, Kulakova, Tammeveski, Meltsas e Lee (2000) descobriram que: a) pais foram ativamente envolvidos com seus filhos, mas menos freqüentemente que as mães, isto porque eles ficavam pouco tempo com as crianças; b) pais jogavam (jogos e entretenimentos) mais com seus filhos que suas mães; c) mães ficavam mais tempo com seus filhos; d) na presença das mães, os filhos envolviam-se em outras atividades, tais como lição, conversação e trabalho.

Novamente, há dados que apontam para a maior participação materna que paterna na educação dos filhos, especialmente em atividades que envolvem monitoramento, com lição, por exemplo. Silva (2000) encontrou dados semelhantes, em que as mães conversavam com seus filhos mais sobre escola e concepções de certo e errado, enquanto que os pais conversavam mais sobre brincadeira, TV, esporte e amizades, especialmente os pais de crianças com indicativos de problemas de comportamento.

Quanto a diferenças entre pais e mães na conversação com os filhos é necessário citar algumas outras pesquisas.

Reese e Eivush (1993), ao estudarem como pais e mães falavam com seus filhos de três anos, perceberam que ambos utilizavam igualmente de falas elaborativas (por exemplo, mais narrativas estruturadas e conversação mais longa) e repetitivas (falas repetitivas, menos

estruturadas, conversação mais curta). Quanto mais elaborativas as falas, maior era o engajamento da criança na discussão de eventos.

Desta forma, parece que o conteúdo das conversações entre pais, mães e filhos é importante para o desenvolvimento da linguagem, sendo que as falas elaborativas dão mais condições para que a criança desenvolva habilidades lingüísticas e de conversação. A conversação é pré-requisito para a promoção de diversas outras habilidades sociais, tais como, expressão de sentimentos e opiniões, que são imprescindíveis às interações sociais satisfatórias.

Golinkoff e Ames (1979) apontaram semelhanças e diferenças entre interações maternas e paternas. Como semelhanças têm-se que ambos os progenitores conversavam com seus filhos com o mesmo comprimento de pronúncia, utilizando o mesmo número de verbos por pronúncia e também com a mesma proporção relativa de questões, declarações e imperativos. Entretanto, os pais faziam menos perguntas e engajavam-se menos em interações verbais com seus filhos, quando em situações de jogos livres, ainda que em situações estruturadas, o engajamento paterno e materno fosse idêntico.

Diferentemente, Malone e Guy (1982) e Bellinger e Gleason (1982) encontraram diferenças entre a comunicação materna e paterna. Descobriram que nas interações pais-filhos havia mais falas diretas (por exemplo “faça isso”) e imperativas (envolve controle, autoridade/poder), ao contrário, as mães utilizavam mais falas indiretas (por exemplo “você poderia fazer isso?”) e menos imperativas. Malone e Guy (1982) concluíram que na comunicação pai-filho havia mais controle, enquanto que a interação mãe-filho era mais centrada na criança. Além disso, as mães faziam mais questões abertas e os pais, mais questões fechadas. Questões abertas parecem promover mais o desenvolvimento da criança, afinal permitem maior aprendizagem sobre como iniciar e manter conversações.

Estes últimos resultados permitem hipotetizar que pais utilizam mais do estilo autoritário, enquanto que mães utilizariam mais do autoritativo. Diversos autores, em culturas

distintas, (Barbour, Eckhard, Davison e Kassinove; 1998; Heyman, Brown, Feldbau-Kohn & O'Leary, 1999; McCollaum e Lester; 1997), chamam atenção para a existência do machismo e do autoritarismo masculino e, é possível que tal agressividade também seja reproduzida na interação com os filhos. Mas como outras pesquisas mostraram dados contrários, isto é, que não havia diferença entre os estilos materno e paterno (por exemplo da Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Pawlak & Klein, 1997), ou ainda que mães eram mais agressivas que pais (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2000) justifica-se a realização de novas pesquisas.

Estilos Parentais e Variáveis de Contexto.

Como visto, problemas de comportamento podem surgir e manterem-se devido a diversos fatores; um deles refere-se aos estilos parentais, no entanto, outras variáveis de contexto (estrutura familiar, necessidades educativas especiais da criança, cultura, nível sócio-econômico, idade dos pais, depressão materna, conflitos conjugais e diferenças de gênero dos filhos e dos pais) podem ter uma influência direta ou indireta na forma como os pais interagem com seus filhos. Nesta seção, são descritos alguns estudos que consideram as variáveis de contexto estrutura familiar, regras parentais, relacionamento conjugal e gênero parental, por serem variáveis consideradas nesta pesquisa.

Matlack, McGreevy, Rouse, Flatter e Marcus (1994) buscaram relações entre habilidades sociais e estrutura familiar e concluíram que quanto maior a coesão familiar e famílias intactas (pais e mães convivendo com a criança na mesma residência), maior o repertório de habilidades sociais e menor a delinquência; por outro lado, quanto maiores os problemas familiares, mais freqüentes os problemas de comportamento. Os autores concluem que família estruturada e qualidade da interação familiar podem evitar problemas de comportamento. Desta forma, parece que ter família estruturada e intacta são fatores protetores para evitar comportamentos “indesejados”.

Em estudo semelhante, Fox e Sólis-Cámara (1997) avaliaram expectativas de 96 pais, 48 mexicanos e 48 americanos, com filhos entre 1 e 5 anos de idade. Os autores concluíram, ao comparar as culturas, não haver diferenças entre as práticas educativas, desde que o nível sócio-econômico fosse controlado. Sólis-Cámara e Fox (1996) compararam diferenças entre expectativas de 221 mães, conforme o sexo da criança. Os principais resultados foram: a) as mães apresentaram expectativas similares para meninos e meninas; b) mães jovens usavam mais freqüentemente punição e menos carinho/cuidado que as mães mais velhas; c) mães casadas forneciam mais carinho/cuidado que mães não casadas; d) quanto maior o nível educacional, maior o nível de carinho/cuidado oferecido à criança; e) mães com alto nível sócio-econômico tinham altas expectativas para suas crianças, usavam punição menos freqüentemente e usavam práticas de carinho/cuidado mais freqüentemente.

Já Oliveira, Frizzo e Marin (2000) avaliaram diferenças de estilos parentais com meninos e com meninas e descobriram que: a) as mães tendiam a relatar menor rejeição e irritabilidade quanto maior fosse a idade da criança (aparentemente contrariando os achados de Fox & Sólis-Cámara, 1997; Sólis-Cámara & Fox, 1995); b) as mães dos meninos relataram maior rejeição que as mães das meninas, independente das idades das crianças. Com base nestes últimos resultados é possível hipotetizar que a rejeição materna para com filhos possa ser um preditor para problemas de comportamentos externalizantes, mais freqüentes em meninos que em meninas. Hudson e Rapee (2001), ao contrário, verificaram que a rejeição levava a problemas de comportamento internalizantes. De qualquer forma, parece que práticas que envolvem rejeição são fatores de risco para problemas de comportamento.

Hoffman e Youngblade (1998) analisaram três conjuntos de variáveis em 365 famílias: humor deprimido, desemprego e estilos parentais. As principais relações encontradas são: a) mães empregadas eram significativamente menos autoritárias, menos permissivas e mais autoritativas que mães desempregadas; b) mães empregadas eram significativamente menos deprimidas que as desempregadas; c) quanto maior a depressão, maior o autoritarismo e a

permissividade (instala repertório de birra). Os autores concluem que o emprego materno é preditivo de estilo parental e humor.

De forma semelhante, Fox, Hoffman e Youngblade (1998) estudaram 365 mães, buscando relações entre emprego, bem-estar emocional, estilos parentais e classes sociais. Os autores encontraram diferenças entre mães de classe baixa e de classe média. Na classe baixa, as mães com emprego apresentaram baixos escores nas mensurações do humor depressivo e de estilos parentais autoritativos e permissivos. Este achado é importante, pois, conforme os autores, o humor depressivo influencia a orientação parental que, neste caso, tende a ser de permissividade e de autoritarismo, o que pode levar a criança a apresentar menos competência social e mais dificuldades acadêmicas. Já na classe média, os autores não observaram relação entre emprego e depressão, no entanto, foi encontrada relação entre *status* de emprego e orientação familiar, pois as mães donas de casa apresentavam orientações parentais mais autoritárias que as mães que trabalhavam fora de casa. Na classe média, as mães depressivas apresentaram baixos escores na escala de autoritarismo parental, ao contrário das mães de classe baixa.

Pelos resultados de Fox et al. (1998) parece que trabalhar fora para as mulheres não é um estressor, já que verificaram que trabalhar fora de casa, para mães de classe baixa e média, interfere positivamente nas práticas educativas, que tendem a ser menos permissivas (sem limites) e menos coercitivas, supondo que estas mães conseguem estabelecer limites, sendo socialmente mais adequadas. Uma explicação, segundo estes autores, é que a mulher que trabalha tem ganhos financeiros, em especial as de classe baixa, além de terem mais controle pessoal e de não ficarem sozinhas, talvez por isso sentindo-se mais satisfeitas e mais pacientes com os filhos.

Estes estudos alertam para a importância de avaliar estas características que parecem influenciar na prática educativa dos pais, tais como sexo e idade da criança, idade dos progenitores, estado civil e nível sócio-educacional dos pais, além de renda e emprego.

Pawlak e Klein (1997), ao analisar relações entre conflito parental, auto-estima de adolescentes e estilo parental, encontraram: a) quanto maior o conflito parental, mais pronunciado o estilo autoritário e menor a auto-estima; tal relação foi explicada, pelos autores, como sendo possível que pais autoritativos (os que usam do suporte e da empatia) sejam também esposos menos hostis, menos conflitivos, além de terem mais concordância quanto às práticas parentais; b) os adolescentes, participantes do estudo, não relataram diferenças entre estilos paterno e materno; c) houve relatos de semelhança entre os repertórios parentais e dos filhos, por exemplo, relatos de jovens que usavam de estratégias de permissividade e que foram criados por pais permissivos, ou ainda filhos de pais agressivos que são também agressivos em suas relações. Tais achados sugerem que dificuldades interpessoais acabam sendo modeladas de geração em geração.

Emery e Tuer (1993), de forma semelhante, acreditam que os conflitos conjugais interferem no relacionamento com os filhos e vice-versa, isto é, conflitos com a criança e/ou quanto à prática educativa influenciam no relacionamento conjugal. Para Christensen e Heavey (1999) desacordos conjugais aumentam o risco de problemas de comportamento. Estas afirmações concordam com os achados de Silva (2000) de que os pais das crianças com maior repertório socialmente adequado e menos indicativos de problemas de comportamento apresentavam maior concordância quanto às práticas educativas, favorecendo, assim, uma educação mais consistente à criança.

Já Fincham e Beach (1999) apontam que o conflito conjugal também pode afetar negativamente tanto a saúde dos cônjuges (depressão, distúrbios alimentares, alcoolismo, distúrbios de ansiedade e psicopatologias) quanto a saúde familiar (práticas parentais pobres, ajustamento pobre da criança, aumento da probabilidade de conflitos pais-criança e conflitos entre irmãos).

Nesta direção, Gottman (1998) aponta que o sofrimento e o conflito conjugal podem favorecer o surgimento de dificuldades para a criança, tais como depressão, competência

social pobre, problemas de saúde e desempenho acadêmico pobre. Loeber e Hay (1997), de forma semelhante a Sidman (1995), afirmam que a exposição da criança a níveis intensos de violência e conflito criam uma preocupação com a agressão, favorecendo um aumento de suas próprias tendências agressivas. Assim, é possível concluir que além dos conflitos conjugais causarem dificuldades na saúde da criança, estão servindo de modelo de agressividade à mesma, a qual passa a emitir tais comportamentos para conseguir que as pessoas façam o que deseja.

Epstein e Schlesinger (1995) aponta para a existência de vários agentes de stress que afetam os relacionamentos familiares, tais como nascimento de filho, morte na família, mudanças no trabalho (por ex. promoções e aposentadoria), divórcio e diferentes métodos de educar os filhos.

Os cônjuges, ao se casarem, trazem consigo regras de suas famílias de origem e muitas vezes, falham em formar suas próprias regras, assim, um cônjuge pode assumir determinadas estratégias de educar os filhos que são incompatíveis à opinião do outro. Consequentemente, podem ocorrer conflitos entre o casal e um prejuízo na educação do filho, a qual não tem a consistência adequada. Quando não há consistência entre as práticas educativas do pai e da mãe, a criança passa a ter dificuldades em compreender conceitos de limites e de certo e errado, pois aprende, desde cedo, a se comportar diferentemente diante de cada um dos cônjuges, de forma a atingir seus objetivos.

Ao analisar diversos autores (p. ex. Beck, 1995; Bugental & Johnston, 2000; Christensen & Heavey, 1999; Dattilio, 1995; Epstein & Schlesinger, 1995; Fincham & Beach, 1999; Gottman, 1998; Rangé & Dattilio, 1998) é possível concluir que eles concordam que as principais dificuldades conjugais sejam as de comunicação, de expressão de sentimentos positivos, às referentes às atitudes e expectativas e as que envolvem resolução de problemas, o que parece ser dificuldades semelhantes às encontradas pelos pais e pelas mães na interação com seus filhos.

Assim, conflitos conjugais parece ser uma variável de contexto relacionada a práticas parentais, pois é possível que casais que tenham conflitos acabem sendo mais autoritários com seus filhos (Pawlak & Klein, 1997). Ao contrário, pais que tenham mais repertório para resolver problemas de natureza conjugal, inclusive conversam sobre a educação dos filhos, podem ser mais consistentes e participativos (Silva, 2000);

Habilidades Sociais Educativas Parentais

Del Prette e Del Prette (2002) propuseram as seguintes definições para formas de interagir socialmente: “... [pessoa] habilidosa (que demonstra assertividade, empatia, expressão de sentimentos positivos ou negativos de forma apropriada, civilidade etc.), [pessoa] não habilidosa passiva (que demonstra esquiva ou fuga ao invés de enfrentamento da situação) e [pessoa] não habilidosa ativa (que demonstra agressividade, negativismo, ironia, autoritarismo etc.).” (p. 65).

Silva (2000), Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) e Bolsoni-Silva e Marturano (2002) afirmam que a HSE-P dialogar com os filhos é muito importante no contexto educativo, pois refere-se ao repertório inicial para o desenvolvimento de todas as demais HSE-P, tais como fazer perguntas, expressar sentimentos, expressar opiniões, ter consistência na prática educativa, desculpar-se e estabelecer limites. Estas HSE-P são o meio pelo qual os pais transmitem padrões, valores e normas de comportamento da cultura para os filhos, o que segundo Biasoli-Alves (1994) faz parte do papel da família, enquanto primeiro ambiente socializador da criança. Além disso, os indivíduos socialmente competentes geralmente apresentam melhor expressão verbal e não verbal, como variações de postura, maior tempo de fala e maior frequência de perguntas (Del Prette, Del Prette, Torres & Pontes, 1998).

Autores (por exemplo Caballo, 1991; Del Prette & Del Prette, 1999; Del Prette & Del Prette, 2001) do campo teórico-prático do treinamento em habilidades sociais consideram a expressão de sentimentos de agrado e desagrado, especialmente de forma espontânea, como

essenciais para a promoção de relacionamentos interpessoais satisfatórios. Conforme Silva (2000), os pais que expressam espontaneamente sentimentos positivos e negativos em relação aos comportamentos dos filhos os estão ajudando a discriminar comportamentos considerados como positivos, pelos pais e possivelmente pela sociedade, e também os considerados “indesejáveis”, facilitando, assim, que os filhos aprendam qual padrão comportamental é esperado, aumentando a frequência de comportamentos habilidosos e reduzindo os “indesejáveis” (precursores de problemas de comportamento).

Entretanto, para uma educação efetiva e relacionamento positivo entre pais e filhos não basta expressar os sentimentos é preciso que os pais o façam de maneira socialmente adequada, ou seja, apontando, no caso de sentimentos negativos, qual comportamento não gostou, dizendo o que sentiu frente ao comportamento da criança e sugerindo alternativas para que se comporte de forma mais adequada, sem contudo, valerem-se de acusações do tipo “você não tem consideração” ou “você é uma criança má”, que interferem na auto-estima da criança e prejudica as interações pais-filhos. Os pais também podem utilizar estratégias educativas, diante de comportamentos “indesejados” dos filhos, que priorizam a expressão de opiniões e a solicitação adequada de mudança de comportamento, por exemplo “... eu não gostei do que você fez (expressão de sentimento, apontando o comportamento da criança), eu prefiro que você se comporte desta outra maneira (expressão de opinião e solicitação específica de mudança de comportamento) para que[possamos nos entender melhor (possível consequência positiva frente à mudança comportamental da criança). Certamente, frente a comportamentos habilidosos dos filhos, os pais deveriam elogiar e expressar agrado, promovendo e/ou fortalecendo a aquisição de comportamentos socialmente mais aceitos. Com tais procedimentos educativos, os pais estariam sendo habilidosos em uma HSE-P mais ampla, de estabelecer limites, sem necessitarem utilizarem-se da coerção, que como apontado por autores da Análise do Comportamento, trazem consequências prejudiciais à pessoa punida e ao agente punidor.

Cumprir promessas também é uma HSE-P importante, pois os pais ao prometerem e não cumprirem fazem com que os filhos sintam-se enganados, prejudicando o relacionamento pais-filhos. Por outro lado, os pais ao cumprirem as promessas estão servindo de modelo aos filhos, os quais provavelmente reproduzirão tal habilidade, além de aumentarem sua confiança no relato dos pais (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Silva, 2000).

HSE-P como entendimento do casal quanto à educação do filho e a participação de ambos progenitores na divisão de tarefas educativas, segundo Silva (2000), foram muito mais freqüentes no grupo de pais de crianças com comportamentos socialmente adequados.

Finalmente, a HSE-P de desculpar-se com os filhos precisa ser considerada. Os pais ao pedirem desculpas, estão admitindo próprios erros e ensinando os filhos a comportarem-se de forma parecida, desejo dos pais. No entanto, Silva (2000) observou em seus dados que os pais têm receio de admitir próprios erros aos filhos, temendo que estes deixem de respeitá-los, percam noções de limites etc. Desta forma, poucos pais relataram pedir desculpas a seus filhos, apesar de sentirem muita culpa e comportarem-se de forma a aliviar este sentimento, por exemplo beijando o filho, quando este dormia. Tal resultado mostra a influência de crenças culturalmente aceitas, tais como a de que os pais devam manter certo distanciamento dos filhos, para que estes “não se estraguem” e a de que os pais nunca estão errados ou nunca devem demonstrar isto a seus filhos. Estas crenças ou auto-regras podem ser consideradas falsas, à medida que não descrevem totalmente uma contingência, pois a admissão, pelos pais, de próprios erros não prejudica a educação, ao contrário, ensinam os filhos, por modelação, a admitir os próprios erros e pedir desculpas quando necessário, sendo inclusive o desejo dos pais. No entanto, para promover tais habilidades em seus filhos, os pais tendem a punir a criança quando ela não pede desculpas, além de privá-la de modelo adequado à promoção deste comportamento.

Assim, é possível afirmar que o ambiente familiar pode tanto promover comportamentos socialmente habilidosos, como favorecer o surgimento e/ou manutenção de comportamentos “indesejáveis”. Portanto, o estudo da família é muito importante para compreender tanto o relacionamento promovido entre pais e filhos, como possíveis determinantes de problema de comportamento.

Objetivos.

A partir do exposto até o momento e de investigações anteriores (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva et al., 2003; Silva, 1997; Silva et al., 2000; Silva, 2000) surge a presente pesquisa preocupada em responder às seguintes questões: a) as habilidades sociais educativas (HSE-P) de pais são semelhantes ou diferentes das HSE-P de mães? e b) as HSE-P de genitores que possuem filhos com indicativos escolares de problemas de comportamento são diferentes das HSE-P de genitores que possuem filhos com indicativos escolares de comportamentos socialmente habilidosos?

Conseqüentemente, a investigação visa entender relações estabelecidas entre pais e filhos, comparando as HSE-P de diferentes grupos: a) pais x mães e b) pais (mãe/pai) de filhos com indicativos escolares de problemas de comportamento x pais (mãe/pai) de filhos com indicativos escolares de comportamentos socialmente habilidosos.

O termo indicativos escolares refere-se às crianças que foram indicadas, pelas professoras, como tendo problemas de comportamento (IPC) ou comportamentos socialmente habilidosos (ICSA). Diversos estudos (Gerber & Semmel, 1984; Gresham, 1996; Gresham, Reschly & Carey, 1987; Gresham, McMillan & Bocian, 1997) têm mostrado que professores são bons avaliadores do conhecimento e do repertório de seus alunos, justificando utilizá-los para encontrar os grupos de crianças IPC e ICSA.

Método

Participantes

Participaram do estudo 96 pais biológicos de crianças com idade entre cinco e sete anos, matriculadas em 13 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS), distribuídas geograficamente por uma cidade do interior de São Paulo, organizados em dois grandes grupos: a) 48 pais (24 mães e 24 pais) de crianças com indicação escolar de problemas de comportamento (IPC) e b) 48 pais (24 mães e 24 pais) de crianças com indicação escolar de comportamentos socialmente adequados (ICSA).

Para compor a amostra foram visitadas 13 EMEIS, solicitando-se a colaboração dos professores (que assinaram um termo de consentimento informado - Anexo 1), na indicação de até três alunos com: a) maiores indicativos de problema de comportamento; e b) maiores indicativos de comportamentos socialmente adequados. Além disso, foi solicitado que o(a) professor(a) respondesse a dois instrumentos para cada uma das crianças indicadas: a) Questionário de comportamentos socialmente adequados para professores (QCSA-PR) (Anexo 2, Silva, 2000) e b) ECI professores (Anexo 3, Santos, 2002). Os instrumentos foram aplicados pela pesquisadora, que fez as questões abertas oralmente e assinalou as respostas dadas. Os professores foram orientados quanto à necessidade de sigilo sobre suas indicações e orientados a responder aos pais, que porventura perguntassem, que as crianças foram escolhidas mediante sorteio, para evitar prejuízos à coleta de dados (vieses). A versão original do instrumento ECI para professores tem formato de auto-aplicação, porém neste trabalho a pesquisadora o aplicou no formato acima indicado.

Foi perguntado aos professores/diretoria (ou aos próprios pais quando a escola não soube informar) se as crianças indicadas moravam com os pais biológicos, pois este trabalho teve por critérios a participação apenas de pais biológicos que vivessem maritalmente, à medida que variáveis genéticas e de relacionamento conjugal podem interferir no surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento. Outros critérios para incluir os

participantes foram: a) crianças IPC atingirem a pontuação da ECI-professores para problema de comportamento (maior ou igual a 9); b) incluir o mesmo número de crianças IPC e ICSA para cada professor(a), o que implica que a criança indicada (IPC ou ICSA), ao não atingir os critérios acima mencionados, excluía automaticamente o seu par correspondente; em caso de empate, permanecia na amostra a criança com maior escore no instrumento QCSA-PR.

Abaixo são apresentadas a Tabela 1, referente ao total de crianças eliminadas da amostra, bem como a natureza das exclusões e a Tabela 2, que descreve o número de crianças indicadas, por EMEI, que atenderam aos critérios de seleção e, portanto, seus respectivos pais participaram do projeto.

Tabela 1. Total de crianças eliminadas da amostra e a natureza das exclusões.

Motivos de exclusão		n
<i>Critérios de seleção</i>	Viver com ambos pais biológicos.....	63
	Pontuação na ECI-professores.....	04
	Idade entre 5 e 6 anos	03
	Mesmo número de IPC e ICSA para cada professor.....	90
<i>Outros motivos</i>	Crianças cujos pais não concordaram em participar	32
	Crianças cujos pais não puderam ser contactados	18
Total de exclusões por critérios de seleção.....		160
Total de exclusões por outros motivos.....		50
Total geral de exclusões.....		210

Tabela 2. Números de crianças indicadas, que atenderam aos critérios de seleção e que participaram do projeto.

EMEIS	Nº de crianças indicadas	Nº de crianças que atenderam aos critérios de viver com pais biológicos, pontuação ECI e idade entre 5 e 6 anos	Nº de crianças que participaram do projeto
1.	10	07	00
2.	14	10	00
3.	42	27	06
4.	14	07	04
5.	20	09	08
6.	30	05	14
7.	22	09	04
8.	16	10	02
9.	16	07	04
10.	16	09	04
11.	18	10	00
12.	18	10	00
13.	22	07	02
TOTAL	258	117	48

Os dados demográficos da amostra são apresentados de forma comparativa entre os Grupos. As variáveis investigadas foram: número de filhos; distribuição, por sexo, de filhos; idade dos respondentes; grau de instrução; estado civil; emprego e profissão; e renda familiar.

Foi realizado um teste estatístico de proporção, o qual apontou diferença estatística apenas quanto à distribuição, por sexo, dos filhos. Entretanto, considerando o número de crianças que foram excluídas para a composição da amostra, se o gênero tivesse sido controlado, provavelmente seria ainda mais difícil constituir a amostra para a realização do trabalho. Uma forma de remediar tal limitação é comparar os resultados estatisticamente significativos quanto à distribuição por gênero, assim, possibilidades poderiam ser: a) comparar os resultados dos pais e das mães de meninos dos Grupos IPC e ICSA e b) comparar meninos e meninas do Grupo ICSA, já que para este grupo há uma distribuição por gênero mais equivalente (14 meninas e 10 meninos). Estas análises foram realizadas e encontram-se na pág. 89.

Tabela 3. Número de filhos, distribuição por sexo dos filhos e idade das crianças de ambas amostras (grupo IPC e grupo ICSA). Valores expressos em frequência.

CATEGORIAS		IPC	ICSA
Número de Filhos	<i>um</i>	7	5
	<i>dois</i>	12	12
	<i>três</i>	4	5
	<i>quatro</i>	1	2
Distribuição por Sexo	<i>Meninas</i>	7	14
	<i>Meninos</i>	17	10
Idade das Crianças	<i>5 anos</i>	7	6
	<i>6 anos</i>	15	15
	<i>7 anos</i>	2	3

Pela Tabela 3 percebe-se que metade das amostras IPC e ICSA possuem dois filhos. Quanto à distribuição por sexo há diferenças estatísticas ($z = 2,50$) entre os grupos IPC e ICSA, pois 25% das crianças indicadas como apresentando indicativos de problemas de comportamento eram meninas e 75%, meninos. Ao contrário, 58% das crianças indicadas como tendo comportamentos socialmente adequados eram meninas e 42%, meninos. Em ambas as amostras, IPC e ICSA, 63% das crianças possuem 6 anos de idade.

A idade média dos respondentes é de 33 anos para pais dos Grupo IPC e 30 anos para as mães IPC. Os pais ICSA possuem, em média, 34 anos e as mães do Grupo ICSA, 32 anos.

A Tabela 4 apresenta os graus de instrução dos respondentes IPC e ICSA.

Tabela 4. Grau de instrução dos respondentes IPC e ICSA.

	IPC PAIS	IPC MÃES ^(*)	ICSA PAIS	ICSA MAES
1 ° grau incompleto	8	8	7	7
1 ° grau completo	4	4	4	3
2 ° grau incompleto	5	2	1	5
2 ° grau completo	5	6	8	8
3 ° grau incompleto	2	2	1	0
3 ° grau completo	0	1	3	1

^(*) Houve uma não resposta.

Os dados mostram que Grupos ICSA e IPC apresentam, no geral, o mesmo grau de instrução, destacado-se 1º incompleto e 2º completo.

A maioria dos respondentes são casados, sendo 83% (20) para o Grupo ICSA e 75% (18) para os respondentes do Grupo IPC.

Abaixo é apresentada a Tabela 5 sobre características do trabalho, também organizadas de forma comparativa entre os Grupos.

Tabela 5. Relato dos participantes IPC e ICSA a respeito de emprego.

CATEGORIAS		IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MAES
Empregado	<i>Sim</i>	19	10	22	10
	<i>Não</i>	5	14	2	14
Trabalha fora de casa	<i>Sim</i>	20	10	19	9
	<i>Não</i>	4	14	5	15
Período em que trabalha	<i>Dia todo</i>	15	6	17	7
	<i>Manhã</i>	1	3	0	1
	<i>Tarde</i>	2	1	2	1
	<i>Noite</i>	6	0	3	0
	<i>Horário variável</i>	0	0	2	0

A Tabela 5 mostra que a maioria dos pais estão empregados, sendo 91,6% dos ICSA e 79,2% dos IPC; em ambos Grupos IPC e ICSA 41,6% das mães estão empregadas. Os dados mostram que um maior número de pais (83,3% para IPC e 79,1% para ICSA) trabalha fora quando comparados às mães, sendo 41,6% para as mães IPC e 37,5% para as ICSA. O trabalho, para a maioria dos pais participantes, ocorre no período diurno, num total de 62,5% para os pais do Grupo IPC e de 70,8% para os pais ICSA.

Abaixo encontra-se a Tabela 6 que apresenta a frequência das ocupações dos participantes conforme a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2002).

Tabela 6. Frequência de ocupações, organizadas por grupos, a partir da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO 2002.

Classificações de ocupações	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MAES
GG3 – Técnicos de nível médio	15	1	14	6
GG4 – Trabalhadores de serviços administrativos	4	5	5	4
GG5 – trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	5	8	4	3
GG0 – Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	0	0	1	0
Outros (do lar; faxineira/doméstica)	0	10	0	11

Já a Tabela 7 apresenta a renda familiar conforme o relato dos participantes.

Tabela 7. Renda familiar segundo o relato dos participantes IPC e ICSA.

	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MAES
de R\$ 2.100,00 a R\$ 2.500,00	0	0	1	2
de R\$ 1.600,00 a R\$ 2.000,00	1	1	3	3
de R\$ 1.100,00 a R\$ 1.500,00	6	4	5	6
de R\$ 600,00 a R\$ 1.000,00	7	6	10	9
de R\$ 100,00 a R\$ 500,00	8	12	4	4
Não respondeu	2	1	1	0

Pela Tabela 7 é possível perceber que a renda da maioria dos participantes IPC não supera o valor de R\$ 1.000,00, com concentração na faixa entre R\$ 100,00 e R\$ 600,00. Por outro lado, o Grupo ICSA, na sua maioria, relata ter renda igual ou superior à faixa salarial entre R\$ 600,00 e R\$ 1.000,00. Porém estatisticamente ambas as amostras são equivalentes. Interessante notar que há certa incoerência entre os relatos dos pais e mães IPC, o que não ocorre entre os participantes do Grupo ICSA.

Resumindo, as características sócio-demográficas dos Grupos são: a) 25% das crianças indicadas como apresentando indicativos de problemas de comportamento eram meninas e 75%, meninos; ao contrário, 59% das crianças indicadas como tendo comportamentos socialmente adequados eram meninas e 42%, meninos; b) em ambas as amostras IPC e ICSA 62,5% das crianças possuem 6anos de idade; c) 50% dos participantes IPC e ICSA possuem dois filhos; d) a idade média dos respondentes é de 33 anos para pais IPC e de 30 anos para as mães IPC; já os pais ICSA possuem, em média, 34 anos e as mães do Grupo ICSA, 32 anos; e) os Grupos ICSA e IPC apresentam, no geral, o mesmo nível de escolaridade, destacado-se 1º incompleto e 2º completo.

Instrumentos/Local

Os dados foram coletados nas residências de pais e de mães em uma cidade do interior de São Paulo e foram considerando três conjuntos de variáveis: Habilidades Sociais Educativas Parentais, Repertório comportamental de crianças e Variáveis de contexto.

O Quadro 1 apresenta conceitos, variáveis consideradas e instrumentos utilizados.

Quadro 1. Descrição de conceitos, de variáveis investigadas e de instrumentos utilizados.

Conceitos	Variáveis	Instrumentos
Habilidades Sociais Educativas Parentais	1. <i>Expressão de sentimentos e enfrentamento:</i> <ul style="list-style-type: none">- expressar sentimentos positivos- expressar sentimentos negativos- expressar opiniões- demonstrar carinho 2. <i>Comunicação</i> <ul style="list-style-type: none">- manter conversação- fazer perguntas- ouvir e consequenciar perguntas sobre sexo 3. <i>Interação positiva</i> <ul style="list-style-type: none">- brincar com filho 4. <i>Habilidades que propiciam consistência</i> ^(*) <ul style="list-style-type: none">- concordar com cônjuge- participar da educação do filho- estabelecer limites- cumprir promessas 5. <i>Descrição positiva do filho</i> <ul style="list-style-type: none">- discriminar e consequenciar comportamentos adequados dos filhos 6. <i>Reflexão sobre a prática educativa</i> <ul style="list-style-type: none">- auto-avaliação quanto a “erros cometidos”- reações parentais após cometer “erros”-	Questionário de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P)
Repertório comportamental de crianças	<i>Relatos parentais</i> <ul style="list-style-type: none">- relacionamento da criança estudada com os irmãos.....- repertório socialmente adequado.....- repertório indicativo de problema de comportamento....	Questionário de HSE-P QCSA-Pais ECI pais
Variáveis de contexto	<i>Regras parentais quanto à boa educação.....</i> <i>Habilidades Sociais Conjugais.....</i> <ul style="list-style-type: none">- percepção do cônjuge- discriminar expressão de carinho- avaliação da comunicação- discriminar comportamentos adequados do cônjuge- avaliação do relacionamento conjugal <i>Tempo que os pais ficam com os filhos.....</i> <i>Relacionamento da criança com irmãos.....</i>	Questionário de HSE-P Questionário de Habilidades Sociais Conjugais (HSC) Questionário de HSE-P Questionário de HSE-P

^(*) Entendendo consistência enquanto práticas da mesma pessoa e enquanto práticas de pai e de mãe.

As HSE-P foram investigadas utilizando o Questionário de Habilidades Sociais Educativas Parentais (QHSE-P). Esse questionário foi construído para a presente investigação, partindo de dados obtidos por Silva (2000) que utilizou dois instrumentos, um questionário que avaliou de forma geral HSE-P de pais e um roteiro de entrevista estruturada

que avaliou detalhadamente cada uma das HSE-P já descritas. Para esta pesquisa buscou-se detalhar o questionário de habilidades sociais educativas para pais, acrescentando todas as variáveis apontadas, pelos pais, nas entrevistas estruturadas, conduzidas no estudo mencionado. As HSE-P são as apontadas no Quadro 1. No questionário cada questão está dividida em duas ou mais partes: a) frequência com que aparece o comportamento mencionado; b) características deste comportamento (por ex. situações, assuntos) e c) reações dos filhos. Este instrumento, apresentado abaixo, contém ainda as seguintes variáveis de contexto: tempo que os pais ficam com os filhos e número de crianças que vivem na residência. No final deste item (instrumentos/local) encontra-se o QHSE-P.

Os comportamentos das crianças foram avaliados por pais e por professores. Os pais responderam a dois instrumentos, onde a entrevistadora fazia as perguntas oralmente e anotava as respostas: a) Questionário de comportamentos socialmente adequados para pais (QCSA-Pais, Anexo 4), baseado em Silva (2000), que avalia a frequência de comportamentos socialmente adequados; b) Escala Infantil A. de Rutter para pais (ECI pais, adaptação de Graminha, 1994 – Anexo 5), que avalia se a criança possui ou não indicativos de problemas de comportamento. Os professores também responderam, para cada uma das crianças indicadas, a dois instrumentos, onde a entrevistadora fazia as perguntas oralmente e anotava as respostas: a) QCSA-PR (Anexo 2, Silva, 2000); b) Escala Infantil B. de Rutter para professores (ECI professores, adaptação de Santos, 2002 – Anexo 3). Os dados obtidos com os relatos dos professores foram utilizados para definir a amostra.

As Habilidades Sociais Conjugais (QHSC, Anexo 6) estão apontadas no Quadro 1 e foram obtidas com o Questionário de Habilidades Sociais Conjugais, onde novamente cada questão está dividida em duas ou mais partes: a) frequência com que aparece o comportamento mencionado; b) características deste comportamento (por ex. situações, assuntos). O questionário QHSC foi elaborado para esta pesquisa, com base em diversos

autores da área, tais como Beck (1995), Rangé e Dattilio (1998), Dattilio (1995), Epstein e Schlesinger (1995) e Gottman (1998).

Foi conduzido um estudo piloto com 14 pais (7 mães e 7 pais) para testar a adequação dos instrumentos. O piloto indicou que as questões, de forma geral, mostravam-se eficazes para os objetivos do trabalho e possibilitou a exclusão de alguns itens que estavam sobrepostos, bem como a inclusão de algumas categorias comportamentais para os Questionários de HSE-P e HSC. A descrição deste estudo piloto encontra-se no Anexo 8.

Para verificar a fidedignidade dos instrumentos (QHSE-P e QHSC) foram coletados dados com 12 pais e 12 mães, cujas medidas foram obtidas com um mês de distanciamento. Os resultados foram organizados para a realização de testes de correlação de Spearman por postos, sendo que em ambos encontraram-se correlações significativas: a) QHSE-P mães: teve correlação igual a 0,76, significativa a 5%; b) QHSE-P pais: teve correlação igual a 0,89, significativa a 1%; c) QHSC mães: teve correlação igual a 0,84, significativa a 2,5%; d) QHSC pais: teve correlação igual a 0,94, significativa a 0,5%.

Questionário de Habilidades Sociais Educativas Parentais.

I) INFORMAÇÕES SOBRE A CRIANÇA

data da aplicação do questionário: ____/____/____

horário de início: ____ horário de término: ____

endereço: _____

respondente: () mãe () pai

nome dos pais: _____

nome da criança: _____

data de nascimento: ____ mês ____ dia ____ ano

idade: ____ anos ____ meses

sexo: ____

número total de crianças que vivem em casa: ____

sexos e idades destas crianças: _____

5) EMEI: _____

II) INSTRUÇÕES

Caso o respondente tenha mais de um filho(a), apenas será considerada a criança na faixa etária de 6 anos.

O questionário é composto por questões que referem-se à forma como o(a) pai/mãe se comporta ao se relacionar com seu filho.

Cada questão está dividida em duas ou mais partes: a) frequência com que aparece o comportamento mencionado e b) características deste comportamento.

Quanto à frequência o respondente deverá escolher apenas uma das alternativas: frequentemente (F), algumas vezes (A) ou quase nunca ou nunca (N).

III) COMPORTAMENTOS DO PAI/MÃE

1. Você mantém diálogo com seu filho(a)?

F	A	N
---	---	---

1. a) situações, assuntos:

Noite	F	A	N
Passeio	F	A	N
Sozinho com a criança	F	A	N
Frente a perguntas e/ou pedidos	F	A	N
Horário de refeições	F	A	N
TV	F	A	N
Jogos de computador	F	A	N

Escola	F	A	N
Concepções de certo/errado	F	A	N
Brincadeiras	F	A	N
Esporte	F	A	N
Amizades	F	A	N
Religião	F	A	N

Outros: _____

2. Você faz perguntas a seu filho(a)?

F	A	N
---	---	---

2. a) assuntos:

Escola	F	A	N
Opiniões do filho	F	A	N
Futebol	F	A	N
TV	F	A	N
Amizades	F	A	N
Sentimentos/dores	F	A	N

Cuidados pessoais do filho	F	A	N
Atividades do dia	F	A	N
Gostos da criança	F	A	N
Criança tem objeto que não lhe pertence	F	A	N
Religião	F	A	N

Outros: _____

3. Você expressa seus sentimentos a seu filho(a)?

SIM	NÃO
-----	-----

3. a) tipos:

Positivos	F	A	N
Negativos	F	A	N

3. b) de que forma:

positivos

Falando	F	A	N
Só pela expressão do rosto	F	A	N
Abraçando/beijando	F	A	N
Agradando	F	A	N
Dando presentes	F	A	N
Brincando	F	A	N
Quando seu filho pergunta	F	A	N

negativos

Falando	F	A	N
Só pela expressão do rosto	F	A	N
Ficando bravo /gritando	F	A	N
Batendo	F	A	N
Ameaçando	F	A	N
Quando seu filho pergunta	F	A	N

Outros: _____

4. Você expressa suas opiniões a seu filho(a)?

F	A	N
---	---	---

4. a) assuntos:

Refeições	F	A	N
Concepções de certo e errado	F	A	N
Roupas	F	A	N

Amizades	F	A	N
TV	F	A	N
Religião			

Outras: _____

5. Você considera importante colocar limites a seu filho(a)?

F	A	N
---	---	---

PORQUE?

Para orientar/ ensinar o que é certo e errado	SIM	NÃO
Porque a liberdade de um vai até onde começa a do próximo	SIM	NÃO
Para que o filho aprenda a ter responsabilidades	SIM	NÃO
Porque se não colocar limites, os filhos vão querer fazer tudo o que querem e os pais perdem o controle	SIM	NÃO
Não respondeu	SIM	NÃO

Outros: _____

5. a) situações:

Banho	F	A	N
TV	F	A	N
Vídeo-game	F	A	N
Brincadeiras	F	A	N
Comida	F	A	N
Birras	F	A	N
Quando faz barulho	F	A	N
Mentiras	F	A	N
Quando faz banguça	F	A	N
Situações de passeios/ficar na casa de outros	F	A	N

Outras: _____

Responder para adultos	F	A	N
Interferir em conversas de adultos	F	A	N
Estudo	F	A	N
Violência contra pessoas e/ou animais	F	A	N
Mexer em objetos proibidos	F	A	N
Dormir	F	A	N
Quando comporta-se mal na frente de visitas ou de estranhos	F	A	N
Quando faz xixi na cama	F	A	N
Quando o filho fala alto	F	A	N
Pedidos de presentes	F	A	N

5. b) o que você faz para colocar limites?

Diz não	F	A	N
Dá bronca/chama atenção/grita/fica bravo/ameaça	F	A	N
Bate	F	A	N
Coloca de castigo	F	A	N
Conversa/pede	F	A	N
Diz que Deus castigará	F	A	N
Diz que é uma criança má/ruim	F	A	N

Outros: _____

5. c) como você se sente após o limite?

Sente-se bem, feliz	F	A	N
Sente-se mal, triste, culpado	F	A	N
Não sei identificar	F	A	N

5. d) como seu filho reage ao limite?

Obedece	F	A	N
Faz birras/fica bravo/agitado/responde	F	A	N
Chora	F	A	N
Pergunta o porquê do limite			

Outros: _____

Ignora	F	A	N
Demonstra medo	F	A	N
Pede desculpas	F	A	N
Agrada/beija			

6. a) Quando você promete algo a seu filho(a), você cumpre a promessa?

F	A	N
---	---	---

6. b) Você encontra dificuldades para cumprir as promessas?

F	A	N
---	---	---

Quais são estas dificuldades?

Cumprir ameaças	F	A	N
Situações de passeio	F	A	N
Presentes	F	A	N

Outras: _____

6. c.) O que você faz nestes casos?

Conversa/negocia	F	A	N
Fica bravo	F	A	N
Não faz nada	F	A	N

Outras: _____

7. para seu filho ser bem educado, o que ele precisa Ter?

Ter estudo	SIM	NÃO
Ter respeito por pessoas e animais	SIM	NÃO
Ser comportado/educado	SIM	NÃO
Realizar cuidados pessoais (p. ex. escovar dentes, tomar banho)	SIM	NÃO
Cuidar de animais domésticos	SIM	NÃO
Cuidar de objetos pessoais (p. ex. roupas, materiais escolares)	SIM	NÃO
Fazer brincadeiras	SIM	NÃO
Ser curioso	SIM	NÃO
Ser bem humorado	SIM	NÃO
Fazer tudo o que os pais acham certo	SIM	NÃO

Ter responsabilidade	SIM	NÃO
Ter sinceridade	SIM	NÃO
Ter boa índole	SIM	NÃO
Ser obediente	SIM	NÃO
Ter amor da família/carinho	SIM	NÃO
Ter presentes	SIM	NÃO
Ter os pais como exemplos de bons comportamentos	SIM	NÃO
Os pais explicarem sempre o porquê	SIM	NÃO
Ter educação dos pais	SIM	NÃO
Os pais não discutirem na frente da criança	SIM	NÃO
Não oferecer algo em troca de bons comportamentos	SIM	NÃO
Os pais terem mais paciência	SIM	NÃO
Os pais terem maior capacidade de negociação	SIM	NÃO

Outros: _____

8. Você e seu cônjuge se entendem quanto a forma de educar seu filho(a)?

F A N

8. a) porque vocês concordam?

Porque conversam para tomar decisões em relação ao filho	F	A	N
Porque quando um dos cônjuges chama atenção, o outro respeita	F	A	N
Quando o cônjuge conversa ao invés de bater	F	A	N
Tem as mesmas opiniões	F	A	N
Não sei identificar			

8. b) porque vocês não concordam?

Porque o cônjuge é agressivo(a)	F	A	N
Porque vocês pensam muito diferente	F	A	N
Não sei identificar			

Outros: _____

8. c.) quando você não concorda com alguma coisa que o cônjuge fez, o que você faz?

Conversa na frente do filho	F	A	N
Conversa na ausência do filho	F	A	N
Não fala nada	F	A	N
Briga com o cônjuge na frente do filho	F	A	N
Briga com o cônjuge na ausência do filho	F	A	N
Entra em acordo	F	A	N

Outros: _____

9. Como você acha que é a sua participação e a de seu (sua) cônjuge com relação à educação de seu filho(a)?

Mãe participa mais	Pai participa mais	Ambos participam igual
--------------------	--------------------	------------------------

10. Seu filho(a) faz coisas que você gosta?

F A N

10. a) o que ele faz que você gosta?

É amoroso/carinhoso	F	A	N
É estudioso	F	A	N
É educado	F	A	N
É obediente	F	A	N
Procura ajudar	F	A	N
É independente	F	A	N
Cuida de animais	F	A	N
Cuida de próprios objetos	F	A	N
Faz brincadeiras	F	A	N
Aprende a ler coisas novas	F	A	N
Não briga	F	A	N
Tem bom relacionamento com irmãos	F	A	N
Cumprimenta pessoas	F	A	N
É companheiro	F	A	N
É responsável	F	A	N
Tem iniciativas	F	A	N
É prestativo	F	A	N

Outros: _____

10. b) quando ele faz algo legal, o que você sente?

Admiração	F	A	N
Orgulho	F	A	N
Contentamento/ felicidade	F	A	N
Realização	F	A	N
Tristeza	F	A	N
Nada	F	A	N

10. c) quando seu filho faz algo legal, o que você faz?

não faz nada	F	A	N
Fica tímido, com vergonha	F	A	N
Demonstra contentamento com a expressão do rosto (sorriso, etc)	F	A	N
Demonstra contentamento falando algo para o filho (elogio, dizendo que ama etc)	F	A	N
Beija/ abraça	F	A	N
Passeia	F	A	N
Brinca (joga bola etc)	F	A	N
Agradece	F	A	N
Fica emocionado	F	A	N

Outros: _____

11. você demonstra carinho ao seu filho?

F	A	N
---	---	---

11. a) o que você faz para demonstrar carinho?

Diz que o ama	F	A	N
---------------	---	---	---

Beija/ abraça	F	A	N
Toca a criança	F	A	N
Brinca com a criança	F	A	N
Faz leituras para a criança	F	A	N
Ajuda a criança a resolver seus problemas	F	A	N
Permite que a criança fale sobre as coisas que a estão incomodando	F	A	N
Você planeja surpresas para seu filho (festas, presentes etc)	F	A	N
Ajuda a fazer lições	F	A	N
Elogia	F	A	N
Aperta a bochecha fortemente	F	A	N
Ficando perto	F	A	N
Agrada	F	A	N

Outros: _____

11. b) quando você demonstra carinho pelo seu filho, como ele reage?

Ignora, não faz nada	F	A	N
Fica tímido, com vergonha	F	A	N
Demonstra contentamento com a expressão do rosto (sorri etc)	F	A	N
Demonstra contentamento falando algo (elogia, agradece, diz que ama etc)	F	A	N
Beija/ abraça	F	A	N

Outros: _____

12. você brinca com seu filho?

F	A	N
---	---	---

12. a) que brincadeiras você faz com seu filho?

Brincadeiras de colorir	F	A	N
Brincadeiras de pintar	F	A	N
Jogos (montar, encaixar etc)	F	A	N
Jogos esportivos (futebol, bicicleta etc)	F	A	N
Vídeo game	F	A	N
Jogos de casinha, boneca	F	A	N
Ler juntos	F	A	N
Dança/canta juntos	F	A	N
Escolinha	F	A	N
Médico	F	A	N

Outros: _____

13. seu filho faz perguntas sobre sexo (de onde vêm os bebês, por ex.)

F	A	N
---	---	---

O que ele pergunta?

Sobre nascimento e gestação	SIM	NÃO
Sobre menstruação	SIM	NÃO
Sobre relacionamento sexual	SIM	NÃO

Outras: _____

13. a) quando seu filho faz questões sobre sexo, o que você faz?

Ignora, não faz nada	F	A	N
Fica tímido, com vergonha	F	A	N
Responde explicando a verdade	F	A	N
Usa livros que exemplificam com figuras	F	A	N
Responde explicando com falsas verdades, por ex. cegonha, abóbora	F	A	N
Chama pelo cônjuge	F	A	N
Pede para a criança perguntar ao outro cônjuge	F	A	N
Pede para a criança perguntar ao professor	F	A	N
Fica bravo	F	A	N

Outros: _____

14. acontece de você fazer algo em relação a seu filho e sentir como errado?

F	A	N
---	---	---

14. a.) Dê exemplos destas situações:

Quando grita em exagero	F	A	N
Quando bate	F	A	N
Quando fica bravo	F	A	N
Quando tira brinquedos do filho	F	A	N
Quando dá bronca/fica bravo por algo que o filho não fez	F	A	N

Outros: _____

14. b) Nestas situações o que você faz?

Não faz nada	F	A	N
Pede desculpas	F	A	N
Conversa com o filho	F	A	N
Agrada o filho	F	A	N
Arrepende-se	F	A	N
Chora/fica triste	F	A	N

Outros: _____

15. como você avalia o relacionamento com os irmãos?

bom	ruim	nem bom, nem ruim
-----	------	-------------------

16. Durante o dia quanto tempo, mais ou menos, você fica com seu filho(a)?

Dia todo	SIM	NÃO	Menos que quatro horas por dia	SIM	NÃO
Em torno de 4 horas por dia	SIM	NÃO	Finais de semana	SIM	NÃO

DADOS DEMOGRÁFICOS

() pai () mãe

Idade: _____

Grau de instrução:

- () 1º grau incompleto
 () 1º grau completo
 () 2º grau incompleto
 () 2º grau completo
 () 3º grau incompleto
 () 3º grau completo

Estado civil:

- () casado
 () relacionamento conjugal sem legalização

Profissão: _____

Empregado: () sim () não

Trabalha fora () sim () não Se sim:

() dia todo () manhã () tarde () noite

A sua renda familiar situa-se entre:

- () de R\$ 4.600,00 a R\$ 5.000,00
 () de R\$ 4.100,00 a R\$ 4.500,00
 () de R\$ 3.600,00 a R\$ 4.000,00
 () de R\$ 3.100,00 a R\$ 3.500,00
 () de R\$ 2.600,00 a R\$ 3.000,00
 () de R\$ 2.100,00 a R\$ 2.500,00
 () de R\$ 1.600,00 a R\$ 2.000,00
 () de R\$ 1.100,00 a R\$ 1.500,00
 () de R\$ 600,00 a R\$ 1.000,00
 () de R\$ 100,00 a R\$ 500,00

Procedimentos

Para obtenção da amostra de pais, foi solicitado que professores indicassem crianças com problemas de comportamento e com comportamentos socialmente adequados. Para isso, os professores responderam, para cada uma das crianças indicadas, a dois instrumentos: a) QCSA-PR (Anexo 2) e b) Escala Infantil B. de Rutter para professores (Anexo 3).

Os passos de coleta de dados junto aos pais foram: a) contato, por telefone ou pessoalmente, com os pais indicados pelos professores, para verificar o interesse em participar da pesquisa e adequação quanto aos critérios para entrar na amostra; e para agendar a aplicação do questionário nas residências dos participantes; b) visitas às residências, onde foram explicitados novamente os objetivos do trabalho, solicitando-se o consentimento e assinatura de um termo de consentimento informado (Anexo 7); c) aplicação dos questionários do QCSA-Pais e do ECI pais (Anexo 5, com cada um dos progenitores individualmente, oferecendo, ao final, os devidos agradecimentos e endereço para contato posterior. Os instrumentos foram aplicados pela pesquisadora, a qual fez as perguntas abertas e assinalou/anotou as respostas espontâneas e, portanto, os participantes não tiveram acesso ao instrumento. As entrevistas tiveram duração média de 46 minutos para os pais IPC, de 47 minutos para as mães IPC, de 47 minutos para os pais ICSA e de 50 minutos para as mães ICSA, mostrando que tanto pais como mães participaram ativamente das entrevistas.

Os dados obtidos com os questionários de Habilidades Sociais Educativas Parentais foram tratados conforme as seguintes etapas: a) elaboração de tabelas para cada HSE-P (por exemplo manter diálogo), bem como para suas especificidades (por exemplo situações e assuntos de diálogo), contendo os escores de cada participante dos Grupos IPC Mães, IPC Pais, ICSA Mães e ICSA Pais; b) os escores das HSE-P foram organizados em uma única tabela, onde foram calculados os escores gerais para os Grupos IPC Mães, IPC Pais, ICSA Mães e ICSA Pais, os quais foram tratados estatisticamente (SPSS, versão 8) a fim de verificar diferenças globais entre os Grupos IPC e ICSA (Teste de *Mann-Whitney*) e

diferenças entre os relatos de pais e mães (Teste *Wilcoxon*) que são apresentados na forma de Tabelas e Quadros. Foram realizados testes não-paramétricos, pois testes paramétricos requerem, pelo menos, um $n = 30$ para cada grupo (Kaplan, et. al, 1997); c) cada uma das HSE-P (apontadas no Quadro 1) foram analisadas estatisticamente para verificar diferenças entre os Grupos e são apresentadas em Tabelas e Quadros; d) os escores das Especificidades das HSE-P receberam duas análises, sendo uma estatística a partir da somatória geral dos escores, novamente para verificar diferenças entre os Grupos (apresentadas na forma de Tabelas e Quadros), e a segunda, uma análise quantitativa descritiva para os subitens das HSE-P que são apresentados na forma de Figuras e Quadros comparativos. Os dados das Habilidades Sociais Conjugais seguiram a mesma organização das HSE-P.

Os resultados do repertório comportamental das crianças segundo os relatos de pais e de professores também foram organizados por Grupos IPC Mães, IPC Pais, ICSA Mães e ICSA Pais, de forma que escores globais e escores para cada item foram obtidos e tratados estatisticamente. Para os dados referentes às respostas descritivas (por exemplo “tipo de medo” no ECI pais) foram realizadas análises quantitativas descritivas e os resultados são apresentados na forma de Tabelas, Figuras e Quadros.

Os dados demográficos também foram organizados por Grupos e realizadas análises quantitativas descritivas, apresentados na forma de Tabelas. Foram considerados os resultados estatisticamente significativos até o valor de 5% ($p \leq 5$).

Esquemáticamente foram realizadas as seguintes análises:

- a) levantamento das HSE-P e das HSC de pais e de mães;
- b) comparação entre as habilidades sociais de pais e de mães;
- c) comparação das habilidades sociais entre os Grupos IPC e ICSA;
- d) levantamento do repertório comportamental dos filhos com indicativos escolares de problemas de comportamento, segundo o relato dos pais (pais e mães);

- e) levantamento do repertório comportamental dos filhos com indicativos escolares de comportamentos socialmente adequados, segundo o relato dos professores;
- f) comparação entre relatos de pais e professores sobre o repertório comportamental das crianças IPC e ICSA.

Aspectos Éticos

A presente pesquisa, realizada com seres humanos, foi aprovada, conforme Anexo 9 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto, pois oferece possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar de outros indivíduos, à medida que fornece informações relevantes quanto a problemas de comportamentos em crianças pequenas (5 a 7 anos) e suas relações com práticas educativas de pais. Assim, a pesquisa oferecerá conhecimentos para embasar futuras intervenções que visem eliminar/diminuir e/ou prevenir problemas de comportamento em crianças pequenas.

A pesquisadora preocupou-se com as seguintes responsabilidades que foram respeitadas na realização da pesquisa:

- a) aguardar o protocolo, devidamente instruído, do Conselho de Ética Profissional (CEP), antes de iniciar a pesquisa;
- b) desenvolver o projeto conforme delineado;
- c) manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP;
- d) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto.

Resultados

Esta seção está organizada em três conjuntos de resultados, apresentados na seguinte sequência: I) Habilidades Sociais Educativas Parentais; II) Repertório Comportamental de Filhos; III) Variáveis de Contexto.

I) Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P)

Os participantes responderam nunca/quase nunca, algumas vezes ou freqüentemente às perguntas do questionário. Para a resposta nunca/quase nunca foi atribuído o escore 0 (zero), para a resposta algumas vezes atribuiu-se o escore 1 (um) e para a resposta freqüentemente foi atribuído o escore 2 (dois). Os dados referentes às perguntas de Habilidades Sociais Educativas Parentais (por ex. mantém diálogo, faz perguntas) permitiram o tratamento estatístico das HSE-P, em sua totalidade, levando a escores globais. Posteriormente foi tratada, separadamente, cada uma destas habilidades (apresentadas por grupos de categorias). As Especificidades das HSE-P (por ex. assuntos de fazer perguntas, assuntos de expressar opiniões) também foram tratadas estatisticamente, além de terem sido realizadas análises quantitativas descritivas.

A Tabela 8 apresenta os escores globais das HSE-P, organizados por Grupos.

Tabela 8. Medianas e Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two tailed)*, organizadas por grupos.

Amostras comparadas	Medianas	Valor de p
Pais ICSA x Mães ICSA	18 x 21	0,011
Pais IPC x Mães IPC	20 x 20	0,002
Mães ICSA x Mães IPC	21 x 20	n.s. ^(*)
Pais ICSA x Pais IPC	18 x 20	n..s.
IPC x ICSA	40 x 39	0,050
Pais x Mães	38 x 41	0,000

^(*) n.s.: Não significativo

As análises globais apontam diferenças entre os grupos. As Mães ICSA e as Mães IPC apresentam escores superiores aos Pais ICSA e aos Pais IPC, respectivamente. O mesmo se

observa nas comparações entre os Grupos IPC e ICSA, e Pais e Mães: os Grupos ICSA e Mães possuem escores estatisticamente superiores aos Grupos correspondentes.

O conjunto de dados referente às Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) é composto pelas seis categorias de análise listadas a seguir e resultados são apresentados conforme as mesmas.

1. *Expressão de sentimentos e enfrentamento*: expressar sentimentos positivos; expressar sentimentos negativos; expressar opiniões; demonstrar carinho.
2. *Comunicação*: manter conversação; fazer perguntas; ouvir e consequenciar perguntas sobre sexo.
3. *Interação positiva*: brincar com filho.
4. *Habilidades que propiciam consistência na prática educativa*: concordar com o cônjuge quanto à forma de educar o filho; participar da educação do filho; estabelecer limites; cumprir promessas.
5. *Descrição positiva do filho*: discriminar e consequenciar comportamentos “desejados” dos filhos.
6. *Reflexão sobre a prática educativa*: auto-avaliação parental quanto a “erros” cometidos na prática educativa; reações parentais após cometer tais “erros”.

1. Expressão de sentimentos e enfrentamento

1.1. Expressar sentimentos positivos.

A Tabela 9 apresenta frequência de respostas N (nunca), A (às vezes) e F (frequentemente) à questão sobre o quanto os pais costumam expressar sentimentos positivos aos filhos. A tabela mostra também, em medianas, a diversidade de formas de expressar sentimentos que os pais indicaram.

Tabela 9. Frequência de respostas para o item expressar sentimentos positivos e medianas para formas de expressar sentimentos positivos, organizadas por Grupos.

Grupos	Escores: HSE-P.	Medianas: Diversidades de HSE-P.
IPC PAIS	4 (N), 6 (A), 14 (F)	2
IPC MAES	1 (N), 4 (A), 19 (F)	3
ICSA PAIS	5 (N), 4 (A), 15 (F)	2
ICSA MAES	1 (N), 4 (A), 19 (F)	3,5

Foram encontradas diferenças no cruzamento entre pais e mães IPC (teste de *Wilcoxon*), a favor das mães IPC ($p = 0,046$), indicando que as mães expressam mais sentimentos positivos que os pais. Semelhantemente, os resultados das análises estatísticas entre os grupos Pais x Mães (Teste U de *Mann-Whitney*) também apontam diferenças entre grupos no que se refere à HSE-P de expressar sentimentos positivos ($p = 0,048$), sendo significativamente maior para mães. Não foram encontradas diferenças quanto à diversidade de HSE-P, sugerindo que ainda que as mães relataram expressar mais sentimentos positivos que os pais, quando questionadas quanto à forma de expressá-los parece que o fazem igualmente como os pais.

Os grupos IPC e ICSA relataram expressar sentimentos positivos com a mesma frequência e da mesma forma. No entanto, algumas diferenças podem ser observadas na Figura 1 quanto às principais formas* de expressão de sentimentos positivos indicadas pelos pais e pelas mães de ambos os grupos.

Figura 1. Frequência de aparecimento de categorias de formas de expressar sentimentos positivos, organizadas por Grupos.

* As categorias, em sua totalidade, encontram-se no Anexo 11. Foram colocados, nas figuras, os itens que apareceram com maior frequência nos relatos parentais.

Pela Figura 1 percebe-se que os participantes expressam sentimentos positivos principalmente *falando e conversando* ou então *beijando e abraçando*. Observa-se também que estas categorias foram apontadas mais frequentemente pelas mães e pelo Grupo ICSA.

1.2. Expressar sentimentos negativos.

A Tabela 10 apresenta frequência de respostas N (nunca), A (às vezes) e F (frequentemente) à questão sobre o quanto os pais costumam expressar sentimentos negativos aos filhos, além das medianas referentes à diversidade de formas utilizada para expressá-los.

Tabela 10. Frequência de respostas para o item expressar sentimentos negativos e medianas para formas de expressar sentimentos negativos, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	14	7	3	0
IPC MAES	9	9	6	2
ICSA PAIS	16	7	1	0
ICSA MAES	8	12	14	1

As análises estatísticas apontaram mais semelhanças que diferenças entre os grupos. Foram encontradas diferenças quanto à HSE-P expressar sentimentos negativos apenas na comparação entre pais ICSA e mães ICSA ($p = 0,022$), a favor das mães, indicando que elas expressam sentimentos negativos mais frequentemente que pais.

Quanto às especificidades de HSE-P as mães relataram significativamente mais que os pais diversidades na forma de expressar sentimentos negativos ($p = 0,032$). Este resultado indica diferenças quanto às práticas materna e paterna, possivelmente devido aos participantes ICSA.

A Figura 2 aponta resultados complementares de análises quantitativas descritivas.

Figura 2. Frequência de aparecimento de categorias de Formas de expressar sentimentos negativos, organizadas por Grupos.

A Figura 2 apresenta as categorias mais frequentes de especificidades de expressar sentimentos negativos, sendo *só pela expressão do rosto*, *falando/conversando* e *ficando bravo/gritando*. Chama atenção que as mães apresentam igualmente todas estas categorias e com maior frequência que os pais. Quando se comparam mães IPC e mães ICSA, as primeiras relatam expressar sentimentos negativos mais *pela expressão do rosto* e as segundas, *falando/conversando*. Os pais relatam expressar sentimentos negativos principalmente *falando/conversando*. A comparação entre IPC e ICSA aponta que enquanto o Grupo IPC expressa sentimentos negativos essencialmente *só pela expressão do rosto*, o Grupo ICSA expressa sentimentos negativos principalmente *falando/conversando*. Porém, tanto o Grupo IPC como o ICSA também os expressam *ficando bravo/gritando*. Estes resultados dizem respeito também à qualidade na forma de expressar sentimentos negativos, sugerindo que o Grupo ICSA utiliza, mais frequentemente, estratégias socialmente adequadas, como falar/conversar, ainda que ambos os grupos fiquem bravos e gritem.

1.3. Expressar opiniões.

A Tabela 11 apresenta frequência de respostas à questão sobre o quanto os pais costumam expressar opiniões aos filhos. Em seguida descreve, na forma de medianas, a diversidade de formas de expressar opiniões que os pais indicaram. Os resultados das análises

estatísticas entre os grupos Pais x Mães (teste de *Wilcoxon*) e com x sem problemas de comportamento (Teste U de *Mann-Whitney (two-tailed)*) são apresentados na Tabela 12.

Tabela 11. Frequência de respostas para o item Expressar opiniões e medianas para assuntos sobre os quais expressam opiniões, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P.			Medianas:
	N	A	F	Diversidades de HSE-P.
IPC PAIS	6	10	8	2
IPC MAES	1	9	14	2
ICSA PAIS	4	9	11	2
ICSA MAES	4	3	17	4

Tabela 12. Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two-tailed)* para o item Expressar opiniões e Assuntos de expressar opiniões.

Amostras comparadas	Valor de p: HSE-P.	Valor de p: Diversidades de HSE-P.
Pais ICSA x Mães ICSA	n.s. ^(*)	0,029
Pais IPC x Mães IPC	0,016	n.s.
Mães ICSA x Mães IPC	n.s.	n.s.
Pais ICSA x Pais IPC	n.s.	n.s.
IPC x ICSA	n.s.	n.s.
Pais x Mães	0,038	0,013

^(*)n.s.: Não significativo

Os resultados apontados nas Tabelas 11 e 12 mostram que as mães IPC expressam opiniões mais frequentemente que os pais IPC. Este resultado permitiu a diferença estatisticamente significativa a favor das mães quando comparadas aos pais. Por outro lado, as mães ICSA relataram uma variedade maior de assuntos ao expressar opiniões, quando comparadas aos pais do mesmo grupo. Tal resultado contribuiu para a diferença na comparação entre pais e mães quanto à variedade de assuntos. Por outro lado, os grupos ICSA e IPC expressam opiniões com a mesma frequência.

A Figura 3 mostra os dados relativos às principais especificidades da HSE-P expressão de opiniões, organizadas por grupos.

Figura 3. Frequência de aparecimento de categorias de assuntos sobre os quais os pais/mães expressam opiniões, organizadas por Grupos.

A Figura 3 aponta a variedade mais freqüente de assuntos sobre os quais os participantes relataram expressar opiniões. Eles expressam opiniões mais freqüentemente sobre *concepções de certo e errado*, sobre *estética* e sobre *relacionamentos interpessoais*. Chama atenção que todos os grupos expressam opiniões principalmente sobre *concepções de certo e errado*. No entanto, as mães, quando comparadas aos pais, também expressam freqüentemente opiniões sobre *relacionamento interpessoal*.

1.4. Demonstrar carinho.

A Tabela 13 apresenta freqüência de respostas quanto a demonstração de carinho, pelos pais (IPC e ICSA) e pelas mães (IPC e ICSA), aos filhos. A tabela aponta ainda, em medianas, a diversidade utilizada para demonstrá-lo.

Tabela 13. Frequência de respostas para o item demonstrar carinho e medianas para comportamentos parentais de demonstrar carinho, organizadas por Grupos.

Grupos	Escores: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	0	8	16	4
IPC MAES	0	3	21	4
ICSA PAIS	0	1	23	6
ICSA MAES	0	0	24	4

Os resultados das análises estatísticas apontam diferenças para a categoria demonstrar carinho entre os pais ICSA e os pais IPC, a favor dos pais de crianças com comportamentos socialmente adequados ($p = 0,010$). Diferenças também foram encontradas entre os Grupos IPC e ICSA, mostrando que os participantes ICSA demonstram carinho, aos filhos, com mais frequência que os IPC ($p = 0,002$). Conseqüentemente, observa-se que a forma como mães e pais, de ambos grupos, demonstram carinho parece ser equivalente, sugerindo consistência entre as práticas, ainda que os participantes ICSA, especialmente os pais, parecem fazê-lo mais freqüentemente.

Análises quantitativas descritivas apontam semelhanças, entre os grupos, quanto à diversidade utilizada para demonstrar carinho, sendo que o fazem beijando e abraçando, ou então, brincando e elogiando as crianças.

A Figura 4 apresenta as reações dos filhos frente a demonstração de carinho dos pais, segundo os relatos de pais e de mães.

Figura 4. Frequência de categorias de reações dos filhos frente a demonstração parental de carinho, segundo relatos de pais e de mães, organizadas por Grupos.

Os filhos, segundo os relatos dos participantes, correspondem à demonstração de carinho dos pais, seja apenas pela expressão do rosto, seja falando algo ou então beijando, abraçando e fazendo carinho. Os pais relatam que os filhos retribuem ao carinho principalmente *pela expressão do rosto*, já para as Mães os filhos, muito freqüentemente,

tanto *expressam pelo rosto*, como *falam algo*. Comparando IPC com ICSA, percebe-se que ambos os Grupos destacam que os filhos reagem aos carinhos principalmente *pela expressão do rosto*. Para o Grupo IPC as crianças freqüentemente também correspondem ao carinho *falando algo*, já o Grupo ICSA relata que as crianças também reagem *beijando, abraçando e fazendo carinho*.

1.5. Resumo da categoria *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*.

O Quadro 3 apresenta um resumo das HSE-P e das Diversidades de *Expressão de sentimentos e enfrentamento*, organizado pelos resultados obtidos com as estatísticas de Amostras relacionadas (*Wilcoxon*) e Amostras independentes (*Mann-Whitney - two-tailed*), respectivamente.

Quadro 3. Comparação por itens conforme as análises estatísticas *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two-tailed)* da categoria *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*.

Amostras Comparadas	HSE-Parentais (HSE-P)	Diversidades das HSE-P
PAIS ICSA > MÃES ICSA	---	---
MÃES ICSA > PAIS ICSA	Expressar sentimentos negativos	Assuntos de expressar opiniões Demonstrar carinho
PAIS IPC > MÃES IPC	---	---
MÃES IPC > PAIS IPC	Expressar sentimentos positivos Expressar opiniões	---
MÃES ICSA > MÃES IPC	Demonstrar carinho	---
MÃES IPC > MÃES ICSA	---	---
PAIS ICSA > PAIS IPC	---	---
PAIS IPC > PAIS ICSA	---	---
IPC > ICSA	---	---
ICSA > IPC	Demonstrar carinho	---
PAIS > MÃES	---	---
MÃES > PAIS	Expressar sentimentos positivos Expressar opiniões	Forma de expressar sentimentos negativos Assuntos de expressar opiniões

O Quadro 3 aponta diversas HSE-P e Diversidades de HSE-P a favor das mães quando comparadas aos pais, especialmente para as mães ICSA. No entanto, é possível observar

semelhanças entre os grupos quanto às HSE-P avaliadas (expressar sentimentos positivos e negativos, expressar opiniões e demonstrar carinho), tais como: a) pais e mães ICSA não diferem quanto à expressão de sentimentos positivos; b) pais e mães IPC são equivalentes quanto à expressão de sentimentos negativos e demonstração de carinho; c) na comparação entre IPC e ICSA, apenas demonstrar carinho foi significativamente maior para ICSA, portanto, os grupos são equivalentes para expressar sentimentos positivos e negativos e expressar opiniões; d) a partir das análises entre Mães e Pais observa-se que ambos parecem demonstrar carinho da mesma forma, ainda que as mães relatem expressar mais opiniões e sentimentos positivos e negativos.

2. Comunicação

2.1. Manter conversação.

A Tabela 14 apresenta frequência de respostas de manter conversação e medianas de assuntos focalizados, pelos participantes, ao conversarem com seus filhos.

Tabela 14. Frequência de respostas para o item manter conversação e medianas para situações/ assuntos de manter conversação, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	1	7	16	4
IPC MAES	0	0	19	4
ICSA PAIS	0	6	18	4
ICSA MAES	0	1	23	4

Diferenças estatísticas foram encontradas no cruzamento entre pais e mães ICSA (teste de *Wilcoxon*), a favor das mães ($p = 0,025$). Semelhantemente, os resultados das análises estatísticas entre os grupos Pais x Mães (Teste U de *Mann-Whitney*) também apontam diferenças entre grupos no que se refere à Diversidade da HSE-P de manter conversação ($p = 0,018$), sendo significativamente maior para mães.

A Figura 6 refere-se às principais categorias de situações e/ou assuntos, sobre os quais quais os participantes mantêm conversação com seus filhos.

Figura 6. Frequência de aparecimento de categorias de situações, assuntos de manter conversação, organizada por Grupos.

Pela Figura acima percebe-se que as mães, mais frequentemente que os pais, relataram conversar com seus filhos sobre concepções de certo e errado, sobre escola e/ou estudo e sobre relacionamento interpessoal. É possível observar também que o Grupo ICSA conversa diante de perguntas/pedidos dos filhos e sobre televisão mais frequentemente que os participantes IPC; as demais categorias aparecem com alta frequência em ambos os grupos.

A Tabela 15 apresenta frequência de respostas da categoria fazer perguntas e medianas de assuntos de fazer perguntas.

Tabela 15. Frequência de respostas para o item fazer perguntas e medianas para assuntos de fazer perguntas, organizadas por Grupos.

Grupos	Escores: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	2	11	11	3
IPC MAES	1	6	17	4
ICSA PAIS	1	12	11	2
ICSA MAES	1	5	18	4,5

Análises estatísticas apontam diferenças entre pais e mães do Grupo ICSA, a favor das mães que relataram variar quanto o tipo de perguntas feitas aos filhos ($p = 0,019$). Também foram encontradas diferenças entre Pais e Mães, tanto na frequência de perguntas ($p = 0,006$),

como nos tipos de assuntos abordados nas mesmas ($p = 0,018$). Os resultados apontam, então, que as mães, especialmente as do Grupo ICSA, são capazes de fazer mais perguntas, bem como dispõem de uma variedade maior de assuntos.

A Figura 7 refere-se às principais categorias acerca dos assuntos constituintes das perguntas feitas aos filhos, pelos respondentes.

Figura 7. Frequência de aparecimento de categorias de assuntos de fazer perguntas, organizada por Grupos.

A Figura 7 mostra que os participantes fazem perguntas principalmente sobre a escola, seguida de atividades do dia e finalmente sobre relacionamento interpessoal. Há poucas diferenças entre os grupos de pais, mães, IPC e ICSA, porém, nota-se que as mães destacam-se quanto às perguntas feitas sobre a escola.

2.2. Ouvir e consequenciar perguntas sobre sexo.

Pela Tabela 16 observa-se a frequência de respostas da categoria ouvir questões sobre sexo, bem como as medianas de comportamentos parentais diante de perguntas sobre sexualidade.

Tabela 16. Frequência de respostas para o item ouvir questões sobre sexo e medianas de comportamentos parentais diante de perguntas sobre sexo, organizadas por Grupos.

Grupos	Escores: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	16	7	1	0
IPC MAES	11	8	5	0
ICSA PAIS	14	9	1	0
ICSA MAES	8	12	4	1

Resultados apontam diferenças estatísticas apenas para a HSE-P ouvir questões sobre sexo, isto é, os grupos não diferem quanto às respostas parentais diante de perguntas sobre sexualidade. Os resultados apontam que os filhos preferem fazer questões a respeito de sexualidade para as mães, seja as do Grupo IPC ($p = 0,048$), seja as do ICSA ($p = 0,048$). Conseqüentemente, as mães são mais procuradas para responder às perguntas sobre sexualidade dos filhos ($p = 0,021$), sendo que o assunto de maior interesse dos filhos refere-se a nascimento e gestação. As reações parentais encontram-se na Figura 8.

Figura 8. Frequência de aparecimento da categoria comportamentos parentais diante de perguntas sobre sexo, organizadas por Grupos.

Conforme a Figura 8, as mães respondem, em geral, falando a verdade. O mesmo observa-se quanto ao Grupo ICSA, que ao ser comparado ao IPC, explicam à pergunta “de onde vêm os bebês” geralmente pautando-se na verdade.

2.3. Resumo da categoria *Comunicação*.

O Quadro 4 apresenta um resumo das HSE-P e das Diversidades de HSE-P de *Comunicação*, organizado a partir dos resultados obtidos com as estatísticas de amostras relacionadas e de amostras independentes.

Quadro 4. Comparação por itens conforme das análises estatísticas *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two-tailed)* da categoria *Comunicação*.

Amostras Comparadas	HSE-Parentais (HSE-P)	Diversidades das HSE-P
PAIS ICSA > MÃES ICSA	---	---
MÃES ICSA > PAIS ICSA	Manter conversaço Ouvir questões sobre sexo	Assuntos de fazer perguntas
PAIS IPC > MÃES IPC	---	---
MÃES IPC > PAIS IPC	Ouvir questões sobre sexo	---
MÃES ICSA > MAES IPC	Manter conversaço	---
MÃES IPC > MÃES ICSA	---	---
PAIS ICSA > PAIS IPC	---	---
PAIS IPC > PAIS ICSA	---	---
IPC > ICSA	---	---
ICSA > IPC	---	---
PAIS > MÃES	---	---
MÃES > PAIS	Fazer perguntas Manter conversaço Ouvir perguntas sobre sexo	Situações/assuntos de diálogos Assuntos de fazer perguntas

O quadro acima aponta que as HSE-P e as Diversidades da categoria *Comunicação* foram mais freqüentemente citadas pelas mães quando comparadas aos pais, especialmente para as do Grupo ICSA. Desta forma, pode-se concluir que, pelo menos quanto às análises estatísticas, os padrões materno e paterno diferem quanto à comunicação com os filhos; o mesmo pode ser observado nas comparações entre os participantes IPC e ICSA.

3. Interação Positiva

3.1. Brincar com filho.

A Tabela 17 apresenta a frequência de respostas de brincar com os filhos e as medianas referentes aos tipos de brincadeiras que os pais fazem com seus filhos.

Tabela 17. Frequência de respostas para o item brincar com filho e medianas para tipos de brincadeiras, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	0	10	14	4
IPC MAES	1	13	10	4
ICSA PAIS	0	11	13	3
ICSA MAES	0	14	10	4

As análises estatísticas apontam que os grupos são equivalentes quanto à frequência com que brincam com seus filhos, bem como em relação à variedade de brincadeiras utilizadas. A descrição dos principais tipos de brincadeiras que os participantes fazem com seus filhos encontra-se na Figura 9.

Figura 9. Frequência de aparecimento de categorias referente às *brincadeiras parentais com os filhos*, organizadas por Grupos.

Ainda que diferenças estatísticas não tenham sido encontradas, os grupos diferem quanto aos tipos de brincadeiras realizadas. Os pais brincam com mais frequência quando comparados às mães e geralmente com jogos esportivos, como futebol e luta. As mães

brincam principalmente de jogos do tipo de encaixar, pipa, esconde-esconde etc. A comparação entre os Grupos IPC e ICSA mostra que o primeiro brinca com seus filhos especialmente com jogos esportivos, enquanto que os participantes ICSA brincam mais com os jogos de encaixar, pipa, esconde-esconde etc, apesar de também brincarem de jogos esportivos.

4. Habilidades que propiciam consistência na prática educativa

4.1. Concordar com o cônjuge quanto à forma de educar o filho.

A Tabela 18 apresenta a frequência com que os cônjuges concordam quanto à prática educativa dos filhos. Os participantes que relataram não concordar com o cônjuge ou concordar apenas em parte foram questionados quanto aos seus comportamentos diante destas discordâncias. Para este conjunto de dados foram calculadas as medianas que também estão na tabela abaixo. As análises estatísticas correspondentes encontram-se na Tabela 19.

Tabela 18. Frequência de respostas para o item concordar com o cônjuge e medianas para comportamentos parentais frente à discordância, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	2	8	14	0
IPC MAES	3	14	7	1
ICSA PAIS	1	4	20	0
ICSA MAES	1	7	16	0

Tabela 19. Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two-tailed)* para o item concordar com o cônjuge e comportamentos parentais frente à discordância.

Amostras comparadas	Valor de p: HSE-P.	Valor de p: Diversidades de HSE-P.
Pais ICSA x Mães ICSA	n.s. ^(*)	n.s.
Pais IPC x Mães IPC	n.s.	n.s.
Mães ICSA x Mães IPC	0,010	0,003
Pais ICSA x Pais IPC	n.s.	0,009
IPC x ICSA	0,007	0,000
Pais x Mães	n.s.	0,011

^(*)n.s.: Não significativo

As Tabelas acima apontam diferenças entre os grupos IPC e ICSA para a concordância do casal (HSE-P) e para os comportamentos parentais frente à discordância quanto às práticas educativas (Diversidades de HSE-P). Os participantes do Grupo ICSA, especialmente as

mães, relataram concordar mais com seus cônjuges, quando comparados aos do Grupo IPC. Conseqüentemente, tanto os pais como as mães IPC afirmaram discordar de seus(suas) companheiros(as), de forma estatisticamente significativa quando comparados aos pais e às mães do Grupo ICSA. Conseqüentemente, observam-se diferenças nos cruzamentos entre IPC e ICSA e entre Pais e Mães, sendo maior para IPC e para Mães, respectivamente, com relação à Diversidade desta HSE-P.

A Figura 10 representa às principais razões pelas quais os participantes concordam quanto a educação dos filhos.

Figura 10. Frequência de aparecimento de categorias de porque há concordância conjugal quanto à educação de filhos, organizadas por Grupos.

A Figura 10 aponta que os cônjuges concordam principalmente por três razões: a) porque conversam para tomar decisões quanto à educação do filho; b) porque quando um cônjuge estabelece limite, o outro respeita; c) finalmente porque os cônjuges têm as mesmas opiniões. Chama atenção, no Grupo ICSA, que os participantes relataram concordar mais por conversarem antes de tomar decisões quanto à educação dos filhos, ainda que ambos os grupos tenham dito que quando um progenitor chama atenção o outro respeita.

Os participantes que relataram discordar sempre ou às vezes foram questionados sobre os motivos pelos quais havia discordância e também como se comportavam nestas situações. Estes resultados são apresentados nas Figuras 11 e 12, respectivamente.

Figura 11. Frequência de aparecimento da categoria referente às razões pelas quais há discordância conjugal quanto à educação de filhos, organizadas por Grupos.

Figura 12. Frequência de aparecimento da categoria referente aos comportamentos parentais frente à discordância conjugal quanto à educação de filhos, organizadas por Grupos.

Os participantes, especialmente os dos Grupos de Mães e IPC, relataram discordar porque pensam muito diferente quanto às estratégias de educar. Nestas situações os participantes freqüentemente conversam na ausência do filho ou, com menos incidência, conversam com o cônjuge na frente do filho. É interessante notar, pela Figura 12, que os

pais conversam menos quando comparados às mães, as quais além de conversarem mais, o fazem principalmente na ausência dos filhos. Um padrão semelhante percebe-se nas comparações entre IPC e ICSA, em que o segundo grupo conversa muito menos, nestas ocasiões, quando comparado ao IPC e este o faz também principalmente na ausência dos filhos, ainda que conversem freqüentemente também na presença dos mesmos.

4.2. Participar da educação do filho.

A Figura 13 apresenta a freqüência com que os cônjuges participam da educação dos filhos.

Figura 13. Freqüência de aparecimento da categoria participação do progenitor na educação de filhos, organizadas por Grupos.

Pela figura acima percebe-se uma concordância entre os grupos, pois segundo os relatos dos pais, das mães e dos participantes IPC e ICSA, são as mães quem mais participam da educação dos filhos.

4.3 Estabelecer limites.

Para a categoria estabelecer limites foram realizadas várias questões aos participantes. Parte dos dados foram passíveis de tratamento estatístico e para os demais dados foi realizada análise quantitativa descritiva. A freqüência com que os respondentes achavam importante estabelecer limites, as situações pelas quais julgavam necessário limitar, como estabeleciam limites e como sentiam-se após o estabelecimento de limites foram tratados estatisticamente.

A frequência de aparecimento de estabelecer limites e as medianas dos demais dados, acima mencionados, são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 20. Frequência de respostas para o item estabelecer limites e medianas para situações pelas quais os participantes julgavam necessário limitar, como estabeleciam limites e como sentiam-se após o estabelecimento de limites, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.		
	N	A	F	1 ^(*)	2	3
IPC PAIS	0	8	16	2	2	1
IPC MAES	0	4	20	4	2	2
ICSA PAIS	0	2	22	4	2	2
ICSA MAES	1	6	17	4,5	2	2

^(*) 1 = Situações de estabelecer limites; 2 = Comportamentos parentais de estabelecer limites; 3 = Sentimentos após estabelecer limites

As Especificidades 2 e 3 que correspondiam a itens negativos (por exemplo bater; sentir-se mal) tiveram seus escores invertidos quando realizadas as análises estatísticas. Diferenças estatísticas foram encontradas quanto à frequência com que os pais julgam importante estabelecer limites, a favor dos pais ICSA quando comparados aos pais IPC ($p = 0,035$). Não foram encontradas diferenças quanto às situações, julgadas pelos pais, como importantes para estabelecer limites, bem como quanto aos comportamentos emitidos nestas ocasiões. Quanto aos sentimentos, apenas no cruzamento de pais IPC e mães IPC foram obtidas diferenças significativas a favor das mães ($p = 0,027$), isto é, as mães relataram sentirem-se bem mais frequentemente que os pais. Os motivos pelos quais os participantes acham importante estabelecer limites são descritos na figura abaixo.

Figura 14. Frequência de aparecimento da categoria motivos para estabelecer limites, organizadas por Grupos.

Pela Figura 14 percebe-se que as razões pelas quais os participantes mais frequentemente consideram importante estabelecer limites são, em primeiro lugar, para orientar e/ou ensinar o que é certo ou errado e, em segundo lugar, porque acham que se não estabelecerem limites, perderão o controle em relação aos filhos. Outras sete categorias foram apontadas pelos pais com menos frequência e encontram-se na Tabela 53 do Anexo 10.

As Figuras 15, 16 e 17 apresentam, respectivamente, as situações em que os pais e as mães estabelecem limites, os comportamentos que emitem ao estabelecer limites e os sentimentos sentidos após estabelecê-los.

Figura 15. Frequência de aparecimento da categoria situações de estabelecer limites, organizadas por Grupos.

Figura 16. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos parentais para estabelecer limites, organizadas por Grupos.

Figura 17. Frequência de aparecimento das categorias de sentimentos parentais após estabelecer limites, organizadas por Grupos.

A Figura 15 aponta que todas as categorias referentes às situações cujos limites são estabelecidos foram mais frequentemente citadas pelas mães quando comparadas aos pais, as quais são: em primeiro lugar situações de brincadeiras, seguidas de quando as crianças ficam assistindo TV e/ou vídeo cassete e jogando vídeo game, em terceiro lugar os horários (de dormir, alimentar-se) e finalmente a alimentação. Na comparação entre os Grupos IPC e ICSA observa-se que os participantes IPC relatam limitar mais quando os filhos fazem bagunça, já os pais e as mães ICSA estabelecem limites quanto a: a) TV e/ou vídeo cassete e

jogos de vídeo game; b) assuntos relacionados à escola/estudo; c) horários (de dormir, alimentar-se).

Nestas situações, como visto na Figura 16, os pais e as mães de ambos os grupos utilizam, com alta frequência, tanto estratégias de negociação (dizer não, conversar, pedir mudança de comportamento) quanto “coercitivas” (punição positiva, ameaça de punição e retirada de recompensa). No entanto, ao comparar os grupos verifica-se que os pais e os participantes ICSA utilizam mais comportamentos que envolvem negociação que os claramente “coercitivos”, enquanto que as mães e o Grupo IPC utilizam igualmente ambos os tipos de estratégias. Pela Figura 17, após estabelecerem os limites as mães e os participantes ICSA relataram mais frequentemente sentirem-se bem, ao contrário dos pais e do Grupo IPC que avaliaram mais sentirem-se mal nestas situações.

Na aplicação do QHSE-P, ao término destas questões, os participantes foram questionados quanto à reação dos filhos diante dos limites estabelecidos; os resultados encontram-se na Figura 18.

Figura 18. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos dos filhos após o estabelecer limites, organizadas por Grupos.

A Figura 18 mostra um padrão semelhantes entre os Grupos, sendo que os filhos obedecem aos limites estabelecidos, porém mostram descontentamento fazendo birra, ficando bravos, chorando e/ou ficando tristes.

4.4. Cumprir promessas.

A Tabela 21 apresenta a frequência com que os cônjuges cumprem promessas feitas aos filhos e a frequência com que encontram dificuldades em cumpri-las. Para os comportamentos parentais após o não cumprimento das promessas foram calculadas as medianas que também estão na Tabela 21.

Tabela 21. Frequência de respostas para os itens cumprir promessas (HSE-P 1) e ter dificuldades para cumprir promessas (HSE-P 2). Medianas foram calculadas para os comportamentos parentais diante do não cumprimento de promessas, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore: HSE-P 1 ^(*)			Escore: HSE-P 2 ^(*)			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	F	A	N	F	A	N	
IPC PAIS	1	7	15	10	10	3	0,5
IPC MAES	1	4	19	8	12	14	2
ICSA PAIS	0	2	21	13	9	1	0
ICSA MAES	0	1	23	12	10	2	0

^(*) Um (1) Pai ICSA e um (1) Pai IPC relataram não fazer promessas aos filho

Verificaram-se diferenças apenas para a HSE-P cumprir promessas, na comparação entre os Grupos pais IPC e pais ICSA ($p = 0,032$) e na comparação entre IPC e ICSA ($p = 0,008$), com ambos os resultados a favor dos participantes ICSA. A Figura 19 apresenta as razões pelas quais os participantes têm dificuldades em cumprir promessas e a Figura 20, os comportamentos emitidos nestas situações.

Figura 19. Frequência de aparecimento das categorias de dificuldades parentais diante do cumprir promessas (as três primeiras barras), organizada por Grupos.

Figura 20. Frequência de aparecimento da categoria comportamento parentais diante do não cumprimento de promessas, organizada por Grupos.

Pela Figura 19 percebe-se que as categorias mais citadas pelos participantes foram: dificuldade em cumprir ameaças, dar presentes e dificuldades de ordem financeira (que justificam inclusive a dificuldade de presentear). As mães e o Grupo IPC, quando comparados aos pais e ao Grupo ICSA, apresentam mais dificuldades em cumprir promessas. Nestas situações, como visto na Figura 20, os pais e as mães, de ambos os grupos, relataram conversar e/ou negociar com seus filhos, especialmente as mães e os respondentes IPC; a categoria outras refere-se aos seguintes comportamentos: ficar bravo, não fazer nada, comprar a prestações o que a criança pediu ou pedir indiretamente para parentes comprar.

4.5. Resumo da categoria *Habilidades que propiciam consistência na prática educativa*.

O Quadro 5 apresenta um resumo das HSE-P e das Diversidades de *Habilidades que propiciam consistência na prática educativa* dos filhos, organizado frente aos resultados obtidos com as análises estatísticas.

Quadro 5. Comparação por itens conforme análise estatística *Wilcoxon* das HSE-Parentais e das Diversidades de HSE-P da categoria *Habilidades que propiciam consistência na prática educativa*.

Amostras Comparadas	HSE-Parentais (HSE-P)	Diversidades das HSE-P
PAIS ICSA > MÃES ICSA	---	---
MÃES ICSA > PAIS ICSA	---	---
PAIS IPC > MÃES IPC	---	---
MÃES IPC > PAIS IPC	Sentimentos após limites	---
MÃES ICSA > MÃES IPC	Concordar com cônjuge	---
MÃES IPC > MÃES ICSA	---	Comportamentos parentais frente à discordância
PAIS ICSA > PAIS IPC	Estabelecer limites Cumprir promessas	---
PAIS IPC > PAIS ICSA	---	Comportamentos parentais frente à discordância
IPC > ICSA	---	Comportamentos parentais frente à discordância
ICSA > IPC	Concordar com cônjuge Cumprir promessas	---
PAIS > MÃES	Concordar com cônjuge	---
MÃES > PAIS	---	Comportamentos parentais frente à discordância

O Quadro 5 aponta diferenças entre Grupos. As mães ICSA concordam mais com seus cônjuges quando comparadas às mães IPC. Por outro lado, as mães e os pais IPC emitem mais diversidades de comportamentos frente à discordância, afinal eles discordam mais entre si. Nas comparações entre pais IPC e pais ICSA, verifica-se que os do Grupo ICSA são mais hábeis em estabelecer limites e em cumprir promessas, o que contribuiu para a diferença estatística, para estas categorias, a favor do Grupo ICSA. Comportamentos parentais quando

há discordância conjugal foram significativamente mais diversificados para os Grupos IPC e Mães, quando comparados aos grupos correspondentes. Por outro lado é possível apontar algumas semelhanças entre os grupos: a) ambos os grupos relataram igualmente que as mães participam mais da educação dos filhos; b) todos os grupos (IPC, ICSA, Pais e Mães) utilizam estratégias semelhantes para estabelecer limites, bem como as crianças parecem reagir a elas de modo semelhante; c) pais e mães ICSA relatam consistência nas práticas educativas, pois igualmente relatam emitir estas HSE-P; já no grupo IPC, os participantes diferem apenas quanto aos sentimentos após limites, no mais, também acreditam emitir os mesmos comportamentos. Tais achados apontam consistência entre as práticas materna e paterna.

5. Descrição positiva do filho

A Tabela 22 apresenta a frequência com que os cônjuges consideram que os filhos comportam-se de maneira “desejável”. Os participantes também relataram acerca de quais são os comportamentos desejados e observados nos filhos, bem como as suas reações diante dos mesmos. Para estas Diversidades de HSE-P foram calculadas as medianas que também estão na tabela. A Tabela 23 apresenta os resultados das análises estatísticas realizadas.

Tabela 22. Frequência de respostas para o item existência de comportamentos “desejados” e medianas para descrição de comportamentos “desejados” dos filhos e para comportamentos parentais nestas situações, organizadas por Grupos.

Grupos	Escore:			Medianas:	
	HSE-P.			Diversidades de HSE-P.	
	N	A	F	1 ^(*)	2
IPC PAIS	0	14	10	4	2
IPC MAES	0	7	17	4	2
ICSA PAIS	0	4	0	2,5	2,5
ICSA MAES	0	5	19	4	4

^(*) 1 = Descrição de comportamentos “desejados”; 2 = Comportamentos parentais frente aos comportamentos “desejados” de filhos.

Tabela 23. Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two-tailed)* para o item existência de comportamentos “desejados” (HSE-P), para a descrição destes comportamentos (Diversidades 1) e para comportamentos parentais diante destas situações (Diversidades 2).

Amostras comparadas	Valor de p: HSE-P.	Valor de p: Diversidades de HSE-P.	
		1	2
Pais ICSA x Mães ICSA	n.s. ^(*)	0,032	n.s.
Pais IPC x Mães IPC	n.s.	n.s.	n.s.
Mães ICSA x Mães IPC	n.s.	n.s.	n.s.
Pais ICSA x Pais IPC	0,003	n.s.	n.s.
IPC x ICSA	0,008	n.s.	n.s.
Pais x Mães	n.s.	0,021	n.s.

^(*)n.s.: Não significativo

As tabelas acima apontam diferenças estatísticas para a HSE-P e para a Diversidade referentes à discriminação de comportamentos “desejados” de filhos. Os resultados mostram que os pais do Grupo ICSA, quando comparados aos IPC, relataram observar um maior número de comportamentos “desejados” em seus filhos. Esta diferença levou à diferença no cruzamento entre IPC e ICSA a favor dos participantes ICSA. Interessante notar que ao serem solicitados a descrever tais comportamentos adequados, foram as mães ICSA que apontaram um maior número de comportamentos, fato que contribui para a diferença estatisticamente significativa também para as mães, quando comparadas aos pais. As reações parentais nestas situações foram semelhantes entre os grupos, a ponto de não haver diferenças estatísticas. A Figura 21 descreve a frequência com que os participantes relataram comportamentos tidos como “desejados” em seus filhos, bem como a diversidade deles.

Figura 21. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos de filhos considerados como “desejados”, pelos pais, organizadas por Grupos.

Pela figura acima percebe-se que os pais e as mães observam com maior frequência, dentre os comportamentos “desejados”, que os filhos são amorosos, carinhosos e alegres, especialmente os participantes do Grupo ICSA e os pais. As categorias é educado, é estudioso e é obediente, apesar de serem menos citadas, aparecem com a mesma tendência entre os grupos. Entretanto, as mães e os participantes IPC relataram mais frequentemente que os grupos correspondentes que os filhos procuram ajudar os progenitores.

A Figura 22 apresenta as principais reações parentais frente aos comportamentos considerados “desejados” dos filhos.

Figura 22. Frequência de aparecimento das categorias de Comportamentos parentais diante de comportamentos adequados de filhos, organizadas por Grupos.

Como visto, pela Figura 22, os respondentes, geralmente, consequenciam os comportamentos dos filhos demonstrando contentamento através de elogios, dizendo que amam, conversando, agradecendo etc. Ou então, os pais e as mães beijam e/ou abraçam seus filhos. Tais comportamentos parentais são mais freqüentemente apontados pelas mães e pelos participantes ICSA. Os participantes foram também questionados acerca do que sentiam quando os filhos comportavam-se conforme esperavam, e todos apontaram sentimentos positivos, tais como satisfação, contentamento, orgulho e felicidade.

Resumindo a categoria *Descrição positiva do filho*, observam-se diferenças significativas a favor de pais e de mães do Grupo ICSA quanto à discriminação de comportamentos “desejados” dos filhos. Os pais desse grupo reconhecem mais freqüentemente esses comportamentos, ao passo que as mães têm mais habilidade em descrevê-los. Entretanto, as análises quantitativas descritivas apontam que os grupos IPC, ICSA, Pais e Mães descrevem e consequenciam igualmente a diversidade de comportamentos “desejados” dos filhos, com algum destaque para as mães e para o Grupo ICSA.

6. Reflexão sobre a prática educativa

A Tabela 24 apresenta a freqüência com que os cônjuges discriminam “erros” cometidos na interação com os filhos. Os participantes também relataram quais comportamentos emitem diante destas situações. Para este conjunto de dados foram calculadas as medianas que também estão na Tabela 23.

Tabela 24. Freqüência de respostas para o item auto-avaliação parental quanto a “erros” cometidos na relação com o filho e medianas para comportamentos parentais diante destas situações, organizadas por Grupos.

Grupos	Escores: HSE-P.			Medianas: Diversidades de HSE-P.
	N	A	F	
IPC PAIS	8	15	1	1
IPC MAES	5	13	6	2
ICSA PAIS	7	15	2	2
ICSA MAES	2	21	1	2

As análises estatísticas não encontraram diferenças entre os grupos.

As Figuras 23 e 24 descrevem, respectivamente, os comportamentos parentais considerados, por eles, como “indesejados” na prática educativa dos filhos, e como se comportam nestas situações.

Figura 23. Frequência de aparecimento das categorias de comportamentos parentais considerados, por eles, como “indesejados”, organizadas por Grupos.

Figura 24. Frequência de aparecimento das categorias de reações parentais após comportamentos parentais considerados, por eles, como “indesejados”, organizadas por Grupos.

A Figura 23 mostra que os participantes, especialmente as mães e o Grupo ICSA, consideram errado punir os filhos, seja quando batem, seja quando dão broncas frente a comportamentos “indesejados” dos mesmos. Quando os participantes consideram que

cometeram algum “erro”, conforme a Figura 24, procuram conversar com seus filhos, especialmente as mães e os do Grupo ICSA. Em segundo lugar, pedem desculpas aos filhos, principalmente os respondentes ICSA. Um pequeno número de pessoas apontou que não faz nada nestas situações e um número ainda menor relatou que procura agradar os filhos quando se arrependem de algo que fizeram em relação aos mesmos.

7. Resumo das HSE-P e Diversidades de HSE-P

O Quadro 6 resume as diferenças entre os grupos apresentadas até aqui.

Quadro 6. Comparação por itens conforme análise estatística *Wilcoxon* das HSE-P e das respectivas Diversidades de HSE-P.

Amostras Comparadas	HSE-Parentais (HSE-P)	Diversidades das HSE-P
PAIS ICSA > MÃES ICSA	Discriminação de comportamentos “desejados”	---
MÃES ICSA > PAIS ICSA	Expressar sentimentos negativos Manter conversação Ouvir questões sobre sexo Descrição de comptos “desejados”	Assuntos de expressar opiniões Demonstrar carinho Assuntos de fazer perguntas
PAIS IPC > MÃES IPC	---	---
MÃES IPC > PAIS IPC	Expressar sentimentos positivos Expressar opiniões Ouvir questões sobre sexo Sentimentos após limites	---
MÃES ICSA > MAES IPC	Demonstrar carinho Manter conversação Concordar com cônjuge	---
MÃES IPC > MÃES ICSA	---	Comportamentos parentais frente à discordância
PAIS ICSA > PAIS IPC	Estabelecer limites Cumprir promessas	---
PAIS IPC > PAIS ICSA	---	Comportamentos parentais frente à discordância
IPC > ICSA	---	Comportamentos parentais frente à discordância
ICSA > IPC	Demonstrar carinho Concordar com cônjuge Cumprir promessas Discriminação de comportamentos “desejados”	---
PAIS > MÃES	Concordar com cônjuge	---
MÃES > PAIS	Expressar sentimentos positivos Expressar opiniões Fazer perguntas Manter conversação Ouvir perguntas sobre sexo	Forma de expressar sentimentos negativos Assuntos de expressar opiniões Situações/assuntos de diálogos Assuntos de fazer perguntas Comportamentos parentais frente à discordância Descrição de comptos “desejados”

Pelos resultados acima, verifica-se que todos os grupos possuem Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P), no entanto, destacam-se os Grupos de Mães e o ICSA. Grupos de Pais e IPC também apresentam algumas HSE-P.

Comparando pais e mães de um mesmo grupo, pelo Quadro 6, percebe-se que as mães ICSA possuem as seguintes HSE-P e Diversidades de HSE-P em nível estatisticamente maior que os pais ICSA: expressar sentimentos negativos, manter conversação, ouvir questões sobre sexo, descrever comportamentos adequados, ter variabilidade de assuntos quando expressam opiniões, demonstrar carinho e ter variabilidade de assuntos de fazer perguntas. As mães IPC também apresentam mais HSE-P quando comparadas aos pais IPC: expressar sentimentos positivos, expressar opiniões e sentem-se bem após o estabelecimento de limites.

Comparando os Grupos IPC e ICSA observa-se que: a) as mães do Grupo ICSA possuem mais habilidades quando comparadas às mães IPC: demonstrar carinho, manter conversação, concordar com o cônjuge; b) os pais ICSA também relatam emitir mais freqüentemente as seguintes habilidades quando comparados aos pais IPC: estabelecer limites, cumprir promessas, discriminar a existência de comportamentos adequados dos filhos; c) conseqüentemente, o Grupo ICSA relata possuir estatisticamente mais as seguintes HSE-P: demonstrar carinho, concordar com o cônjuge, cumprir promessas e discriminar a existência de comportamentos adequados dos filhos; d) as mães, quando comparadas aos pais, relatam emitir as HSE-P e Diversidades de HSE-P: expressar sentimentos positivos e variabilidade de formas de expressar sentimentos negativos, expressar opiniões e variabilidade de assuntos ao expressá-las, fazer perguntas e variabilidade de assuntos ao fazê-las, manter conversação e variabilidade de situações e/ou assuntos de diálogos, ouvir perguntas sobre sexo, ter comportamentos socialmente mais adequados frente a discordância conjugal e descrever comportamentos adequados de filhos. Além disso, os pais relatam concordar com a cônjuge mais freqüentemente que as mães.

8. Análises por gênero

Como apontado na seção de Método os Grupos IPC e ICSA diferem quanto à distribuição por gênero das crianças. Para remediar esta limitação foram realizadas análises estatísticas (*Wilcoxon*) para as HSE-P ou Diversidades de HSE-P que apresentaram diferenças em pelo menos algum dos cruzamentos (vide por exemplo Quadro 6). As análises buscaram: a) comparar os resultados dos pais e das mães de meninos dos Grupos IPC e ICSA e b) comparar resultados de pais/mães de meninos e de meninas do Grupo ICSA, já que para este grupo há uma distribuição por gênero mais equivalente (14 meninas e 10 meninos).

As estatísticas entre pais e mães de meninos IPC e ICSA encontrou diferenças para as seguintes HSE-P ou Diversidade de HSE-P: a) assuntos de fazer perguntas ($p = 0,011$) no cruzamento Pais ICSA x Mães ICSA, sendo maior para as mães; b) sentimentos após estabelecer limites ($p = 0,019$) sendo maior para Mães IPC ao serem comparadas aos Pais IPC; e c) concordar com cônjuge ($p = 0,021$), maior para Pais IPC quando comparados às mães do mesmo grupo. Já nos cruzamentos entre pais e mães ICSA quanto ao gênero dos filhos pôde-se observar os seguintes resultados: a) a diversidade de assuntos utilizados para fazer perguntas apresentou diferença estatística ($p = 0,011$) na análise entre Pais ICSA e Mães ICSA de meninos, sendo maior para as mães; b) os assuntos de expressar opiniões tiveram diferença estatística na comparação entre Pais e Mães de meninas, também mais freqüente para as mães; c) a HSE-P estabelecer limites foi mais citada pelos Pais ICSA de meninos quando comparados às Mães ICSA de meninos ($p = 0,046$); e) ouvir questões sobre sexo foi estatisticamente mais apontada pelas Mães ICSA de meninas ($p = 0,038$) quando cruzadas com os Pais ICSA de meninas.

Estes resultados permitem apontar que os estilos paterno e materno, dos Grupos IPC e ICSA, podem diferir conforme o gênero da criança, porém, como para a grande maioria das HSE-P e suas Diversidades as tendências foram equivalentes, é possível hipotetizar que haja mais concordância que discordância entre os estilos.

II) Repertório Comportamental de Filhos

Esta seção está organizada em dois conjuntos de resultados, apresentados na seguinte sequência: 1. Repertório Comportamental “Desejado” de Filhos (obtido através do instrumento QCSA) e 2. Repertório Comportamental “Indesejado” de Filhos (obtido através do instrumento ECI).

1. Repertório Comportamental “Desejado” de Filhos (RCDF)

Os participantes responderam nunca/quase nunca, algumas vezes ou freqüentemente às perguntas do questionário QCSA. Para a resposta nunca/quase nunca foi atribuído o escore 0 (zero), para resposta algumas vezes atribuiu-se o escore 1 (um) e para a resposta freqüentemente foi atribuído o escore 2 (dois). Os dados referentes às perguntas de repertório comportamental adequado de filhos (por ex. faz pedidos, expressa carinho) permitiram o tratamento estatístico em sua totalidade, levando a escores globais. Posteriormente foi tratada cada uma destas habilidades apresentadas por grupos de categorias: Disponibilidade Social e Cooperação, Expressão de Sentimentos e Enfrentamento e Interação Social Positiva, além de terem sido realizadas análises quantitativas descritivas.

As medianas dos escores globais do Repertório Comportamental “Desejado” de Filhos (RCAF) são: a) 32,5 para IPC Pais; b) 32 para IPC Mães; c) 33,5 para ICSA Pais e d) 33 para ICSA Mães. As análises estatísticas encontraram diferença apenas para a comparação Pais x Mães ($p = 0,000$), sendo que os pais relataram observar um maior número de comportamentos adequados em seus filhos.

O conjunto de dados referente ao RCDF é composto por três categorias de análises e os resultados são apresentados conforme as mesmas.

1. *Disponibilidade Social e Cooperação*: faz pedidos; procura lhe ajudar; procura sua atenção; faz perguntas; faz elogios; cumprimenta as pessoas; toma iniciativa.
2. *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*: expressa desejos e preferência de forma adequada; critica; expressa carinho; expressa desagrado de forma adequada; usualmente está de bom humor; expressa suas opiniões; negocia e convence outras pessoas do seu ponto de vista; expressa direitos e necessidades de forma socialmente adequada.
3. *Interação Social Positiva*: comunica-se com as pessoas de forma positiva; apresenta facilidade de fazer amizades; brinca com colegas; interage de forma não verbal com pessoas de sua convivência.

1.1. Disponibilidade Social e Cooperação.

A Tabela 25 apresenta a frequência de respostas da categoria *Disponibilidade Social e Cooperação*.

Tabela 25. Frequência de respostas da categoria *Disponibilidade Social e Cooperação*.

Escore	Pai IPC			Mãe IPC			Mãe ICSA			Pai ICSA		
	N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
Faz pedidos	-	7	17	-	7	17	1	3	20	-	3	21
Procura te ajudar	1	6	17	4	5	15	2	7	15	4	8	12
Procura sua atenção	2	1	21	-	2	22	-	5	19	-	-	24
Faz perguntas	1	4	19	-	4	20	-	4	20	-	3	21
Cumprimenta as pessoas	2	4	18	2	7	15	3	3	18	-	11	13
Faz elogios	1	7	16	4	3	17	2	8	14	-	9	15
Toma iniciativas	4	7	13	4	5	15	2	10	12	3	8	13

Diferenças estatisticamente significativas foram encontradas para o item procura sua atenção: a) Mães IPC x Mães ICSA, a favor do Grupo ICSA ($p = 0,019$) e também entre os grupos Pais x Mães ($p = 0,031$) a favor do Grupo de Mães. Observa-se também que os itens apareceram com frequência semelhante entre os Grupos, sendo alta para todas as respostas avaliadas.

1.2. Expressão de Sentimentos e Enfrentamento.

A Tabela 265 apresenta escores dos itens que compõem a categoria *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*. A Figura 25 aponta o número de respostas ($A + F =$ somatória

de algumas vezes e freqüentemente) dada a cada um dos itens que compõem a categoria citada.

Tabela 26. Frequência de respostas da categoria *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*.

Escore	Pai IPC			Mãe IPC			Mãe ICSA			Pai ICSA		
	N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
Expressa desejos e preferências de forma adequada.	2	11	11	-	5	19	3	4	17	1	6	17
Crítica.	5	7	12	4	7	13	1	9	14	3	7	14
Expressa carinho.	2	1	21	-	2	22	-	3	21	-	2	22
Expressa desagrado de forma apropriada.	2	8	14	-	9	15	1	5	18	1	4	19
Usualmente está de bom humor.	1	3	20	2	4	18	1	5	18	-	4	20
Expressa seus direitos e necessidades de forma apropriada.	3	10	11	3	9	12	2	7	15	-	8	16
Expressa as próprias opiniões.	2	6	16	2	6	16	-	8	16	-	6	18
Negocia e convence outras pessoas do seu ponto de vista.	4	2	18	5	4	15	3	10	11	5	5	14

Figura 25. Frequência de aparecimento dos itens da categoria *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*.

Os resultados apontam diferenças entre os grupos para RCDF de *Expressão de Sentimentos e Enfrentamento*. Foram encontradas diferenças no cruzamento entre Pais e Mães

IPC ($p = 0,049$), a favor das Mães IPC (relacionado ao item Expressa desejos e preferências de forma adequada). Diferenças foram encontradas também nas análises entre Pais e Mães (Expressa desejos e preferências de forma adequada), sendo significativamente maior para mães ($p = 0,019$) e, finalmente, no cruzamento entre IPC x ICSA (Expressa direitos e necessidades de forma apropriada), a diferença mostrou-se a favor do Grupo ICSA ($p = 0,033$).

1.3. Interação Social Positiva.

A Tabela 27 apresenta a frequência de respostas da categoria categoria *Interação Social Positiva*. A Figura 26 apresenta o número de respostas (A + F = somatória de algumas vezes e freqüentemente) dada a cada um dos itens que compõem a categoria.

Tabela 27. Frequência de respostas da categoria categoria *Interação Social Positiva*.

Escores	Pai IPC			Mãe IPC			Pai ICSA			Mãe ICSA		
	N	A	N	A	F	F	N	A	F	N	A	F
Comunica-se de forma positiva	2	5	-	1	23	17	2	5	17	2	3	19
Facilidade para fazer amizades	2	4	1	3	20	18	3	1	20	2	1	21
Brinca com colegas	2	1	-	3	21	21	-	3	21	-	-	24
Interage de forma não verbal	1	3	-	7	17	20	-	8	16	1	1	22

Figura 26. Frequência de aparecimento dos itens da categoria *Interação Social Positiva*.

Os resultados indicam que, de maneira geral, os grupos IPC e ICSA são equivalentes, com exceção do item Comunica-se de forma positiva ($p = 0,020$), mais freqüentemente citado

pelas mães ICSA quando comparadas às IPC. Pela Figura 26, que descreve as análises quantitativas descritivas, é possível acrescentar que para os participantes IPC suas crianças parecem utilizar mais freqüentemente da expressão não-verbal em suas interações sociais. Interessante notar que quando o grupo IPC relatou sobre formas utilizadas para expressar sentimentos negativos (vide Figura 2) apontaram utilizar mais freqüentemente da *expressão do rosto*, já os participantes ICSA, o fariam mais conversando/falando; parece que tal padrão é mantido, segundo os respondentes, para o repertório dos filhos.

A seguir são apresentados os resultados condizentes aos repertórios indicativos de problemas de comportamento.

2. Repertório Comportamental “Indesejado” de Filhos (RCIF)

Os dados, obtidos através da Escala Comportamental Infantil (ECI) relativa a problemas de comportamento, permitiram o tratamento estatístico em sua totalidade, levando a escores globais, bem como análises quantitativas descritivas. A ECI é composta por três categorias de dificuldades: Problemas de Saúde, Hábitos e Outros Indicativos, as quais são apresentadas nesta ordem.

As medianas dos escores globais do Repertório Comportamental “Indesejado” de Filhos (RCIF) são: a) 17,5 para IPC Pais; b) 16,5 para IPC Mães; c) 11 para ICSA Pais e d) 12 para ICSA Mães. As análises estatísticas encontraram diferença nas comparações Mães ICSA x Mães IPC ($p = 0,011$) e IPC x ICSA ($p = 0,014$), ambas mais freqüentemente apontadas pelo Grupo IPC.

O conjunto de dados referente ao Repertório Comportamental “Indesejado” de Filhos (RCIF) é composto por três categorias de análises e os resultados são apresentados conforme as mesmas:

1. *Problemas de Saúde:* tem queixas de dores de cabeça; tem dores de estômago; asma ou crises respiratórias; faz xixi na cama ou nas calças; faz cocô na roupa; fica mal humorado e nervoso; tem dado trabalho ao chegar na escola ou se recusado a entrar; mata ou

“enforca” aula.

2. *Hábitos*: gagueja; tem outra dificuldade de fala; costuma roubar ou pega coisas dos outros às escondidas; tem dificuldade de alimentação; tem dificuldade de sono; tem medo; apresenta movimento repetitivo do corpo; rosto ou tiques.
3. *Outros Indicativos*: agitado; impaciente; destrói objetos; briga freqüentemente; criança pouco querida por colegas; preocupa-se com tudo; fechada; irritável; triste/infeliz/angustiada; chupa dedo freqüentemente; rói unhas ou dedos freqüentemente; desobediente freqüentemente; hiperativa; criança difícil; fala mentiras freqüentemente; maltrata outras crianças; fala palavrões; criança muito agarrada à mãe; acanhada/tímida; insegura.

2.1. Problemas de Saúde

A Tabela 28 apresenta a freqüência de respostas da categoria *Problemas de Saúde*. As análises estatísticas correspondentes a essa categoria encontram-se na Tabela 47.

Tabela 28. Freqüência de respostas da categoria *Problemas de Saúde*.

Escores	Pai IPC			Mãe IPC			Mãe ICSA			Pai ICSA		
	N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
Tem queixas de dores de cabeça	19	4	1	18	3	3	15	6	3	14	8	2
Tem dores de estômago	17	7	0	19	5	-	16	8	0	20	3	1
Asma ou crises respiratórias	18	5	1	16	8	-	21	2	1	20	3	1
Faz xixi na cama ou nas calças	19	3	2	18	4	2	22	2	0	22	-	2
Faz cocô na roupa	23	1	0	22	2	-	21	3	0	22	-	1
Fica mal humorado e nervoso	04	14	6	5	7	12	12	9	3	10	13	1
Recusa-se a entrar na escola	21	2	1	22	1	1	22	1	1	23	1	-
Mata ou “enforca” aula	21	3	0	23	-	1	21	3	0	21	3	-

Resultados apontam diferenças estatísticas no item fica mal humorado e nervoso, para as seguintes comparações entre Grupos: a) Mães ICSA x Mães IPC; ($p = 0,003$); b) Pais ICSA x Pais IPC ($p = 0,022$); c) IPC x ICSA ($p = 0,001$). Em todas as análises, os progenitores IPC apontaram mais freqüentemente essa classe de dificuldade. Os demais itens investigados foram mencionados igualmente entre os grupos.

A Figura 27 refere-se à freqüência de respostas ($A + F =$ somatória de algumas vezes e freqüentemente) dos participantes para os itens correspondentes à categoria *Problemas de Saúde*.

Figura 27. Frequência de aparecimento dos itens da categoria *Problemas de Saúde*.

Conforme a Figura 27 observam-se diferenças entre os Grupos IPC e ICSA e entre os relatos de pais e de mães. O item tem queixas de dores de cabeça aparece com maior frequência para os participantes ICSA. Já no Grupo IPC os três itens mais citados são: sofre de asma ou outras crises respiratórias, faz xixi na cama ou nas calças e fica mal humorado e nervoso. Comparando os relatos de pais e mães, percebe-se que o item tem dores de estômago foi mais frequentemente apontado pelos pais.

2.2. Hábitos.

A Tabela 29 apresenta a frequência de respostas da categoria *Hábitos*.

Tabela 29. Frequência de respostas da categoria *Hábitos*.

Escores	Pai IPC			Mãe IPC			Mãe ICSA			Pai ICSA		
	N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
Ele gagueja	20	4	0	22	2	-	24	0	0	24	-	-
Há alguma outra dificuldade de fala, além da gagueira	16	8	0	20	3	1	20	4	0	22	2	-
Ele(a) costuma roubar	21	3	0	22	2	-	22	2	0	23	1	-
Há qualquer dificuldade de alimentação	13	8	3	10	12	2	14	6	4	11	10	3
Há qualquer dificuldade com o sono	16	6	2	14	8	2	18	5	1	17	6	1
Tem medo	10	13	1	8	13	3	9	11	4	5	15	4
Apresenta movimento repetitivo ou tiques	23	1	0	20	2	2	23	1	0	23	1	-

As análises estatísticas encontraram diferença apenas para o item gagueja, mencionado

mais frequentemente pelos pais do Grupo IPC quando comparados aos pais ICSA ($p = 0,000$), o qual determinou a diferença também no cruzamento entre os participantes IPC e ICSA ($p = 0,020$).

A Figura 28 apresenta uma organização por grupos da frequência de respostas (A + F = somatória de algumas vezes e frequentemente) dos itens que compõem a categoria Hábitos.

Figura 28. Frequência de respostas dos itens que compõem a categoria Hábitos, organizada por Grupos.

A Figura 28 mostra que os itens dificuldade de alimentação e medo apresentam distribuição diferente nas análises quantitativas descritivas, sendo mais frequentemente citados pelas mães, quando comparadas aos pais. Os demais itens apareceram com baixos escores e com poucas diferenças entre os Grupos.

2. 3. Outros Indicativos.

A Tabela 30 apresenta a frequência de respostas da categoria *Outros Indicativos*. As análises estatísticas correspondentes a essa categoria encontram-se na Tabela 51.

Tabela 30. Frequência de respostas da categoria *Outros Indicativos*.

Escore	Pai IPC			Mãe IPC			Mãe ICSA			Pai ICSA		
	N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
Muito agitado	4	3	17	3	5	16	13	2	9	11	4	9
Impaciente, irrequieto	7	5	12	9	2	13	13	8	3	15	3	6
Destrói próprias coisas ou de outros	10	6	8	10	7	7	16	6	2	16	6	2
Briga frequentemente	18	4	2	14	8	2	16	6	2	18	4	2
Não é querido por outras crianças	22	-	2	18	5	1	23	1	0	24	-	-
Fica facilmente preocupado(a)	12	7	5	14	7	3	12	4	8	10	4	10
Tende a ser fechado – um tanto solitário	20	3	1	21	1	2	18	5	1	18	5	1
Irritável. Rapidamente “perde as estribeiras”.	7	12	5	10	7	7	16	3	5	10	10	4
Parece tristonho, infeliz ou angustiado	19	5	-	19	5	-	20	4	0	21	3	-
Chupa frequentemente os dedos	22	2	-	23	1	-	23	1	0	23	-	1
Rói frequentemente as unhas ou os dedos	17	3	4	15	5	4	22	2	2	22	2	2
Muitas vezes é desobediente	2	14	8	5	10	9	12	9	3	9	14	1
Dificuldade em concentrar-se	13	6	5	13	4	7	19	3	2	22	1	1
É uma criança difícil, complicada ou particular	17	6	1	18	3	3	19	2	3	22	2	-
Muitas vezes fala mentiras	10	13	1	16	8	-	18	5	1	16	8	-
Maltrata outras crianças	20	3	1	20	4	-	23	1	-	23	1	-
Fala palavrões, nomes feios	16	6	2	17	6	1	19	3	2	21	3	-
É muito agarrado à mãe	5	7	12	7	4	13	6	4	14	11	1	12
Fica acanhado, tímida e se retrai	13	6	5	12	6	6	8	9	7	9	8	7
É inseguro	17	4	3	16	5	3	19	3	2	18	4	2

Tabela 31. Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two tailed)* para a categoria *Outros Indicativos*.

Outros Indicativos	Pais ICSA x Mães ICSA	Pais IPC x Mães IPC	Mães ICSA x Mães IPC	Pais ICSA x Pais IPC	IPC X ICSA	Pais x Mães
	valor de p	valor de p	valor de p	valor de p	valor de p	valor de p
Muito agitado	n.s. ^(*)	n.s.	0,017	0,010	0,001	n.s.
Impaciente, irrequieto	n.s.	n.s.	0,050	0,013	0,006	n.s.
Destrói próprias coisas ou de outros	n.s.	n.s.	0,049	0,022	0,017	n.s.
Briga frequentemente	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Não é querido por outras crianças	n.s.	n.s.	0,010	n.s.	0,033	n.s.
Fica facilmente preocupado(a)	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Tende a ser fechado – um tanto solitário	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Irritável. Rapidamente “perde as estribeiras”.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Parece tristonho, infeliz ou angustiado	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Chupa frequentemente os dedos	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Rói frequentemente as unhas ou os dedos	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Muitas vezes é desobediente	n.s.	n.s.	0,017	0,003	0,002	n.s.
É hiperativo	n.s.	n.s.	0,004	0,034	0,001	n.s.
É uma criança difícil, complicada ou particular	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Muitas vezes fala mentiras	n.s.	n.s.	n.s.	0,028	n.s.	n.s.
Maltrata outras crianças	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Fala palavrões, nomes feios	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
É muito agarrado à mãe	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Fica acanhado, tímida e se retrai	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
É inseguro	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.

(*) n.s.: Não significativo

As Tabelas 30 e 31 mostram que sete itens dos vinte avaliados na categoria, apresentaram ocorrência significativamente maior para o Grupo IPC. Destes, cinco foram apontados com escores maiores tanto pelos pais quanto pelas mães do grupo citado: muito agitado, criança impaciente ou irrequieta, é desobediente e fica pouco tempo numa mesma atividade. O item não é querido pelas outras crianças foi mencionado mais freqüentemente pelas mães IPC, o que propiciou a diferença também no cruzamento IPC x ICSA. Finalmente, o item fala mentiras foi mais freqüentemente citado pelos pais do Grupo IPC.

A Figura 29 refere-se à freqüência de respostas dos participantes aos itens correspondentes à categoria *Outros Indicativos*.

Figura 29. Freqüência de aparecimento dos itens da categoria *Outros indicativos*.

A Figura 29 mostra a tendência de respostas na comparação entre os grupos. De uma maneira geral os participantes IPC, especialmente as mães, apontaram com maior freqüência

os comportamentos de Outros Indicativos, quando comparados aos ICSA. Os itens que foram apontados mais freqüentemente são: é desobediente, é muito agitado, é irrequieto e/ou impaciente, é irritável e destrói próprios objetos e/ou de outros.

A seguir é apresentado um resumo, na forma de figura e quadro, dos resultados referentes aos comportamentos dos filhos, segundo os relatos parentais.

4. Resumo do Repertório Comportamental Adequado e “Indesejado” de filhos

A Figura 30 apresenta as categorias gerais de comportamentos socialmente adequados e de indicativos de problemas de comportamento, organizadas por grupos.

Figura 30. Comparação da freqüência de respostas para grupos de categorias referentes a comportamentos socialmente adequados e indicativos de problemas de comportamento.

A Figura 30 mostra que ambos os Grupos, IPC e ICSA, relataram maior freqüência de comportamentos socialmente adequados que “inadequados”. Porém indicativos de problemas de comportamento foram apontados mais pelos participantes IPC que ICSA, especialmente os

referentes à categoria *Outros Indicativos*, mas a frequência para o Grupo ICSA também foi alta.

O Quadro 6 identifica todos os itens que apresentaram diferenças estatísticas na comparação entre os grupos.

Quadro 6. Comparação por itens, conforme das análises estatísticas *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two-tailed)*, do repertório comportamental “desejado” e “indesejado” de filhos, segundo os relatos materno e paterno.

Amostras Comparadas	Repertórios socialmente adequados	Repertórios “indesejados”
PAIS ICSA > MÃES ICSA	---	ECI Total de <i>Problemas de Saúde</i>
MÃES ICSA > PAIS ICSA	---	---
PAIS IPC > MÃES IPC	---	---
MÃES IPC > PAIS IPC	Expressa desejos e preferências de forma socialmente adequada	---
.0		
MÃES ICSA > MAES IPC	Comunica-se de forma positiva	---
MÃES IPC > MÃES ICSA	---	ECI Total ECI Total de <i>Outros Indicativos</i> Fica mal humorado e nervoso É pouco querido pelos colegas É hiperativo É impaciente/irrequieto Destroi próprias coisas e/ou de outros É desobediente freqüentemente
PAIS ICSA > PAIS IPC	---	---
PAIS IPC > PAIS ICSA	---	ECI Total de <i>Outros Indicativos</i> Gagueja É hiperativo Fica mal humorado/nervoso É impaciente/irrequieto Destroi próprias coisas e/ou de outros É desobediente freqüentemente Mente freqüentemente
IPC > ICSA	---	ECI Total ECI Total de <i>Problemas de Saúde</i> ECI Total de <i>Outros Indicativos</i> É pouco querido pelos colegas Gagueja É hiperativo Fica mal humorado/nervoso É impaciente/irrequieto Destroi próprias coisas e/ou de outros É desobediente freqüentemente
ICSA > IPC	Procura atenção Expressa direitos e necessidade de forma apropriada	---
PAIS > MÃES	---	ECI Total de <i>Problemas de Saúde</i>
MÃES > PAIS	QCSA Geral Expressa direitos e necessidades de forma apropriada	---

Pelo Quadro 7 verifica-se que os itens com diferenças estatísticas são, na sua maioria, referentes ao instrumento ECI, e portanto, são os considerados como “indesejados”. Tais itens apresentaram maiores escores para o Grupo IPC, tanto pelos pais como pelas mães e referem-se a comportamentos considerados como externalizantes por Achenbach e Edelborck (1979).

III) Variáveis de Contexto

Nesta seção são apresentadas as variáveis de contexto investigadas, na seguinte ordem: a) regras parentais quanto à boa educação; b) relacionamento da criança com irmãos e tempo que os pais ficam com os filhos e c) Habilidades Sociais Conjugais (HSC).

1. Regras parentais quanto à educação.

A Tabela 32 apresenta a frequência de aparecimento das respostas dos participantes, organizada por Grupos, acerca de regras quanto à educação de filhos.

Tabela 32. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *regras parentais quanto à educação de filhos*, organizada por Grupos.

<i>Regras quanto à educação de filhos^(*)</i>		IPC	IPC	ICSA	ICSA	SOMA	SOMA	SOMA	SOMA
		PAIS	MÃES	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES	IPC	ICSA
Comportamentos das crianças	Ter estudo	9	5	9	7	18	12	14	16
	Ser comportado/educado/ obediente	8	17	10	14	18	31	25	24
	Ter respeito por pessoas e animais	6	8	8	8	14	16	14	16
	Ter responsabilidade	0	1	0	2	0	3	1	2
	Ter boa índole	0	0	1	2	1	2	0	3
	Ter religião/ acreditar em Deus	2	2	2	2	4	4	4	4
	Soma de categorias de interação social	3	2	2	1	5	3	5	3
Soma total de comportamentos de filhos		31	37	34	43	65	80	68	77
Comportamentos dos pais	Pais como exemplos de bons comport.	5	5	0	6	5	11	10	6
	Ter amor da família/carinho	3	6	0	7	3	13	9	7
	Os pais explicarem sempre o porquê de limites	2	1	8	2	10	3	3	10
	Os pais não discutirem na frente da criança	0	1	9	2	9	3	1	11
	Ter limites	0	6	0	2	0	8	6	2
	Os pais dialogarem, explicarem o que é certo	2	2	1	4	3	6	4	5
	Os pais terem paciência, compreensão/ atenção	1	3	0	1	1	4	4	1
	Os pais saberem lidar com as dificuldades das crianças	1	0	2	0	3	0	1	2
	Pais darem presentes	0	0	7	0	7	0	0	7
	Ter educação dos pais	4	6	4	7	8	13	10	11
	Soma total de comportamentos parentais	21	33	34	31	55	64	54	65
	Não sei/ Não respondeu	2	2	0	1	2	3	4	1

^(*) Na Tabela encontram-se os itens mais frequentemente citados, mas os **valores de soma** contemplam todos os itens apontados pelos participantes.

A Tabela 32 aponta um número maior de respostas para categorias relacionadas aos comportamentos dos filhos quando comparadas aos comportamentos parentais. As categorias (regras) mais freqüentemente apontadas pelos Grupos referentes aos comportamentos parentais são: ter os pais como exemplos de bons comportamentos, ter amor da família, explicar o porquê de limites estabelecidos e a regra de que os pais devem evitar discutir na presença dos filhos. Por outro lado, os pais relataram, com alta freqüência, regras explicativas de como garantir a boa educação, que são referentes ao repertório dos filhos, tais como: os filhos necessitam ter estudo, serem comportados e terem respeito por pessoas e animais para serem bem educados.

Pelos relatos de pais e de mães, percebe-se que as mães apontam um maior número de regras para garantir a boa educação, tanto as referentes aos próprios comportamentos (64), como as que dizem respeito ao repertório dos filhos (80), quando comparadas aos pais, os quais relataram a freqüência 55 para os próprios comportamentos e 65, para os dos filhos. Análise semelhante pode ser apontada para a comparação entre IPC e ICSA, onde os participantes do Grupo ICSA relataram um número maior de categorias referentes tanto ao próprio repertório (65) como aos comportamentos dos filhos (77), quando comparadas ao Grupo IPC, o qual teve a freqüência 54 para regras referentes às próprias habilidades e 68, para as regras referentes ao repertório dos filhos. Quanto às regras referentes aos comportamentos parentais destacam-se três que possuem freqüência diferente para IPC e ICSA: a) os pais sempre explicarem o porquê dos limites e os pais não discutirem na frente da criança mais apontadas para ICSA que IPC; b) ter limites, que ao contrário, foi mais apontada por IPC (6) que ICSA (2).

2. Relacionamento da criança com irmãos e tempo que os pais ficam com os filhos.

Este tópico apresenta diferenças entre os Grupos quanto à avaliação parental do relacionamento da criança com os irmãos (Tabela 33), bem como quanto ao tempo que os pais ficam com seus filhos, no dia-a-dia (Tabela 34).

Tabela 33. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *avaliação parental sobre relacionamento entre irmãos, como “indesejados”*, organizada por Grupos.

Grupos	Bom	Ruim	Nem bom, nem ruim	Não tem irmão	Não respondeu
IPC PAIS	19	0	1	2	2
IPC MAES	17	1	4	6	0
ICSA PAIS	16	0	1	7	0
ICSA MAES	16	0	1	5	0
SOMA PAIS	35	0	2	9	2
SOMA MÃES	33	1	5	11	0
SOMA IPC	36	1	5	8	2
SOMA ICSA	32	0	2	12	0

A Tabela 33 aponta semelhanças entre os respondentes IPC e ICSA, pois ambos os Grupos consideram bom o relacionamento do filho com seus irmãos como bom.

Tabela 34. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *tempo semanal que os pais ficam os filhos*, organizada por Grupos.

Grupos	Dia todo	Em torno de 4 horas	Menos de 4 horas	Finais de semana	Parte dos finais de semana
IPC PAIS	5	7	8	12	1
IPC MAES	13	10	0	9	0
ICSA PAIS	5	11	6	12	0
ICSA MAES	15	7	2	7	0
SOMA PAIS	10	18	14	24	1
SOMA MÃES	28	17	2	16	0
SOMA IPC	18	17	8	21	1
SOMA ICSA	20	18	8	19	0

Pela Tabela 34, observam-se diferenças entre os relatos de pais e de mães quanto ao tempo que os participantes ficam com seus filhos. Os pais relataram ficar com seus filhos nos finais de semana (50%) e em torno de quatro horas diárias (37,5%), já 58,3% das mães ficariam o dia todo com seus filhos ou então em torno de quatro horas (35,4%) ou finais de semana (33,3%). Por outro lado, os relatos dos Grupos IPC e ICSA são semelhantes, relatando ficar com seus filhos principalmente nos finais de semana (43,8% para IPC e 41,6% para ICSA), ou então o dia todo (37,5% para IPC e 41,6% para ICSA) ou em torno de quatro horas diárias (35,4% para IPC e 37,5% para ICSA).

3. Habilidades Sociais Conjugais (HSC).

As HSC investigadas referem-se a: a) percepção/definição do cônjuge, pelo respondente; b) auto-discriminação e discriminação do cônjuge sobre expressão de carinho; c) avaliação da comunicação conjugal; d) discriminação de comportamentos adequados e “inadequados” do cônjuge; e) avaliação do relacionamento conjugal. Estes resultados são

apresentados na seqüência apontada e algumas comparações entre os Grupos de Pais, de Mães, IPC e ICSA são apontadas. Parte dos dados foi passível de tratamento estatístico; nesse caso, os resultados são apresentados na forma de tabelas comparativas. Para os demais dados foi realizada análise quantitativa descritiva e os resultados são apresentados na forma de tabelas e figuras.

Os participantes responderam nunca/quase nunca, algumas vezes ou freqüentemente às perguntas do questionário. Para a resposta nunca/quase nunca foi atribuído o escore 0 (zero), para a resposta algumas vezes atribuiu-se o escore 1 (um) e para a resposta freqüentemente foi atribuído o escore 2 (dois).

As medianas dos escores globais dos itens referentes à percepção/definição do cônjuge são: a) 35 para IPC Pais; b) 35 para IPC Mães; c) 37,5 para ICSA Pais e d) 37 para ICSA Mães. As análises estatísticas encontraram diferença nas comparações Pais ICSA x Pais IPC ($p = 0,044$) e IPC x ICSA ($p = 0,020$). Assim, os participantes do Grupo ICSA, especialmente os pais, avaliam mais positivamente seus(suas) companheiros(as).

Abaixo está a Tabela 35 que apresenta a freqüência de respostas de cada item que compõe a percepção/definição do cônjuge, seguida das respectivas análises estatísticas.

Tabela 35. Frequência de respostas de cada item que compõe a percepção/definição do cônjuge, organizada por Grupos.

Ítems ⁽¹⁾	Escore Grupos	IPC PAIS			IPC MÃES			ICSA PAIS			ICSA MÃES		
		N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
	CATEGORIAS NEGATIVAS												
Controlador ⁽²⁾		10	7	7	9	7	7	10	4	10	10	3	11
Egoísta ⁽²⁾		2	4	18	1	4	19	0	2	22	3	3	18
Insensível ⁽²⁾		2	4	17	2	7	14	1	5	18	4	5	15
Ingrato ⁽²⁾		1	6	17	2	5	17	2	3	19	1	3	20
Rebelde ⁽²⁾		2	5	17	4	8	12	0	10	14	1	4	19
CATEGORIAS POSITIVAS													
Sensato		2	9	12	3	12	9	4	1	18	4	3	17
Confiável		1	0	23	0	1	23	0	1	23	0	1	23
Confidente		2	3	19	0	7	16	0	3	20	1	2	21
Companheiro		0	0	24	1	6	17	0	2	22	0	2	22
Carinhoso/ amável		0	3	21	1	7	16	0	1	23	0	6	18
Compreensivo		1	5	18	3	11	10	0	1	23	1	6	17
Crítico		6	9	9	7	8	9	6	11	7	6	12	6
Sincero		1	0	23	0	2	22	0	1	23	0	4	20
Inteligente		0	4	20	0	4	20	1	2	21	0	2	22
Simpático		2	4	18	0	4	20	1	1	22	0	6	18
Bom pai/mãe		0	3	21	0	4	20	0	0	24	0	0	24
Bom esposo/esposa		0	2	22	0	6	18	0	0	24	0	0	24
Tem boa conversa/mantém diálogo		1	2	21	1	7	16	0	3	21	0	5	19
Amigo		0	1	23	1	4	19	1	1	22	0	2	22
É calmo		4	6	14	2	13	8	3	10	11	2	8	14
É caseiro		1	2	21	3	4	17	3	2	19	2	3	19

⁽¹⁾ Houve uma não resposta nos itens insensível (IPC Pai e IPC Mãe), sensato (IPC Pais, ICSA Pais), confidente (IPC Mães, ICSA Pais).

⁽²⁾ Os itens apontados são considerados negativos e, portanto, os escores foram invertidos previamente à realização das análises estatísticas.

Tabela 36. Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two tailed)* de cada item que compõe a categoria percepção/definição do cônjuge, organizadas por Grupos.

Ítems	Grupos	Pais ICSA x Mães ICSA	Pais IPC x Mães IPC	Mães ICSA x Mães IPC	Pais ICSA x Pais IPC	IPC x ICSA	Pais x Mães
CATEGORIAS NEGATIVAS - valor de p							
Controlador		n.s. ^(*)	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Egoísta		0,006	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Insensível		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Ingrato		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Rebelde		n.s.	n.s.	0,032	n.s.	n.s.	n.s.
CATEGORIAS POSITIVAS - valor de p							
Sensato		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Confiável		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Confidente		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Companheiro		n.s.	0,033	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Carinhoso/ amável		n.s.	0,008	n.s.	n.s.	n.s.	0,011
Compreensivo		0,024	0,004	0,041	0,042	0,004	0,001
Crítico		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Sincero		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Inteligente		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Simpático		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Bom pai/mãe		n.s.	n.s.	0,039	n.s.	0,020	n.s.
Bom esposo/esposa		n.s.	n.s.	0,010	n.s.	0,002	n.s.
Tem boa conversa/ mantém diálogo		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Amigo		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
É calmo		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
É caseiro		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.

^(*)n.s.: Não significativo

A Tabela 36 aponta itens com diferença estatística que parecem justificar a diferença global quanto à percepção/avaliação do cônjuge. Estas diferenças são a favor dos participantes ICSA em apenas três itens: compreensivo, bom pai/mãe e bom esposo/esposa. Outras diferenças também aparecem nas demais comparações: a) Pais x Mães: os itens carinhoso/amável e compreensivo a favor do Grupo de Pais; b) Mães ICSA x Mães IPC: os itens rebelde, compreensivo, bom pai/mãe e bom esposo/esposa tiveram maiores escores segundo os relatos das mães ICSA; c) Pais ICSA x Pais IPC: o item compreensivo é significativamente maior para os pais do Grupo ICSA.

É possível verificar também diferenças nos cruzamentos: a) Pai ICSA x Mãe ICSA: egoísta e compreensivo, ambos significativamente maiores para os pais; b) Pai IPC x Mãe IPC: os itens companheiro, carinhoso/amável e compreensivo apresentaram maiores escores para o grupo de pais.

As medianas dos escores globais dos itens referentes à expressão de carinho ao cônjuge são: a) 4,5 para IPC Pais; b) 4 para IPC Mães; c) 4 para ICSA Pais e d) 4 para ICSA Mães. Não foram encontradas diferenças estatísticas em quaisquer dos cruzamentos.

A Figura 31 apresenta as formas como os participantes freqüentemente expressam carinho ao cônjuge.

Figura 31. Frequência de aparecimento de categorias de formas de expressar carinho ao cônjuge, organizada por Grupos.

De uma forma geral, os cônjuges expressam carinho abraçando, beijando, conversando ou telefonando ou então fazendo coisas que o cônjuge pede e/ou gosta, como por exemplo sair para passear, ajudar nas tarefas domésticas e fazer os alimentos que o cônjuge gosta. Comparando os grupos, percebe-se que as mães IPC e as mães ICSA, bem como os pais ICSA relataram mais freqüentemente tais categorias quando comparados aos pais do Grupo IPC. Interessante notar que há maior consistência nas respostas dos participantes ICSA que os IPC.

Os resultados da análise global a respeito da discriminação de como o cônjuge expressa carinho não apontaram diferenças estatísticas significativas na comparação entre os grupos, sendo as medianas: a) 6 para IPC Pais; b) 4 para IPC Mães; c) 6 para ICSA Pais e d) 4 para ICSA Mães.

A Figura 32 apresenta de que formas os(as) companheiros(as) expressam carinho.

Figura 32. Frequência de aparecimento de categorias de formas como o(a) companheiro(a) expressa sentimentos ao cônjuge, organizada por Grupos.

Pela Figura 32 observa-se que, de uma forma geral, os cônjuges expressam carinho abraçando, beijando, fazendo coisas que o cônjuge gosta, conversando ou então, agradando e/ou fazendo carinho. As distribuições são semelhantes entre os grupos de pais, mães, IPC e ICSA.

Os participantes responderam à pergunta “a comunicação/diálogo entre você e seu companheiro(a) é adequada?”, cujas análises globais dos itens não encontraram diferenças estatísticas. A mediana para todos os grupos teve o valor 2.

Abaixo encontra-se a Tabela 35 que apresenta a frequência de respostas de cada item explicativo de porque é adequada ou não a comunicação conjugal.

Tabela 37. Frequência de respostas dos participantes que explicam porque a comunicação conjugal é adequada ou inadequada.

	ICSA MÃE	ICSA PAI	IPC MÃE	IPC PAI
CATEGORIAS POSITIVAS				
Porque o casal conversa	15	13	12	15
Porque o casal negocia e chega em acordos	12	13	7	8
Porque um busca ouvir a opinião do outro	6	10	7	5
Porque cada cônjuge procura dizer o que pensa, o que sente	5	4	6	3
Porque o casal respeita as qualidades e defeitos um do outro	3	0	1	1
CATEGORIAS NEGATIVAS				
Dificuldades quanto a diálogo e tomada de decisões	3	4	3	0
Faltaria tempo para o casal conversar, ficar junto	0	0	4	1
Porque o casal esta passando por crise conjugal	0	0	0	1
Não respondeu	0	0	1	1

A Tabela 37 aponta que os participantes apontaram mais frequentemente categorias positivas que negativas, afinal avaliaram a comunicação ou diálogo entre o casal como adequada. Segundo os relatos dos pais e das mães a comunicação é adequada porque o casal conversa e também porque conseguem negociar e/ou ouvir a opinião do cônjuge para resolver problemas. Interessante notar que: a) há consistência entre a frequência de respostas de pais e de mães de ambos grupos IPC e ICSA; b) um maior número de participantes ICSA, quando comparados aos IPC, relataram negociar e chegar em acordos.

A Tabela 38 apresenta as medianas dos escores globais dos itens referentes a características da comunicação conjugal, organizadas por Grupos, bem como as respectivas análises estatísticas.

Tabela 38. Medianas e estatísticas dos escores globais dos itens que compõem a categoria características da comunicação conjugal.

Amostras comparadas	Medianas	Valor de p
Pais ICSA x Mães ICSA	34,5 x 32	n.s. ^(*)
Pais IPC x Mães IPC	28 x 28,5	n..s.
Mães ICSA x Mães IPC	32 x 28,5	0,003
Pais ICSA x Pais IPC	34,5 x 28	0,001
IPC x ICSA	56,5 x 66,5	0,000
Pais x Mães	62,5 x 60,5	n.s.

Pela Tabela 38 observam-se diferenças estatísticas nas comparações entre as mães e entre os pais dos Grupos IPC e ICSA. Tanto as mães como os pais ICSA avaliaram mais positivamente a comunicação conjugal, quando comparados aos participantes IPC. Os resultados mostram que a comunicação conjugal é mais adequada para o Grupo ICSA. Além disso, há consistência entre os relatos de pais e de mães.

Abaixo está a Tabela 39 que apresenta a frequência de respostas de cada item condizente às características da comunicação conjugal, seguida das respectivas análises estatísticas.

Tabela 39. Frequência de respostas de cada item que compõe características da comunicação conjugal, organizada por Grupos.

Ítems ⁽¹⁾	Escore Grupos	IPC PAIS			IPC MÃES			ICSA PAIS			ICSA MÃES		
		N	A	F	N	A	F	N	A	F	N	A	F
CATEGORIAS NEGATIVAS													
Você fala demais ⁽²⁾		5	5	13	13	4	7	4	8	12	11	3	10
Ele(ela) fala demais ⁽²⁾		8	6	9	5	7	12	5	7	12	2	6	16
Você deixa de falar algo que gostaria ⁽²⁾		3	11	10	3	9	12	3	4	17	1	9	14
Você considera que o que você acha é sempre certo ⁽²⁾		9	5	9	3	12	9	5	9	10	2	12	10
Você procura impor seu ponto de vista ao seu cônjuge ⁽²⁾		9	6	9	15	5	4	8	5	11	7	10	7
Ele(ela) te faz calar falando alto ⁽²⁾		2	8	14	5	4	15	0	2	22	0	5	19
Ele(ela) procura impor o que pensa a você ⁽¹⁾		11	6	7	11	9	4	3	8	13	11	9	4
CATEGORIAS POSITIVAS													
Você o(a) escuta		0	9	15	1	5	18	0	4	20	0	3	21
Ele(ela) o(a) escuta		1	7	16	1	8	15	0	5	19	0	9	15
Você pode falar		1	3	20	0	6	18	0	0	24	0	0	24
Você permite que ele(ela) fale		0	6	18	0	5	19	0	2	22	0	0	23 ⁽²⁾
Discutem assuntos delicados		5	5	14	0	5	19	0	6	18	0	8	16
Você consegue pedir algo a ele(ela)		0	3	21	2	2	20	0	1	23	0	4	20
Ele(ela) considera o que você pensa/ o que acha das coisas		1	7	16	1	12	11	0	5	19	2	4	18
Você consegue dizer ao seu cônjuge comportamentos que você gostaria que ele(ela) mudasse		4	8	12	4	4	16	2	4	18	0	4	20 ⁽²⁾
Você se sente a vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos		2	4	17	3	5	16	1	2	21	1	3	20
Vocês conversam para tomar decisões/resolver problemas		1	2	20	1	5	18	0	1	23	0	1	23
Você pede a opinião de seu(sua) cônjuge		1	8	15	2	11	11	1	5	18	0	2	22
Vocês dividem tarefas em casa		3	5	16	5	6	13	1	3	20	2	4	18

⁽¹⁾ Houve uma não resposta nos itens: você fala demais (IPC Pai), ele (ela) fala demais (IPC Pais), você considerada o que você acha é sempre certo (IPC Pais), você permite que ele (ela) fale (ICSA Mães), você consegue dizer ao seu cônjuge comportamentos que você gostaria que ele (ela) mudasse (ICSA Mães), você se sente a vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos (IPC Pais) e vocês conversam para tomar decisões/resolver problemas (IPC Pais).

⁽²⁾ Os itens apontados são considerados negativos e, portanto, os escores foram invertidos previamente a realização das análises estatísticas. Desta forma, por exemplo, quando o Grupo ICSA apresentar maiores escores para itens negativos, significa que a maioria das respostas foram nunca, referente ao escore 0 que foi invertido para 2.

Tabela 40. Análises *Wilcoxon* e *Mann-Whitney (two tailed)* de cada item que compõe que compõe a categoria características da comunicação conjugal, organizados por Grupos.

Ítems	Grupos	Pais ICSA x Mães ICSA	Pais IPC x Mães IPC	Mães ICSA x Mães IPC	Pais ICSA x Pais IPC	IPC x ICSA	Pais x Mães
CATEGORIAS NEGATIVAS - valor de p							
Você fala demais		n.s. ^(*)	0,019	n.s.	n.s.	n.s.	0,012
Ele(ela) fala demais		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Você deixa de falar algo que gostaria		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Você considera que o que você acha é sempre certo		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Você procura impor seu ponto de vista ao seu cônjuge		n.s.	n.s.	0,038	n.s.	0,029	n.s.
Ele(ela) te faz calar falando alto		n.s.	n.s.	n.s.	0,007	0,006	n.s.
Ele(ela) procura impor o que pensa a você		0,003	n.s.	n.s.	0,019	n.s.	0,012
CATEGORIAS POSITIVAS - valor de p							
Você o(a) escuta		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Ele(ela) o(a) escuta		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Você pode falar		n.s.	n.s.	0,010	0,039	0,002	n.s.
Você permite que ele(ela) fale		n.s.	n.s.	0,022	n.s.	0,010	n.s.
Discutem assuntos delicados		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Você consegue dizer ao seu cônjuge comportamentos que você gostaria que ele(ela) mudasse		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	0,028	n.s.
Você consegue pedir algo a ele(ela)		n.s.	0,045	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Ele(ela) considera o que você pensa/ o que acha das coisas		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	0,018	n.s.
Você se sente a vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Vocês conversam para tomar decisões/resolver problemas		n.s.	n.s.	0,042	n.s.	0,015	n.s.
Você pede a opinião de seu(sua) cônjuge		n.s.	n.s.	0,001	n.s.	0,006	n.s.
Vocês dividem tarefas em casa		n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.

^(*)n.s. :Não significativo

Pelas Tabelas 38 e 40 observam-se itens com diferenças estatísticas que parecem justificar a diferença global quanto às características da comunicação conjugal. Estas diferenças são referentes tanto às categorias positivas, como às negativas. Os itens positivos que aparecem com maiores escores para ICSA no cruzamento Mães ICSA x Mães IPC são: você pode falar, você permite que ele fale, vocês conversam para tomar decisões e/ou para resolver problemas e você pede a opinião do cônjuge. O item negativo você procura impor seu ponto de vista foi mais freqüentemente apontado pelas mães ICSA quando comparadas às IPC. Nas análises entre Pais ICSA e Pais IPC, o item positivo você pode falar apresentou maior escore para o Grupo ICSA. Porém dois itens negativos também apareceram mais

freqüentemente para os pais ICSA quando comparados aos IPC: ele(ela) te faz calar falando alto e ele(ela) procura impor o que pensa. Estes resultados mostram que segundo o ponto de vista dos participantes ICSA a comunicação conjugal é mais positiva quando comparada aos relatos dos pais e das mães IPC.

Outras diferenças, para as categorias positivas e negativas, também aparecem nas comparações: a) Pais x Mães: os itens você fala demais e ele(ela) procura impor seu ponto de vista tiveram maiores escores para o grupo de Pais; b) IPC x ICSA: os itens você procura impor seu ponto de vista, ele(ela) te faz calar falando alto, você pode falar, você permite que ele(ela) fale e você consegue pedir mudança de comportamento foram significativamente mais freqüentes para os participantes ICSA. É possível verificar também nos cruzamentos: a) Pai ICSA x Mãe ICSA: ele(ela) procura impor o que pensa a você, em que o grupo de pais tiveram maiores escores; b) Pai IPC x Mãe IPC: o item você fala demais com maior escore para o grupo de pais.

A Tabela 41 apresenta as medianas dos escores globais dos itens referentes às características positivas do cônjuge, bem como suas respectivas análises estatísticas.

Tabela 41. Medianas e estatísticas dos escores globais dos itens que compõem a categoria avaliação positiva do cônjuge.

Amostras comparadas	Medianas	Valor de p
Pais ICSA x Mães ICSA	4 x 6	n.s. ^(*)
Pais IPC x Mães IPC	4 x 1	n.s.
Mães ICSA x Mães IPC	6 x 1	0,004
Pais ICSA x Pais IPC	4 x 4	n.s.
IPC x ICSA	5 x 10	0,004
Pais x Mães	8 x 7	n.s.

(*) n.s.: Não significativo

A tabela acima aponta diferenças estatísticas na comparação entre as mães dos Grupos IPC e ICSA e na análise entre os Grupos IPC e ICSA. Estes resultados são a favor dos participantes ICSA, mostrando que os participantes ICSA avaliaram seus cônjuges mais positivamente que os IPC, especialmente as mães. Por outro lado, mães e pais de cada grupo, IPC e ICSA, avaliam igualmente seus(suas) parceiros(as) quanto às características positivas.

A Figura 33 apresenta as características do cônjuge avaliadas como positivas mais freqüentemente apontadas pelos respondentes.

Figura 33. Frequência de respostas para categorias positivas atribuídas ao cônjuge, organizada por Grupos.

A Figura 33 aponta as características positivas avaliadas pelo(a) cônjuge. Os itens mais freqüentemente apontados são: dá boa educação ao filho, é prestativo, cuida dos pertences do(a) companheiro(a) e faz alimentos desejados pelo(a) cônjuge. Estas categorias foram mais freqüentemente citadas pelos participantes ICSA, principalmente pelas mães que destacaram a categoria “é prestativo”.

Os participantes avaliaram o caráter situacional ou permanente das características avaliadas como positivas, cuja freqüência de respostas é apresentada na tabela abaixo. A Figura 34 aponta as explicações mais freqüentemente dadas à avaliação quanto a permanência das características positivas.

Tabela 42. Avaliação quanto a permanência das características positivas.

Grupos	São situacionais, podem mudar	São permanentes	Não soube responder
ICSA Mães	8	16	0
ICSA Pais	4	20	0
IPC Mães	4	18	1
IPC Pais	7	15	1

Figura 34. Explicações mais frequentes, dadas pelos respondentes, sobre o porquê das características positivas serem permanentes ou situacionais.

Pela Tabela 42 percebe-se que os respondentes consideram, em sua maioria, que as características positivas do cônjuge são permanentes. A Figura 34 permite identificar que os participantes acreditam que as características positivas são permanentes porque elas existem desde que conhecem e/ou convivem com seus(suas) companheiros(as).

A Tabela 43 apresenta as medianas dos escores globais dos itens referentes às características do cônjuge avaliadas como negativas, bem como suas análises estatísticas.

Tabela 43. Medianas e estatísticas dos escores globais dos itens que compõem a categoria avaliação negativa do cônjuge.

Amostras comparadas	Medianas	Valor de p
Pais ICSA x Mães ICSA	0 x 2	0,008
Pais IPC x Mães IPC	1 x 1	n.s. ^(*)
Mães ICSA x Mães IPC	2 x 1	n.s.
Pais ICSA x Pais IPC	0 x 1	n.s.
IPC x ICSA	2 x 2	n.s.
Pais x Mães	1 x 3	0,033

^(*)n.s.: Não significativo

A Tabela 43 aponta diferenças estatísticas na comparação entre as mães e os pais do Grupo ICSA e na análise entre os Grupos de pais e de mães. Estes resultados mostram que as mães do Grupo ICSA observam um número maior de características negativas em seus cônjuges, quando comparadas aos demais grupos. Os Grupos IPC e ICSA são estatisticamente equivalentes quanto a esta categoria. A figura abaixo aponta algumas diferenças a partir de análises quantitativas descritivas.

Figura 35. Frequência de respostas para categorias negativas atribuídas ao cônjuge, organizada por Grupos.

Os itens negativos mais freqüentemente apontados são: excessos na comunicação (por exemplo relatos do tipo “é irritado, agressivo, autoritário, crítico, teimoso”), *déficits* na comunicação (por exemplo “cônjuge é calado, deixa de expressar sentimentos”) e comporta-se de forma que o cônjuge não gosta (“faz planos com colegas, sem conversar previamente; ri alto; anda com más companhias; é ciumento; bebe; fuma). Estas categorias foram descritas mais freqüentemente pelas mães ICSA quando comparadas aos pais ICSA, especialmente para os itens que compõem a categoria comporta-se de forma não desejada. Mães e pais IPC avaliaram de forma semelhante as características negativas dos(as) companheiros(as).

Os participantes avaliaram o caráter situacional ou permanente das características avaliadas como negativas, o qual é apresentado na tabela abaixo. A Figura 36 aponta as explicações mais freqüentemente dadas à avaliação quanto a permanência das características negativas.

Tabela 44. Avaliação quanto a permanência das características negativas.

Grupos	Podem mudar com o tempo	São permanentes	Podem mudar em parte	Total de respostas ^(*)
ICSA Mães	8	6	4	16
ICSA Pais	4	4	3	11
IPC Mães	10	2	6	18
IPC Pais	5	6	5	16

^(*) Houve não respostas em todos os grupos de respondentes.

Figura 36. Explicações mais frequentes, dadas pelos respondentes, sobre o porquê das características negativas serem permanentes ou situacionais.

A Tabela 44 mostra que a maioria dos participantes (12 ICSA e 15 IPC) responderam que as características negativas podem mudar com o tempo. As categorias explicativas da Figura 36 concordam com os resultados da tabela, pois a maioria dos respondentes apontaram categorias que indicam o caráter de mudança (“porque a vida ensina, a religião prega que as pessoas podem mudar, é possível mudar frente Ao esforço”). No entanto, chama atenção para os pais do grupo ICSA que destacam a permanência de atributos negativos (“nasceu com a pessoa e não vai mudar”).

O questionário de Habilidades Sociais Conjugais investigou, por fim, a avaliação da relação conjugal, bem como as razões que justificam tal avaliação, as quais são apresentadas nas Figuras 37 e 38.

Figura 37. Frequência de respostas quanto a avaliação da relação conjugal, organizada por Grupos.

Figura 38. Frequência de respostas de características positivas e negativas explicativas da avaliação, realizada pelos respondentes, quanto à relação conjugal.

As Figuras 37 e 38 apontam que ambos os grupos, ICSA e IPC, avaliam de forma satisfatória a relação conjugal, especialmente os pais e as mães ICSA. Exemplos de atributos positivos que justificam a avaliação da relação conjugal como satisfatória são: “o relacionamento é normal, o casal conversa, o casal se dá bem, o casal busca um ao outro, o casal não tem conflitos, o cônjuge é bom e/ou carinhoso, nunca aconteceu nada grave, há equilíbrio e/ou harmonia e/ou respeito entre o casal, relacionamento sexual satisfatório e não há autoritarismo do(a) cônjuge”. Os atributos negativos apontados são, por exemplo,: “o casal tem conflitos, há dificuldades financeiras, falta tempo para o casal ficar junto, falta companheirismo entre o casal, há autoritarismo do(a) cônjuge, o(a) cônjuge é nervoso(a), o cônjuge bebe e o cônjuge chega tarde em casa sem justificar-se”.

Discussão

Esta seção pretende discutir os resultados referentes às Habilidades Sociais Educativas Parentais, ao Repertório Comportamental de Filhos e às Variáveis de Contexto investigadas.

As HSE-P são compostas por categorias de análise que são discutidas na seguinte sequência: a) *Expressão de sentimentos e enfrentamento* (expressar sentimentos positivos, expressar sentimentos negativos, expressar opiniões, demonstrar carinho); b) *Comunicação* (manter conversação, fazer perguntas, ouvir e consequenciar perguntas sobre sexo); c) *Interação positiva* (brincar com filho); d) *Habilidades que propiciam consistência na prática educativa* (concordar com o cônjuge quanto à forma de educar o filho, participar da educação do filho, estabelecer limites, cumprir promessas); e) *Descrição positiva do filho* (discriminar e consequenciar comportamentos “desejados” dos filhos); f) *Reflexão sobre a prática educativa* (auto-avaliação parental quanto a “erros” cometidos na prática educativa, reações parentais após cometer tais “erros”).

Análises globais das HSE-P apontaram diferenças entre os Grupos. De maneira geral, as mães e o Grupo ICSA relataram emitir mais frequentemente habilidades sociais educativas, concordando com os achados de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) e de Bolsoni-Silva et al. (2003).

Ainda que diferenças significativas não tenham sido encontradas quanto a HSE-P de expressar sentimentos positivos, as análises quantitativas descritivas sugerem que as mães e o Grupo ICSA o fazem com maior frequência, falando e conversando ou então beijando e abraçando. É possível que investigações com amostras maiores e/ou com outros instrumentos de coleta de dados possam ser sensíveis a tais diferenças.

Quanto à expressão de sentimentos negativos, chama atenção que ambos os Grupos, IPC e ICSA, ficam bravos e gritam, mas ICSA conversa mais com seus filhos, reiterando a hipótese de que algumas habilidades sociais educativas parecem funcionar como fatores de

proteção para o surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento (Cecconello & Koller, 2000; Conte, 1997; De Oliveira, 1998). Além disso, o fato de as mães ICSA expressarem mais sentimentos negativos que os pais sugere maior participação delas na educação dos filhos. Esses resultados estão de acordo com os de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), de Costa et al. (2000) e de Walsh et al. (1998). As mães fazem isso especialmente conversando com seus filhos, oferecendo, assim, mais modelos e modelagem para esta habilidade social e, talvez, sendo mais efetivas na forma de pedir mudança de comportamento.

No grupo IPC pais e mães expressam sentimentos negativos de forma semelhante, o que indica consistência entre as práticas. No entanto, estas parecem ser socialmente inadequadas, pois o fazem com maior frequência pela expressão do rosto ou então gritando/ficando bravo. Assim, oferecem poucos modelos de repertório socialmente adequado nessa categoria de HSE-P, além de possivelmente não deixarem claro qual comportamento do filho gostariam que fosse alterado. A expressão de sentimentos negativos é uma medida inicial de como os pais e as mães estabelecem limites para seus filhos e como o Grupo IPC, consistentemente, parece adotar práticas mais autoritárias, seu modo de agir seria um indicativo de fator de risco para problemas de comportamento. A literatura aponta que as práticas educativas que priorizam a coerção podem contribuir para surgimento/manutenção de comportamentos “indesejados” (Conte, 1997; Kaiser & Hester, 1997; Loeber & Hay, 1997; Patterson et al. 1989; Patterson et al. 2002; Webster-Stratton, 1997).

Parece que os grupos diferem mais quanto à quantidade de suporte positivo que quanto às estratégias punitivas utilizadas. Quando as crianças emitem comportamentos “indesejáveis”, fazem com que os pais e as mães fiquem zangados, o que aumenta a chance de agressões.

Esta contingência, por sua vez, aumenta a probabilidade de surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento no repertório dos filhos.

Quanto à HSE-P expressar opiniões chama atenção que pais e mães relataram comportarem-se de forma diferente; as mães IPC expressariam mais opiniões que os pais, e as ICSA focalizariam maior variedade de assuntos ao expressarem opiniões. Outro ponto interessante refere-se ao fato de expressarem opiniões especialmente sobre concepções de certo e errado e sobre relacionamento interpessoal. Tais informações também sugerem maior participação das mães na prática educativa dos filhos, estabelecendo limites, ensinando regras sociais sobre o certo e o errado, o que concorda com a literatura da área (Bolsoni-Silva & Del Prette 2002; Costa et al., 2000; Walsh et al., 1998). Entretanto, ainda que Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) tenham encontrado que a expressão de opiniões era mais freqüente em grupos de crianças socialmente “adequadas”, o mesmo não pode ser afirmado neste trabalho, em que os grupos IPC e ICSA não diferiram quanto a esta HSE-P.

Ao analisar o expressar carinhos observam-se novamente semelhanças entre os padrões materno e paterno, sinalizando consistência, no entanto, os participantes ICSA parecem demonstrar carinhos com maior freqüência. Ainda que as análises quantitativas não tenham apontado diferenças quanto à diversidade, os filhos dos participantes ICSA parecem expressar carinhos com maior diversidade (beijando, abraçando e fazendo carinho) quando comparados aos filhos do Grupo IPC (falando). Com base nestes resultados é possível hipotetizar que o Grupo ICSA deva ser mais afetivo, mais carinhoso com seus filhos, pois a diversidade apontada indica que estes filhos tiveram mais modelos e foram modelados para serem mais afetivos com seus progenitores. Esta HSE-P parece ser essencial para a promoção de comportamentos socialmente adequados nas crianças, pois a demonstração de afeto ajuda a criança a se sentir aceita, amada, contribuindo para uma maior auto-estima. Este resultado é respaldado, por exemplo, por Conte (1997), que afirma que condução calorosa, valorização da criança e expressão de afeto positivo são fatores protetores ao desenvolvimento da criança ou jovem. Além disso, os pais, ao serem carinhosos com seus filhos, estão contribuindo para a melhoria do relacionamento e fornecendo modelos de interação social satisfatória. Assim, é

possível que os filhos sejam menos resistentes a cooperar com seus pais, além de mais afetivos. Problemas de comportamento podem ser instalados e mantidos por reforço social; assim, se os pais e as mães são capazes de oferecer esta atenção para outros comportamentos, é possível que se reduza a probabilidade do surgimento de tais repertórios “indesejados”.

Ao analisar, de maneira geral, a categoria *Expressão de sentimentos e enfrentamento* pode-se concluir que há semelhanças e diferenças entre os grupos IPC, ICSA, Pais e Mães. O fato de os Grupos ICSA e IPC serem equivalentes para expressar opiniões e expressar sentimentos positivos e negativos permite levantar a hipótese de que os participantes realmente se comportam de modo semelhante quanto a estas HSE-P e a presença de indicadores de problemas de comportamento deve-se a outras HSE-P avaliadas.

Já nas comparações entre Mães e Pais diferenças estatísticas foram encontradas a favor das mães para a maioria destas HSE-P (expressar mais opiniões e sentimentos positivos e negativos), indicando diferenças entre padrões materno e paterno, sugerindo que as mães sejam mais participativas e adequadas na educação dos filhos, quando comparadas com os pais (Bolsoni-Silva & Del Prette 2002; Costa et al., 2000; Walsh et al., 1998). Entretanto, análises entre mães e pais de cada um dos Grupos IPC e ICSA sugerem que os casais são consistentes para algumas destas HSE-P e inconsistentes para outras (vide Quadro 3 de Resultados).

Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) encontraram que consistência parental e a participação de ambos os progenitores foram mais frequentes para o Grupo ICSA, e assim poderiam ser fatores de proteção para evitar problemas de comportamento. Os resultados da presente pesquisa, em relação às HSE-P da categoria *Expressão de sentimentos e enfrentamento*, concordam com estes pesquisadores apenas quanto à participação materna, pois ambos os grupos ora são consistentes, ora são inconsistentes.

As HSE-P de manter conversação e de fazer perguntas, da categoria *Comunicação*, foram apontadas diferentemente entre os grupos. Parece haver consistência no Grupo IPC e inconsistência no ICSA. Por outro lado, ainda que ambos os grupos conversem e façam perguntas sobre concepções de certo e errado e sobre escola/estudo, sendo assuntos relacionados ao estabelecer limites, os participantes ICSA, especialmente as mães, conversam também frente a perguntas e pedidos dos filhos, sugerindo responsividade. Desta forma, os resultados sustentam a hipótese de que o Grupo IPC utilize mais o estilo parental autoritário (Maccoby & Martin, 1983, apud Pacheco et al., 1999), enquanto que o ICSA vale-se mais do autoritativo, pois em ambos os estilos a exigência ocorre (no caso conversar sobre certo e errado e sobre escola), mas no autoritativo há também a responsividade, que parece maior no ICSA. Expressar sentimentos positivos e fazer carinhos, também mais freqüente para os participantes ICSA, também referem-se ao atendimentos das necessidades da criança, o que reitera a hipótese apontada.

A conversação é pré-requisito para a promoção de diversas outras habilidades sociais, tais como expressão de sentimentos e opiniões, que são imprescindíveis às interações sociais satisfatórias, além de dar modelos e modelar o desenvolvimento da linguagem (Reese & Eivush, 1993).

Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), em investigação semelhante, apontam que os assuntos preferidos para dialogar e fazer perguntas para os filhos eram os mesmos observados neste estudo, isto é, concepções de certo e errado e escola. No entanto, também verificaram que os participantes ICSA faziam mais perguntas e, neste diálogos, procuravam ensinar regras de convívio social, enquanto que os do Grupo IPC preocupavam-se em checar se os filhos haviam tido reclamações escolares, seja de natureza acadêmica ou de relacionamento e, portanto, a natureza da comunicação seria qualitativamente melhor para ICSA, o que parece ter acontecido também com os participantes deste estudo. Golinkoff e Ames (1979) encontraram que os pais faziam menos perguntas que as mães e Malone e Guy (1982)

descobriram que as mães faziam mais questões abertas e os pais, mais fechadas, o que aponta diferenças entre os estilos materno e paterno, sugerindo que as mães seriam socialmente mais adequadas que os pais.

Pacheco et al. (1999) encontraram, numa amostra de adolescentes, que o estilo autoritativo levava a maior ajustamento, menos comportamentos agressivos, menor índice de incômodo e maior satisfação, portanto, os jovens tornaram-se mais autoconfiantes e habilidosos. Ainda que a amostra deste estudo sejam crianças pré-escolares, resultados semelhantes são sugeridos, porém novos estudos seriam necessários para avaliar diretamente diferenças entre estilos parentais.

Chama atenção que no Grupo ICSA as mães conversam também sobre o uso de televisão. Walsh et al. (1998) apontam que mães autoritativas são exigentes e estabelecem limites, mas também oferecem explicações sobre dados de realidade; segundo a hipótese de que o Grupo ICSA utilizaria freqüentemente o estilo autoritativo, é possível supor que estes participantes conversem com seus filhos sobre televisão, pois responsabilizam-se por este repertório, o que seria desejável conforme Walsh et al. (1998). Novamente, os dados apontam a maior participação materna que paterna, provavelmente devido aos participantes ICSA, fortalecendo a hipótese de que as mães participam mais da educação dos filhos.

Quanto à sexualidade, as crianças procuravam pelas mães (especialmente as do Grupo ICSA) para perguntarem sobre nascimento e gestação, e as mães relataram responder valendo-se da verdade. O fato de as crianças procurarem mais pelas mães para tratarem de assuntos relativos à sexualidade é um indicativo de aproximação; novamente as mães mostram-se responsivas às necessidades dos filhos e parecem ser menos coercitivas que os pais, pelo menos, para tratar destes assuntos. Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) também encontraram que os participantes ICSA tinham menos dificuldade em conversar sobre sexualidade quando comparados aos IPC.

Malone e Guy (1982) e Bellinger e Gleason (1982) também perceberam diferenças entre a comunicação materna e paterna, pois descobriram que nas interações pais-filhos havia mais falas diretas (por exemplo “faça isso”) e imperativas (envolve controle, autoridade/poder), ao contrário, as mães utilizavam mais falas indiretas (por exemplo “você poderia fazer isso?”) e menos imperativas, assim os pais seriam mais autoritários e as mães, mais autoritativas. Ainda que estes elementos da comunicação não tenham sido investigados neste estudo, o fato de as mães, especialmente as ICSA, comunicarem-se mais adequadamente sugere que estes estilos aconteçam, porém novas pesquisas preocupadas especialmente com as HSE-P de comunicação poderiam ajudar a esclarecer este ponto.

A *Interação positiva* foi avaliada mediante a HSE-P de brincar com os filhos, cujos resultados não apontaram diferenças estatísticas entre os grupos, ainda que algumas diferenças quanto à diversidade de brincadeiras tenham sido encontradas, sugerindo que os pais brincam com mais frequência que as mães; e que estas brincam principalmente com jogos do tipo de encaixar, pipa, esconde-esconde, enquanto que os pais brincam geralmente com jogos esportivos, como futebol e luta. Trivelatto e Marturano (1999) apontam que disponibilizar brinquedos colabora para a promoção de competência social da criança, indicando a importância de os pais incentivarem a brincadeira e criarem condições para tal. Além disso, quando os pais brincam eles estão dando modelos e modelando este repertório, o que auxilia a criança a generalizar para suas interações com colegas.

Estes resultados, ao serem interpretados juntamente com os de expressão de sentimentos e enfrentamento e com os de comunicação, permitem levantar algumas considerações: a) o fato de os pais brincarem mais com seus filhos poderia ser uma ótima oportunidade para conversarem com os mesmos, sobre lazer, esporte, amigos, porém, não parece acontecer frequentemente; b) brincar com os filhos, como expressar sentimentos positivos e demonstrar carinho parecem ser HSE-P essenciais para melhorar o relacionamento, formar vínculo, no entanto, quando as crianças precisam falar sobre sexo

procuram pelas mães, ao invés dos pais. Estas HSE-P dão modelos e modelam o repertório dos filhos. Esse repertório, segundo Caldarella e Merrel (1997), em sua taxonomia de habilidades sociais, é essencial para interação das crianças com seus pares. Por outro lado, estes resultados parecem ser insuficientes para o entendimento acerca da qualidade das interações pais-filhos e mães-filhos, apontando para a necessidade de novas pesquisas na área.

Na categoria *Habilidades que propiciam consistência na prática educativa*, os resultados apontam que os grupos ICSA e de pais relatam emitir mais tais HSE-P. A HSE-P de participar da educação dos filhos não foi passível de tratamento estatístico, mas houve consenso, entre os participantes, que são as mães quem mais participam da educação dos filhos, o que confirma resultados prévios já discutidos.

Os participantes ICSA concordam mais com seus cônjuges, o que faz com que fique mais claro para a criança quais comportamentos são permitidos por ambos os pais, evitando o surgimento de comportamentos de birra, por exemplo. A concordância conjugal e a demonstração de carinho parecem ser HSE-P preventivas ao surgimento de problemas de comportamento. Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) encontraram os mesmos resultados quanto à concordância conjugal. Interessante notar que ao perguntar diretamente sobre consistência os resultados foram os mesmos dos pesquisadores citados, porém, neste estudo é possível avaliar a consistência de forma indireta também, verificando diferenças e semelhanças entre os estilos materno e paterno. Pelo descrito até o momento nesta seção, algumas HSE-P foram relatadas igualmente por pais e por mães (por exemplo expressar sentimentos negativos) e outras não (por exemplo conversar sobre sexualidade), o que sugere que estas informações dos pais sobre concordância devem ser relativizadas.

Os participantes, especialmente os IPC, apontam que discordam porque pensam e agem de forma distinta em relação aos filhos, momentos em que procuram conversar com o(a) companheiro(a), seja na ausência da criança (maior parte das vezes), seja na frente da mesma. Silva (2000) constatou que quando a mãe discordava e “brigava” com o marido na frente da

criança, esta imediatamente procurava a proteção da mãe. A atitude de tentar resolver o problema na ausência do filho é socialmente adequada, pois permite que os pais e as mães tenham a oportunidade de trocar informações e chegar num acordo quanto à melhor forma de agir no futuro, evitando expor a criança a conflitos conjugais. Além disso, a criança, ao vê-los, pode valer-se destas informações para decidir a qual dos progenitores recorrer quando desejar conseguir algo, ainda que leve a outros desentendimentos. Parece que apesar de os participantes IPC terem mais dificuldades quanto a concordar com o(a) cônjuge, eles possuem uma reserva comportamental importante, conversar na ausência dos filhos, o que poderia ser aproveitado num programa de intervenção, a fim de aumentá-la de frequência. Uma intervenção também os ajudaria a entender porque discordam e, então, poderiam desenvolver habilidades que prevenissem tais desentendimentos, tais como expressar sentimentos positivos, elogiar comportamentos, expressar opiniões (mesmo as de desacordo) e terem lazer e fazerem planos juntos.

A HSE-P de cumprir promessas foi mais apontada pelos pais que pelas mães, especialmente pelos do Grupo ICSA, porém diferenças entre pais e mães não foram encontradas. As dificuldades encontradas, especialmente pelas mães e pelos participantes IPC, são de ordem financeira (sair, presentes) e quanto ao cumprimento de ameaças. Nestas situações, geralmente procuram conversar com seus filhos, explicando as dificuldades e negociando. A dificuldade em cumprir ameaças aponta para o maior uso de estratégias coercitivas pelas mães e pelos participantes IPC. Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) também verificaram maiores dificuldades para o Grupo IPC, quanto a cumprir promessas.

Os resultados apontam que ambos os Grupos, IPC e ICSA, utilizam estratégias de negociação (dizer não, conversar, pedir mudança de comportamento) e estratégias claramente “coercitivas” (punição positiva, ameaça de punição e retirada de recompensa) para estabelecerem limites, porém apenas o primeiro possui crianças com indicativos de problemas

de comportamento, concordando com os achados de Alvarenga e Piccinini (2001). Desta forma, parece que não é apenas o uso de coerção que traz problemas de comportamento, mas também *déficits* de HSE-P que garantam a interação social positiva e, portanto, a aproximação de pais e filhos (Alvarenga & Piccinini, 2001; Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva et al., 2003; Strand et al., 2001). Ainda que as crianças ICSA sejam punidas e passem a ter algumas dificuldades interpessoais, o fato de terem progenitores que também estimulam novos comportamentos, façam carinho, expressem sentimentos, opiniões e elogiem, pode prevenir o surgimento e/ou manutenção de comportamentos “indesejáveis” (Strand et. al, 2001), à medida que a criança tem garantidos outros modelos e modelagem de “saltos” comportamentais (Rosales-Ruiz & Baer, 1997), os quais vão favorecer o acesso a novas contingências de reforçamento imprescindíveis para o seu desenvolvimento.

Interessante notar que os pais relatam mais utilizar comportamentos de negociação, porém relatam sentirem-se mais mal que bem após estabelecerem limites, sugerindo *déficit* de discriminação do que fazem na interação com os filhos, à medida que estratégias coercitivas geralmente são acompanhadas por sentimentos negativos (por exemplo culpa, ansiedade), como afirma Skinner (1993/1953). Os resultados também reiteram a maior participação das mães na educação dos filhos, confirmando achados previamente discutidos.

Uma discussão que acompanha é a definição de limites, sobre a qual nem sempre os pais e as mães têm clareza, pois consideram que devam limitar comportamentos por vezes socialmente adequados, por exemplo, a expressão de opiniões contrárias à deles.

A liberdade é fundamental para o desenvolvimento da criança, ou seja, a permissão para que a mesma experiencie novos comportamentos, explore seu ambiente, interaja com outras crianças. Por outro lado, é muito importante estabelecer restrições ou limites para alguns de seus comportamentos, como por exemplo: a) os que colocam em risco a sua própria segurança; b) os que colocam em risco a segurança de outras pessoas; c) os que causam danos materiais a objetos de terceiros; d) os que causam danos materiais a objetos próprios.

Assim, programas de intervenção com pais necessitam incluir o esclarecimento do que limitar, pensando sempre que comportamentos “indesejáveis” são apenas aqueles que prejudicam o desenvolvimento da criança. E nestes casos, é recomendável o uso mais freqüente de estratégias de negociação mais do que as claramente “coercitivas”.

Foram investigadas as reações dos filhos frente aos limites e verificou-se que eles tanto obedecem, o que reforça o comportamento dos pais de estabelecerem os limites da forma como o fazem, como demonstram descontentamento (chorando, ficando tristes, fazendo birra etc.). As reações de descontentamento poderiam ser classificadas como comportamentos de contracontrole frente ao uso de estratégias coercitivas por parte dos pais. Estas reações dos filhos confirmam os resultados que apontam para estratégias parentais semelhantes entre os grupos IPC e ICSA e, assim, apenas é possível hipotetizar que estratégias mais “coercitivas” levam os filhos a reagirem de formas semelhantes, pois aprendem com os pais, os quais também devem modelar tais repertórios.

A análise da categoria *Descrição positiva do filhos* apontou semelhanças e diferenças entre os grupos. Chama atenção que os participantes ICSA, quando comparados aos IPC, discriminam (pais) e descrevem (mães) melhor os comportamentos “desejados” dos filhos. Por outro lado, ambos os grupos são capazes de consequenciar igualmente tais repertórios, através de elogios, beijos e abraços, havendo algum destaque para as mães e para o Grupo ICSA. Assim, são resultados que reiteram a hipótese de que observar e consequenciar também os comportamentos “desejados” pode evitar o surgimento de problemas de comportamento. Para isso os pais precisam emitir diversas HSE-P, além das utilizadas para estabelecer limites, aquelas que favorecem uma interação positiva. Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) e Bolsoni-Silva et al. (2003) também encontraram que mães, especialmente as ICSA, eram capazes de identificar e consequenciar mais freqüentemente comportamentos “desejados” dos filhos.

As análises da categoria *Reflexão sobre a prática educativa* não indicaram diferenças estatísticas entre os grupos, o que difere dos achados de Bolsoni-Silva et al. (2003), pois

verificaram que os participantes IPC relataram terem “errado” em relação aos filhos significativamente mais que os ICSA.

No entanto, análises quantitativas descritivas verificaram que as mães, especialmente as do Grupo ICSA, consideram errado punir comportamentos dos filhos, momentos em que procuravam conversar com seus filhos ou então pediam desculpas. Assim, é possível concluir que as mães, principalmente as ICSA, preocupam-se tanto em recompensar comportamentos adequados, como em evitar o uso de punições para comportamentos “indesejados” dos filhos. Mas, quando não conseguem evitar o uso de coerção, geralmente procuram explicar-se e/ou pedir desculpas aos filhos, o que pode ser considerado socialmente adequado, à medida que aumenta a probabilidade de os filhos entenderem as razões parentais.

O fato de estes participantes sentirem culpa, frente ao uso de punições, é sinal de que eles próprios sentem-se punidos ao punir e, portanto, podem tentar evitar cada vez mais o uso destes recursos; no entanto, como concluiu Biasoli-Alves (1994), quando os pais não conhecem alternativas para educar seus filhos, acabam recorrendo a práticas que parecem funcionar, no caso as coercitivas. Esta discussão sinaliza a importância de intervenções com pais, seja de natureza preventiva e/ou remediativa, em que os pais e as mães podem ter recursos para aprender outras estratégias educativas. Como apontado por Bolsoni-Silva e Marturano (2002) a HSE-P de desculpar-se ajuda os filhos a aprenderem a comportarem-se de forma semelhante, ou seja, caso tenham feito algo “errado”, o correto é desculpar-se.

Com base na categoria de análise *Reflexão sobre a prática educativa*, é possível concluir que pais e mães emitem comportamentos diferentes ao educarem seus filhos, concordando com os achados de Sólis-Cámara e Fox (1995, 1996) que concluíram serem as mães quem mais puniam seus filhos. Porém, como nesta pesquisa, resultados diferentes foram encontrados quanto a estilos materno e paterno, que ora são semelhantes e ora são diferentes, é difícil tecer afirmações mais conclusivas.

Analisando de forma geral as HSE-P é possível verificar diferenças e semelhanças entre os grupos, como visto no Quadro 6 da seção de Resultados. Quanto à consistência entre as práticas materna e paterna verifica-se inconsistência para algumas HSE-P, mais freqüentemente apontadas pelas mães ICSA (expressar sentimentos negativos, manter conversação, ouvir questões sobre sexo, descrever comportamentos adequados, expressar opiniões sobre diferentes assuntos, demonstrar carinho e fazer perguntas sobre uma diversidade de assuntos) e pelas mães IPC (expressar sentimentos positivos, expressar opiniões e sentir-se bem após o estabelecimento de limites). Aparentemente, esses resultados sugerem mais consistência no Grupo IPC que no ICSA, contrariando, por exemplo, os achados de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002).

Nas comparações entre os Grupos IPC e ICSA constatou-se que o segundo relata emitir, mais freqüentemente, as seguintes HSE-P: demonstrar carinho, concordar com o cônjuge, cumprir promessas e discriminar a existência de comportamentos adequados dos filhos. Nota-se que estas habilidades referem-se mais a consequência de comportamentos “desejados” e/ou de interação positiva que de HSE-P para estabelecer limites. Desta forma, parece que o diferencial entre os grupos não é referente especialmente à interação frente a comportamentos “indesejados”, e sim na interação positiva, que parece, então, prevenir o surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento. Diversos autores verificaram correlação entre problemas de comportamentos e práticas coercitivas e pouco afetivas (Conte; 1997; Brenner & Fox, 1998; Brenner & Fox, 1999; Fox, et.al, 1995; Kaiser & Hester, 1997). Os resultados desta pesquisa permitem concluir sobre *déficits* em interação positiva, porém é impossível tecer considerações mais conclusivas quanto às práticas de estabelecer limites.

O repertório comportamental de filhos foi organizado em classes de manifestações “desejadas” e “indesejadas” na seção de Resultados. Análises globais mostraram que os pais descrevem, mais freqüentemente que as mães, os comportamentos “adequados” dos filhos, apontando para diferenças entre os estilos materno e paterno.

Na subcategoria *Disponibilidade social e cooperação* apenas o item procurar atenção teve diferença significativa a favor das crianças ICSA, segundo o relato das mães, quando comparadas às do Grupo IPC. Estes resultados discordam dos achados de Bolsoni-Silva et al. (2003) que encontraram diferenças estatísticas a favor do Grupo ICSA, quando comparado ao IPC, para os comportamentos de oferecer ajuda e cumprimentar pessoas, e não encontraram para procurar atenção. Porém naquela pesquisa as variáveis pais biológicos e morando na mesma residência não foram controladas. Por outro lado, os resultados de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), baseados no estudo que teve os mesmos critérios de seleção desta pesquisa, indicaram maior frequência de respostas para o Grupo ICSA, quando comparado ao IPC, para os itens procurar atenção e elogiar, havendo uma consistência, ao menos em parte, com o presente estudo.

Em *Expressão de sentimentos e enfrentamento* apenas os itens expressa desejo e preferências de forma adequada e expressa direitos e necessidades de forma adequada acusaram diferenças estatísticas a favor do Grupo ICSA, diferindo de estudos prévios (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva et. al, 2003) que não encontraram quaisquer diferenças para esta categoria de análise.

Finalmente, na categoria *Interação social positiva* apenas o item comunica-se com as pessoas de forma positiva foi mais frequentemente apontado por mães ICSA quando comparadas com mães IPC, concordando com Bolsoni-Silva et al. (2003).

De forma geral, poucas diferenças foram encontradas quanto ao repertório comportamental “desejado” das crianças, sugerindo que tanto as indicadas como tendo comportamentos socialmente “desejado” como as indicadas como tendo comportamentos “indesejados” devem emitir muitos comportamentos “desejados” na presença dos pais. Porém, como discutido previamente, as mães, especialmente as do Grupo ICSA, são as que mais recompensam tais comportamentos, justificando a presença um pouco maior a favor do

Grupo ICSA. Por outro lado, os resultados mostram que as crianças IPC possuem muitas reservas comportamentais.

Cecconello e Koller (2000) afirmam que repertórios pró-sociais, como competência social e empatia, são habilidades que funcionariam como fatores de proteção para pré-escolares que vivem em situação de pobreza. Marques e Horn (1997), em estudo com 248 adolescentes, também descobriram que apoio emocional promove melhor competência social, entendendo apoio emocional como amizade, ajuda instrumental, auto-revelação, cuidados, afeição, promoção e aliança confiável.

Portanto, pais poderiam aproveitar este repertório socialmente adequado mais educativamente na interação com as crianças, de forma a fortalecer tais comportamentos, o que possivelmente ajudaria a reduzir problemas de comportamento e a promover o desenvolvimento.

Análises globais do *Repertório Comportamental “Indesejado” de Filhos (RCIF)* mostraram que as mães IPC relataram observar um número maior de comportamentos indicativos de problemas de comportamento quando comparadas às mães ICSA. Tal diferença também foi encontrada no cruzamento entre os Grupos IPC e ICSA, sendo significativamente maior para o primeiro. O mesmo foi observado em estudos anteriores (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva et al., 2003).

Em *Problemas de saúde*, apenas o item fica mal humorado e nervoso foi relatado mais freqüentemente pelos pais e pelas mães IPC quando comparados aos ICSA. Na categoria *Hábitos* apresentou diferença significativa apenas o item referente à existência de gagueira, mas na análise quantitativa descritiva verificou-se que as mães observavam mais freqüentemente dificuldades com alimentação e medo em seus filhos. Finalmente, em *Outros indicativos* os itens mais freqüentemente citados por pais e por mães IPC foram: criança impaciente e irrequieta, muita vezes destrói objetos, é desobediente, permanece pouco tempo em atividade e é muito agitada. As mães IPC também relataram que seus filhos são pouco

queridos pelas pessoas e os pais IPC afirmam que os filhos falam muitas mentiras. Com exceção dos itens criança impaciente e irrequieta e permanece pouco tempo em atividade, que não foram avaliados por Bolsoni-Silva et. al (2003), os demais itens apontados por pais ou por mães IPC, neste estudo, também tiveram diferença estatística no estudo anterior, mostrando consistência nos resultados.

Desta forma, percebe-se que crianças IPC apresentam maior número de comportamentos indicativos de problemas de comportamento que as ICSA. Como os participantes ICSA relatam apresentar um maior número de HSE-P é possível hipotetizar que a forma como os pais e as mães interagem e educam seus filhos, especialmente em momentos em que não estejam emitindo comportamentos “indesejados”, interferem nos repertórios “desejáveis” e “indesejáveis” dos filhos, concordando com diversos autores da área, como Patterson et al. (1989), Briosio e Sarrià (1995), Conte (1997), Kaiser e Hester (1997), Kaplan et al. (1997), Webster-Stratton (1997), Loeber e Hay (1997), Brenner e Fox (1998), Brenner e Fox (1999), Marinho (1999), Silva (2000), Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), Bolsoni-Silva e Marturano (2002).

Os comportamentos considerados “indesejados” surgem frente ao uso de procedimentos coercitivos, como forma de contracontrolar o comportamento dos pais (Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989, Skinner, 1993/1953), especialmente se interações positivas são ausentes ou pouco frequentes, afinal os modelos que os filhos recebem frente à resolução de problemas é o coercitivo, e assim, quando precisam enfrentar dificuldades o fazem sendo desobedientes, destruindo objetos, ficando irrequietos, nervosos etc. (Loeber & Hay, 1997) E como nem sempre os pais e as mães atentam para os comportamentos adequados dos filhos, os filhos, especialmente os do Grupo IPC, acabam recebendo atenção mais quando se comportam “indesejavelmente” e, assim, acabam emitindo cada vez mais tais comportamentos, os quais são sentidos como coercitivos pelos pais que acabam punindo mais (Tucker & Fox, 1995) e afastando-se ainda mais de seus filhos, instalando um círculo vicioso.

O comportamento de mentir, também mais freqüente entre os participantes IPC, é um indicativo de problema de comportamento e pode ser analisado como relacionado a práticas educativas coercitivas, pois se os filhos ao falarem a verdade, no caso um erro cometido, forem punidos pelos pais, na verdade os pais estarão punindo não apenas o comportamento “errado”, mas também o adequado “falar a verdade” e assim, para evitar ser coagidos, no futuro, os filhos tenderão a mentir; conseqüentemente os pais perderão a oportunidade tanto de analisar e/ou descrever acerca das razões pelas quais eles se comportaram de forma “indesejada” como de orientar quanto a formas mais reforçadoras de resolver problemas.

Skinner (1993/1953) sugere que bons comportamentos sejam recompensados e comportamentos tidos como “inadequados” podem ser prevenidos. Quando os pais e as mães emitem as diversas HSE-P já descritas estarão evitando problemas de comportamento à medida que favorecem interações mais satisfatórias com os filhos. No caso de indicativos de problemas de comportamento já estarem presentes, então os pais poderiam recorrer a estratégias mais positivas, como ignorar o “indesejado”, o qual tenderá a desaparecer, desde que bons comportamentos estejam sendo recompensados, ou ainda expressar sentimentos de desagrado e pedir mudança de comportamento, de forma socialmente adequada. Quanto mais os pais e as mães emitirem as HSE-P, avaliadas neste estudo, maior a possibilidade de que as crianças comportem-se na direção esperada pelos pais, e o mais importante, sejam felizes, pois contingências aversivas podem gerar ressentimento, tristeza, culpa, nervosismo e outros comportamentos, como medo.

Analisando os itens da ECI em respostas internalizantes e externalizantes (Achenbach & Edelbrock, 1979) verificou-se que os participantes ICSA apontaram mais comportamentos internalizantes relacionados a *Problemas de Saúde*, enquanto que os IPC apontaram mais freqüentemente respostas externalizantes (tais como fica mal humorado e nervoso; é hiperativo; é impaciente/irrequieto; destrói próprias coisas e/ou de outros; é desobediente freqüentemente; mente freqüentemente), ainda que *Problemas de Saúde* e gagueja também

tenham sido destacados (respostas internalizantes). Comportamentos como gagueira podem acontecer em situações em que as crianças sentem-se ansiosas. Segundo Hudson e Rapee (2001) a ansiedade de crianças pode estar relacionada com estilos parentais, especialmente a rejeição, pouco envolvimento e negatividade.

As diferenças encontradas podem também estar relacionadas, além das práticas parentais, ao gênero das crianças, pois o Grupo IPC é formado especialmente por meninos. A cultura colabora para a manutenção de comportamentos coercitivos (Sidman, 1995), especialmente para os homens em que comportamentos agressivos acabam sendo mais tolerados (Barbour, Eckhard, Davison e Kassinove; 1998; Heyman, Brown, Feldbau-Kohn & O'Leary, 1999; McCollaum e Lester; 1997). Por outro lado, as análises de gênero desta pesquisa não indicaram grandes diferenças entre os estilos parentais conforme o gênero dos filhos, o que dificulta chegar a uma conclusão. Assim, estudos futuros deveriam trabalhar com grupos equivalentes quanto ao gênero das crianças para que questões como estas fossem melhor equacionadas.

As meninas podem ter mais problemas internalizantes, afinal é comum encontrar pais agressivos e mães submissas e deprimidas (Patterson et al., 2002), dando modelos e modelando diferencialmente repertórios de meninas e de meninos. Silva (2000) também encontrou maiores índices de problemas de comportamento externalizantes em meninos que em meninas. Entretanto, como a variável gênero não foi controlada neste estudo, é impossível chegar a uma conclusão sobre o repertório das meninas.

As *Variáveis de contexto* investigadas foram: a) regras parentais quanto à boa educação; b) relacionamento da criança com irmãos e tempo que os pais ficam com os filhos; c) Habilidades Sociais Conjugais.

Como visto em Resultados, quando questionados acerca do que seria importante para o educar bem, os pais e as mães apontaram mais comportamentos dos filhos que próprios. De

uma maneira geral, os participantes relataram que os filhos deveriam ser obedientes, comportados, disciplinados e terem estudo, concordando com os achados de Silva (2000).

Com base nestas informações é possível concluir que, dada a importância das HSE-P no repertório dos filhos, os pais e as mães deveriam focar a educação mais nos próprios comportamentos que nos filhos, indicando a necessidade de orientação aos pais e às mães quanto a estas regras de boa educação. Além disso, as expectativas dos participantes estão muito centradas no estudo e no “bom comportamento” e provavelmente são estes os comportamentos mais recompensados pelos pais, ou então, a ausência destes deva levar a punições, provavelmente com mais frequência para os participantes IPC, visto que mais interagem frente a comportamentos “indesejados”. O estudo realmente deve ser valorizado, afinal, ele é importante para garantir diversas habilidades essenciais, sejam acadêmicas ou sociais. No entanto, a questão do “bom” comportamento chama atenção, pois o que é bom para os pais e para as mães, nem sempre é igualmente bom para os filhos. Por exemplo, é desejo de pais e de mães que quando mandem os filhos ficarem quietos ao expressarem uma opinião distinta e conflitante, estes obedeçam, no entanto, a habilidade de expressar opiniões é muito importante para a resolução de problemas e para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais reforçadores. Diante disso, os pais e as mães precisam aprender a estabelecer limites de forma socialmente adequada e também a valorizar diversas habilidades sociais dos filhos, tais como expressão de opiniões e de sentimentos (mesmo os de desagrado), respeitando os próprios direitos e também os dos filhos, e portanto, nas palavras de Del Prette, Del Prette e Branco (1992) garantindo o equilíbrio de reforçadores.

A maioria dos participantes relataram ser bom o relacionamento da criança com os irmãos. Esse resultado aponta que mesmo as crianças IPC são capazes de estabelecerem relacionamento satisfatórios, concordando com o alto repertório socialmente adequado que possuem, segundo os relatos parentais. Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) encontraram que os

grupos IPC e ICSA mantinham relacionamentos satisfatórios, mas verificaram também a existência de conflitos entre os irmãos.

O tempo que pais e mães ficam com seus filhos difere, sendo maior para as mães, o que pode ser considerado como mais uma variável que respalda os demais resultados quanto ao investimento maior das mães na educação dos filhos, quando comparadas aos pais, concordando com os achados de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002)

Quanto às *Habilidades Sociais Conjugais* (HSC) diferenças foram encontradas, a favor do Grupo ICSA, quanto à percepção ou definição do cônjuge, características da comunicação conjugal, características positivas do cônjuge (especialmente a categoria é prestativo) e características negativas do cônjuge. As categorias expressa carinho e recebe carinho foram igualmente citadas pelos participantes.

Quanto à percepção ou definição do cônjuge, os participantes ICSA avaliam mais positivamente os(as) companheiros(as), especialmente nos itens: é compreensivo, bom pai/mãe e bom esposo/esposa. Pais e mães também diferem quanto à percepção do cônjuge, em que os pais relatam observar mais os comportamentos carinhoso/amável e compreensivo em suas esposas. Esses resultados, junto aos das HSE-P, permitem levantar a hipótese de que casais mais afetuosos são também mais afetuosos com seus filhos.

Os participantes ICSA, pais e mães, avaliaram mais positivamente a comunicação conjugal que o Grupo IPC, especialmente para os itens positivos que foram mais freqüentemente apontados: você pode falar, você permite que ele (ela) fale e você consegue pedir mudança de comportamento. Por outro lado os itens negativos você procura impor seu ponto de vista e ela(ele) te faz calar falando alto foram menos citados pelos participantes ICSA. Desta forma, é possível que o Grupo IPC tenha mais conflitos conjugais que os ICSA, pois conforme alguns autores (Fincham & Beach, 1999; Gottman, 1998; Heyman et. al, 1999) excesso de negativismo e de críticas e de respostas defensivas são indicativos de disfunção conjugal, os quais por sua vez podem promover dificuldades à criança, tais como

depressão, competência social pobre, problemas de saúde e desempenho acadêmico pobre, que são indicadores de problemas de comportamento e que têm respaldo com os resultados desta pesquisa. Interessante notar que os participantes ICSA possuem uma comunicação conjugal mais satisfatória, o que ocorre também na interação com os filhos, assim, é possível hipotetizar que os pais e as mães tendem a reproduzir modelos já existentes em outras relações, no caso conjugal, com seus filhos e vice-versa.

Os resultados encontrados permitem concluir que os participantes ICSA possuem um número maior de HSC e também de HSE-P, e assim, parece haver uma co-ocorrência entre elas. Estes resultados concordam com os autores Fincham e Beach (1999) que afirmam que conflitos conjugais podem levar a práticas parentais pobres.

Os pais relataram, mais frequentemente, observar as esposas falando demais e procurando impor seu ponto de vista. As mães atribuíram, aos seus parceiros, um maior número de características negativas, quando comparadas aos demais grupos, especialmente para comportamentos como sair com colegas, beber e fumar. Barbour, Eckhard, Davison e Kassinove (1998) e Mwamwenda (1999) afirmam que os homens são mais agressivos que as mulheres, no entanto, os resultados deste estudo não permitem tal conclusão, pois são as mães quem mais punem os filhos e quem mais procuram impor seu ponto de vista e falam demais, comportamentos que podem ser indicativos de agressividade. Tais diferenças sugerem novas pesquisas na área. Por outro lado, as características positivas foram consideradas, pelos respondentes IPC e ICSA, Pais e Mães, como permanentes, enquanto que as negativas teriam um caráter situacional, o que é bastante positivo para maximizar as interações positivas.

Considerações Finais

Esta pesquisa, como um desdobramento de estudo anterior (Silva, 2000), propôs-se a aprofundar o entendimento das relações entre a prática educativa parental e o repertório comportamental de crianças, bem como possíveis diferenças entre pais e mães e a influência de fatores contextuais.

De uma maneira geral foi possível perceber que o Grupo ICSA possui um maior número de Habilidades Sociais Educativas Parentais e também Habilidades Sociais Conjugais. As crianças IPC realmente correspondem às indicações escolares quanto à existência de maiores indicativos de problemas de comportamento, possivelmente devido às habilidades parentais, apesar de também emitirem muitos comportamentos socialmente adequados. As mães e os pais possuem HSE-P distintas e são as mães que mais participam da educação e que também mais punem os filhos, apesar de relatarem possuir maior número de HSE-P. Estes resultados têm consistência com os achados do estudo referente às entrevistas estruturadas de Silva (2000).

Os resultados sugerem que intervenções podem ser úteis para pais e para mães tanto do Grupo IPC, como do ICSA, tanto para fortalecer e/ou instalar HSE-P como para reduzir e/ou eliminar práticas coercitivas.

Diferenças estatísticas foram encontradas entre os Grupos, IPC e ICSA, quanto a distribuição por gênero das crianças, sendo que a maioria das indicadas como tendo problemas de comportamento eram meninos. Este resultado concorda com manuais de psiquiatria (por exemplo CID-10) e também com os achados de Bolsoni-Silva et al. (2003). Diversos autores, em culturas distintas, (por exemplo Lester ,1997, Barbour, Eckhard, Davison & Kassinove, 1998, Heyman, Brown, Feldbau-Kohn & O'Leary, 1999, Mwamwenda, 1999) apontam para a existência de mais comportamentos agressivos em homens que em mulheres, sugerindo que meninos e meninas sejam educados de formas

diferentes, de modo que comportamentos agressivos poderiam ser mais tolerados e incentivados para meninos que para meninas. De fato as crianças IPC, em maioria meninos, apresentaram um maior número de comportamentos externalizantes. Como neste estudo a variável gênero não foi controlada, para amenizar tais limitações foram realizadas análises estatísticas quanto à distribuição de gênero entre os grupos, as quais, por sua vez, encontraram poucas diferenças de estilos parentais, e assim, não é possível afirmar que pais e mães interajam diferentemente com meninos e meninas, o que indica a necessidade de novos estudos na área.

O presente estudo apresenta alguns limites que são descritos a seguir.

Os dados foram obtidos a partir do relato verbal de pais e de mães e não necessariamente as HSE-P que relataram possuir correspondem com o que realmente fazem na prática educativa nos filhos. Pesquisas com metodologia observacional poderiam suprir tal dificuldade.

Quanto às HSE-P foram investigadas a frequência de aparecimento e algumas vezes os seus antecedentes (como situações em que ocorriam) e outras vezes, seus conseqüentes (por exemplo, comportamentos emitidos após erros cometidos) e, assim, parece pertinente, em estudos futuros, avaliar ambos os elos da cadeia comportamental para todas HSE-P, a fim de obter mais dados a respeito das interações pais-filhos. Os repertórios “adequado” e “indesejado” das crianças também foram avaliados enquanto frequência de aparecimento, conseqüentemente, a descrição de antecedentes e de conseqüentes poderia ocorrer em pesquisas subseqüentes. Além disso, ainda que se tenha discutido exaustivamente sobre HSE-P, componentes não-verbais e paralinguísticos, e portanto da topografia das respostas, não foram avaliados, os quais poderiam ser explorados em pesquisas futuras, pois certamente influenciam na funcionalidade.

Ainda que tenha limitações, esta pesquisa pode contribuir para um maior entendimento acerca das relações estabelecidas entre pais/mães e filhos. Outra contribuição refere-se à

elaboração dos instrumentos de coleta de dados (Questionário de Habilidades Sociais Educativas Parentais e Questionário de Comportamentos Socialmente Adequados), pois na literatura brasileira ainda há uma carência de instrumentos que possam colaborar para a compreensão das práticas educativas parentais, e assim podem ser utilizados por outros estudos, seja de levantamento, seja de pesquisa-intervenção, ou mesmo podem ter uma aplicabilidade para avaliação clínica. Especialmente porque são instrumentos onde não ocorre o viés das respostas socialmente esperadas, à medida que o entrevistador faz as perguntas e anota as respostas. No entanto, tornam-se pertinentes estudos que os avaliem em suas propriedades psicométricas.

A presente pesquisa avançou metodologicamente em relação a Silva (2000) em diversos pontos: a) Silva (2000) avaliou apenas 5 pais e 5 mães de Grupos IPC e ICSA, perfazendo um total de 20 participantes, cujos dados demográficos (tais como renda, nível sócio-econômico e gênero dos filhos) não puderam ser avaliados estatisticamente; entretanto no presente estudo foram avaliadas, em cada grupo, 24 pessoas, perfazendo um total de 96 participantes, os quais eram equivalentes estatisticamente quanto aos dados demográficos, com exceção de distribuição por gênero; b) este trabalho teve um controle metodológico maior quando utilizou a ECI e o mesmo número de indicações IPC e ICSA, para cada professora, para a seleção da amostra; c) as habilidades sociais educativas foram avaliadas por um instrumento com categorias, facilitando a coleta, o tratamento e a análise dos dados; d) este estudo possibilitou análises estatísticas para cada item avaliado, das habilidades sociais educativas, das habilidades sociais conjugais e dos repertórios “desejados” e “indesejados” dos filhos, para os grupos IPC, ICSA, Pais e Mães, o que foi impossível em Silva (2000); e) apenas esta pesquisa avaliou o repertório de habilidades sociais conjugais, a qual é uma das variáveis de contexto que podem interferir na interação dos pais com seus filhos; f) finalmente, este trabalho realizou análises estatísticas para verificar a fidedignidade do

QHSE-P e do QHSC. Por todos estes avanços percebe-se a originalidade e a contribuição desta pesquisa.

De forma geral, este trabalho de pesquisa atingiu os objetivos propostos e abre novos temas para investigações futuras, tais como: a) avaliação do repertório das crianças do ponto de vista de professores; b) comparação entre avaliação de pais e de professores quanto a comportamentos “desejados” e “indesejados” de crianças com/sem indicativos de problemas de comportamento; c) avaliação da interação da criança com colegas escolares e outros; d) avaliação mais detalhada de Habilidades Sociais Conjugais, pois neste estudo apenas levantaram-se alguns indicativos; e) avaliação de antecedentes e conseqüentes para cada comportamento “desejado” e “indesejado” dos filhos, que neste estudo, foram avaliados pelo QCSA e ECI; f) avaliação de programas de intervenção com pais e com mães IPC e ICSA e também com professores; e, finalmente, g) avaliação de práticas educativas e repertório de filhos de casais separados; h) avaliação de habilidades sociais educativas parentais em grupos equivalentes quanto ao gênero da criança.

Referências

- Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. S. (1979). The child behavior profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47 (2), 223-233.
- Almeida, C. S. de (1984). *Análise dos motivos de encaminhamento de alunos de classes comuns a classes especiais de escolas públicas de 1º Grau*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. Em H. J. Guilhardi; M. B. B. P. Madi; P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.) *Sobre Comportamento e Cognição. Expondo a variabilidade* (pp. 54-60). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (3), 449-460.
- Argenti, M. C., & Romanelli, G. (1999). Um estudo das representações sociais da família e da escola no processo educativo da criança. *Anais da XXIX Reunião Anual de Psicologia*, p. 287.
- Barbour, K. A., Eckhardt, C. I., Davison, G. C. & Kassinove, H. (1998). The experience and expression of anger in maritally violent and maritally discordant-nonviolent men. *Behavior Therapy*, 29, 173-191.
- Barnett D. (1997). The effects of early intervention on maltreating parents and their children. Em M. J. Guralnick (Org.), *The effectiveness of early intervention* (pp. 147-453). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Baum, W. M. (1999). *Compreender o behaviorismo. Ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artmed
- Beck, A. T. (1995). *Para além do amor: Como os casais podem superar os desentendimentos, resolver os conflitos e encontrar uma solução para os problemas de relacionamento através da terapia cognitiva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Bellinger, D. C., & Gleason, J. B. (1982). Sex differences in parental directives to young children. *Sex Roles*, 8 (11), 1123-1139.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1994). *Família-socialização-desenvolvimento*. Tese de Livre Docência. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? *Argumento*, ano III (7), 71-86.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das Habilidades Sociais. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), pp. 227-235.

- Bolsoni-Silva, A. T.; Del Prette, A., & Oishi, J. (2003). Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. *Revista Psicologia Argumento*, 9, 11-29.
- Booth, C. L. (1997). Are parent' beliefs about their children with special needs a framework for individualizing intervention or a focus of change? Em M. J. Guralnick (Org.), *The effectiveness of early intervention* (pp. 625-639). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Brasil (1994). *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto (MEC).
- Brener, V., & Fox, R. A. (1998). Parental discipline and behavior problems in young children. *The Journal of Genetic Psychology*, 159 (2), 251-256.
- Brener, V., & Fox, R. A. (1999). An empirically derived classification of parenting practices. *The Journal of Genetic Psychology*, 160 (3), 343-356.
- Brioso, A., & Sarrià, E. (1995). Distúrbios de comportamento. Em C. Coll, J. Palacios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp. 157-168). Porto Alegre: Artes Médicas, Vol. 3.
- Bugental, D. B., & Johnston, C. (2000). Parental and child cognitions in the context of the family. *Annual Review Psychology*, 51, 315-344.
- Bussab, V. S. R. (2000). Fatores hereditário e ambientais no desenvolvimento: A adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2).
- Caballo, V. E. (1991). El entrenamiento en habilidades sociales. Em V. E. Caballo (Org.), *Terapia y modificacion de conducta* (pp. 403-443). Madri: Siglo Veintiuno.
- Caballo, V. E. (1997). El papel de las habilidades sociales en el sesarrollo de las relaciones interpersonales. Em D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (pp. 229-233). São Paulo: ARBytes Editora, 3°. Vol.
- Caldarella, P., & Merrell, K. W. (1997). Common dimensions of social skills of children and adolescents: A taxonomy of positive behaviors. *School Psychology Review*, 26 (2), 264-278.
- CID-10 (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descriçãos clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2002). Disponível: www.mtecbo.gov.br
- Conte, F. C. (1997). Promovendo a relação entre pais e filhos. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (pp. 165-173). Santo André: Arbytes Editora.
- Cousins, L. S., & Weiss, G. (1993). Parent Training and social skills training for children with attention-deficit hyperactiviy disorder: How can they be combined for greater effectiveness? *Canadian Journal Psychiatry*, 38, 449-457.

- da Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 465-473.
- Dattilio, F. M. (1995). Famílias em crise. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais para intervenção em crises. Tópicos especiais* (pp. 367-392). Campinas: Editorial Psy II.
- De Souza, D. das Graças (2000). O conceito de contingência: Um enfoque histórico. *Temas em Psicologia da SBP*, 8 (2), 125-136.
- Del Prette, A. (1985). Treinamento comportamental: uma alternativa de atendimento à população não clínica. *Revista de Psicologia*, 3 (1), 67-81.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., & Branco, U. V. C. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia, FFCLRP*, 2, 40-50.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2002). Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: Indicadores sociométricos associados a frequência *versus* dificuldade. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 61-73.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Psicologia das relações interpessoais. Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Torres, A. C., & Pontes, A. C. (1998). Efeitos de um programa de intervenção sobre aspectos topográficos das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2 (1), 11-22.
- Eisentein, E., & de Souza, R. P. (1993). *Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Emery, R. E., & Tuer, M. (1993). Parenting and the marital relationship. Em T. Luster & L. Okagaki (Orgs.), *Parenting: Na ecological perspective* (pp. 121-148). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Epstein, N., & Schlesinger, S. E. (1995). Problemas conjugais. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais para intervenção em crises. Tópicos especiais* (pp. 343-365). Campinas: Editorial Psy II.
- Ferreira, M. de C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 35-44.
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (1999). Conflict in marriage: Implications for working with couples. *Annual Review Psychology*, 50, 47-77.

- Fox, R. A., & Solís-Cámara, P. (1997). Parenting of young children by fathers in Mexico and the United States. *The Journal of Social Psychology*, 137 (4), 489-495.
- Fox, R. A., Platz, D. L., & Bentley, K. S. (1995). Maternal factors related to parenting practices, developmental expectations, and perceptions of child behavior problem. *The Journal of Genetic Psychology*, 156 (4), 431-441.
- Gerber, M. M., & Semmel, M. I. (1984). Teacher as imperfect test: Reconceptualizing the referral process. *Educational Psychologist*, 19 (3), 137-148.
- Golinkoff, R. M., & Ames, G. J. (1979). A comparison of fathers' and mothers' speech with their young children. *Child Development*, 50, 28-32.
- Gomide, P. I. C. (2001). Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social. Em M. M. Marinho & V. E. Caballo (Orgs.) *Psicologia Clínica e da Saúde* (pp. 33-53). Londrina: Editora UEL/APICSA.
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital process. *Annual Review Psychology*, 49, 169-197.
- Graminha, S. S. V. (1994). A escala comportamental infantil de Rutter A2: Estudos de adaptação e fidedignidade. *Estudos de Psicologia*, 11, 34-42.
- Graminha, S. S. V. (1998). Recursos metodológicos para pesquisas sobre riscos e problemas emocionais e comportamentais na infância. Em G. Romanelli & Z. M. Biasoli-Alves (Orgs.) *Diálogos metodológicos sobre práticas de pesquisa* (pp. 71-86). Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda.
- Gresham, F. M. (1996). Teachers as judges of social competence: A conditional probability analysis. *School Psychology Review*, 25 (1), 108-117.
- Gresham, F. M., McMillan, D. L., & Bocian, K. M. (1997). Teachers as "tests": Differential validity of teacher judgments in identifying students at-risk for learning difficulties. *School Psychology Review*, 26 (1), 47-60.
- Gresham, F. M., Reschly, M., & Carey, M. P. (1987). Teachers as "tests" classification accuracy and concurrent validation in the identification of learning disabled children. *School Psychology Review*, 16 (4), 543-553.
- Heyman, R. E., Brown, P. D., Feldbau-Kohn & O'Leary, K. D. (1999). Couples' communication behaviors as predictors of dropout and treatment response in wife abuse treatment programs. *Behavior Therapy*, 30, 165-189.
- Hoffman, L., & Youngblade, L. M. (1998). Maternal employment, morale and parenting style: Social class comparisons. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 19 (3), 389-413.
- Hoffman, L. W., & Youngblade, L. M. (1998). Maternal employment, morale and parenting style: Social class comparisons. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 19 (3), 389-413.

- Hudson, J. L. , & Rapee, R. M. (2001). Parent-child interactions and anxiety disorders: Na observacional study. *Behavioral Research and Therapy*, 39, 1411-1427.
- Kaiser, A. P., & Hester, P. P. (1997). Prevention of conduct disorder through early intervention: A social-communicative perspective. *Behavioral Disorders*, 22(3), 117-130.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 7ª edição.
- Kauffman, J. M. (1977). *Characteristics of children's behavior disorders*. Columbus: Bell & Howell Company.
- Kinard, E. M. (1995). Mother and teacher assessments of behavior problems in abused children. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 34 (8), 1043-1053.
- Loeber, R., & Hay, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood, *Annual Review Psychology*, 48, 371-410.
- Malone, M. J., & Guy, R. F. (1982). A comparison of mothers'and fathers'speech to their 3-year-old sons. *Journal of Psycholinguistic Research*, 11 (6), 599-608.
- Marinho, M. L. (1999). Comportamento infantil anti-social: Programa de intervenção junto à família. Em R. R. Kerbaux &, R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva – da reflexão teórica à diversidade na aplicação* (pp. 207-215). Vol 4. São Paulo: Arbytes.
- Marques, A. L. (1999). *Competência social, empatia e representação mental da relação de apego em famílias em situação de risco*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Marques, J. C., & Horn, K. R. V. (1997). Habilidades sócio-cognitivas e apoio emocional nos relacionamentos dos adolescentes. *Psico*, 28 (1), 171-186.
- Marturano, E. M., Linhares, M. B. M., & Parreira, V. L. C. (1993). Problemas emocionais e comportamentais associados a dificuldades na aprendizagem escolar. *Medicina Ribeirão Preto*, 26(2), pp. 161-175.
- Matlack, McGreevy, Rouse, Flatter, & Marcus (1994). Family correlates of social skills deficits in incarcerated and nonincarcerated adolescents. *Adolescence*, 29 (113), 117-132.
- Matos, M. M. (1983). A medida do ambiente de desenvolvimento infantil. *Psicologia*, 9 (1), 5-18.
- McCollaum, B., & Lester, D. (1997). Sexual aggression and attitudes toward women and mothers. *The Journal of Social Psychology*, 137 (4), 538-539.
- McCord, J. (1979). Some child-rearing antecedents of criminal behavior in adult men. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37 (9), 1477-1486.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4, 1-33.

- McHale, S. M., Updegraff, K. A., Tucker, C. J., & Crouter, A. C. (2000). Step in or stay out? Parents' roles in adolescent siblings' relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (3), 746-760.
- Mendonça, H. A. L. (1990). *Uma tipologia do excepcional no contexto familiar e profissional de São Carlos*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Oliveira, E. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para com meninos e meninas de quatro e cinco anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 363-371.
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (2), 117-126.
- Patterson, G. R.; DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44 (2), 329-335.
- Patterson, G., Reid, J., & Dishion, T. (2002). *Antisocial boys. Comportamento anti-social*. Santo André: ESETec Editores Associados.
- Pawlak, J. L., & Klein, J. A. K. (1997). Parental conflict and self-esteem: The rest of the story. *The Journal of Genetic Psychology*, 158 (3), 303-313.
- Peterson, R. L. (1995). Learners with emotional or behavioral difficulties. Em M. C. Wang, M. C. Reynolds & H. J. Walberg (Orgs.), *Handbook of special and remedial education: Research and practice* (pp. 243-280). New York: Elsevier Science, Inc., 2ª ed.
- Rangé, B., & Dattilio, F. M. (1998). Casais. Em B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva* (pp. 171-191). Campinas: Editorial Psy.
- Reese, E., & Eivush, F. (1993). Parental styles of talking about the past. *Developmental Psychology*, 29 (3), 596-606.
- Romero, J. F. (1995). As relações sociais das crianças com dificuldades de aprendizagem. Em C. Coll, J. Palacios & A. Marchesi (Org.), *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp. 71-82). Porto Alegre: Artes Médicas, Vol. 3.
- Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1997). Behavioral cusps: A developmental and pragmatic concept for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30, 533-544.
- Rosenberg, M. S.; Wilson, R., Maheady, L. , & Sindelar, P. (1992). *Educating students with behavior disorders*. Boston: Allyn and Bacon.
- Santos, P. L. dos (2002). *Riscos e recursos em crianças com alto e baixo rendimento acadêmico: Um estudo comparativo*. Tese de Doutorado. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editorial Psy II.

- Silva, A. T. B. (1997). *Treinamento de habilidades sociais e desenvolvimento de interações entre pais e filhos*. Monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: Sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Skinner, B. F. (1984). Selection by consequences. *The behavioral and brain sciences*, 7 (4), 477-481.
- Skinner, B. F. (1993). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 8ª edição (Originalmente publicado em 1953).
- Solís-Cámara, P., & Fox, R. A. (1995). Parenting among mothers with young children in Mexico and the United States. *The Journal of Social Psychology*, 135 (5), 591-599.
- Solís-Cámara, P., & Fox, R. A. (1996). Parenting practices and expectations among mexican mothers with young children. *The Journal of Genetic Psychology*, 157 (4), 465-476.
- Strand, P. S., Wahler, R. G., & Herring, M. (2001). The impact of behavior-specific and behavior-nonspecific reinforcement on child compliance to mother directives. *Behaviour Research and Therapy*, 39, 1085-1097.
- Sturmey, P. (1996). *Functional analysis in clinical psychology*. England: John Wiley & Sons.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Otero, D., Kulakova, N., Tammeveski, P., Meltsas, M., & Lee, S. (2000). Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (1).
- Walsh, A. D., Lacznia, R. N., & Carlson, L. (1998). Mothers' preferences for regulating children's television. *Journal of Advertising*, 26 (3), 23-36.
- Webster-Stratton, C. (1997). Early intervention for families of preschool children with conduct problems. Em M. J. Guralnick (Org.), *The effectiveness of early intervention* (pp. 429-453). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.

ANEXOS

Anexo 1. Termo de Consentimento Pós-Informado para Professores(as)

Anexo 2. Questionário de Comportamentos Socialmente Adequados – Professores (QCSA-Pr)

Anexo 3. Escala Infantil B. de Rutter – Professores (ECI)

Anexo 4. Questionário de Comportamentos Socialmente Adequados – Pais (QCSA – Pais)

Anexo 5. Escala Infantil A. de Rutter – Pais (ECI)

Anexo 6. Questionário de Habilidades Sociais Conjugais (QHSC)

Anexo 7. Termo de Consentimento Pós-Informação para Pais

Anexo 8. Descrição do Estudo Piloto

Anexo 9. Carta de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Anexo 10. Totalidade de Categorias de Especificidades de Habilidades Sociais Educativas Parentais

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO PARA PROFESSORES(AS)

Nome da pesquisa: Habilidades sociais educativas de pais e de mães e sua relação com indicadores de problemas de comportamento e de comportamentos socialmente adequados de filhos: Um estudo comparativo.

Pesquisadora responsável: Alessandra Turini Bolsoni Silva **CRP:** 06/57948-0

Informações dadas aos professores: Estamos realizando uma pesquisa com pais de crianças, na faixa etária de 5 a 6 anos de idade, estudantes de Escolas Municipais Infantis. Esta pesquisa tem por objetivo encontrar relações entre a forma como os pais educam seus filhos e os comportamentos dos mesmos, além de buscar semelhanças e/ou diferenças na forma como o pai e a mãe educam seus filhos. Os professores serão solicitados a: a) indicarem crianças que apresentam indicadores de problemas de comportamento e crianças com indicadores de comportamentos socialmente adequados e b) responderem a dois instrumentos que investigam comportamentos adequados e indicadores de problemas de comportamento das crianças indicadas. A pesquisadora fará as perguntas e anotará as respostas. Informamos que os professores não terão quaisquer despesas ao participarem desta pesquisa. Os professores têm liberdade de se recusar a participar, de não responder a alguma pergunta e de retirar seu consentimento, a qualquer momento, caso alguma coisa lhes desagrade, sem qualquer problema para eles. Esta pesquisa fornecerá informações importantes para futuras intervenções com pais e crianças e assim, os participantes estarão ajudando outros pais e crianças no futuro. Nós as pesquisadoras (eu e minha orientadora) estamos compromissadas com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa.

Eu _____, RG _____, abaixo assinado, estou ciente de que faço parte de uma amostra de pesquisa sobre relacionamento pais-filhos. Contribuirei com dados através das respostas aos questionários. Declaro estar ciente: a) do objetivo do projeto; b) da segurança de que não seremos identificados e de que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas com nossa privacidade e c) de ter a liberdade de recusar a participar da pesquisa.

Bauru, _____ de _____ de 2001

Assinatura do responsável

Nome do responsável

Assinatura da pesquisadora responsável

QUESTIONÁRIO DE COMPORTAMENTOS SOCIALMENTE ADEQUADOS – PROFESSORES (QCSA-PR)

Abaixo há uma série de descrições de comportamento freqüentemente apresentada por crianças. Se a criança com certeza apresenta o comportamento descrito pela afirmação, responda “certamente se aplica”. Se a criança apresenta o comportamento, mas em menor grau ou menos freqüentemente, responda “se aplica um pouco”. Se, até onde você tem conhecimento, a criança não apresenta o comportamento, responda “não se aplica”.

COMPORTAMENTOS	Não se aplica	Se aplica um pouco	Certamente se aplica
Faz pedidos?			
Presta ajuda ao professor(a) e colegas?			
Faz amigos?			
Interage de forma não verbal com pessoas de sua convivência, por meio de sorrisos, gestos?			
Procura sua atenção?			
Faz perguntas?			
Cumprimenta as pessoas?			
Tem relações positivas com um ou mais colegas, mostrando capacidade para preocupar-se com eles?			
Expressa frustração e desagrado de forma adequada, sem prejudicar outras pessoas?			
Não é facilmente intimidado por crianças violentas ou agressivas?			
Brinca com colegas?			
Faz elogios?			
Expressa desejos e preferências, de forma adequada?			
Toma iniciativas?			
Expressa carinhos?			
Comunica-se com as pessoas de forma positiva?			
Expressa seus direitos e necessidades de forma apropriada?			
Usualmente está de bom humor?			
Expressa opiniões?			
Negocia e convence outras pessoas de seu ponto de vista?			
Participa de grupos de jogos e trabalhos em sala de aula?			
Participa de temas de discussão, dando contribuições relevantes?			
Toma a palavra facilmente?			
Mostra interesse pelos outros, muda de opinião e aceita informação de outros de forma adequada?			

QUESTIONÁRIO DE COMPORTAMENTOS SOCIALMENTE ADEQUADOS - PAIS (QCSA-PAIS)

O questionário pergunta sobre vários tipos de comportamento que muitas crianças apresentam em algumas ocasiões. Por favor, dê suas respostas conforme seu filho (de 6 anos) tem se comportado nos últimos 12 meses. Se a criança com certeza apresenta o comportamento descrito pela afirmação, responda “certamente se aplica”. Se a criança apresenta o comportamento, mas em menor grau ou menos frequentemente, responda “se aplica um pouco”. Se, até onde você tem conhecimento, a criança não apresenta o comportamento, responda “não se aplica”.

COMPORTAMENTOS	Não se aplica	Se aplica um pouco	Certamente se aplica
Faz pedidos?			
Procura te ajudar?			
Interage de forma não verbal com pessoas de sua convivência, por meio de sorrisos, afirmações, gestos?			
Apresenta facilidade para fazer amizades?			
Procura sua atenção?			
Faz perguntas?			
Cumprimenta as pessoas?			
Brinca com colegas?			
Faz elogios?			
Expressa desejos e preferências, dando razões para suas ações e posições?			
Critica?			
Toma iniciativas?			
Expressa carinhos?			
Expressa sentimentos de desagrado?			
Se comunica com as pessoas de forma positiva?			
Usualmente está de bom humor?			
Expressa seus direitos e necessidades de forma apropriada?			
Expressa próprias opiniões?			
Negocia e convence outras pessoas de seu ponto de vista			

ESCALA INFANTIL A. DE RUTTER – PAIS (ECI)

QUESTIONÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS

I) INFORMAÇÕES

data da aplicação do questionário: ____/____/____

horário de início: _____ horário de término: _____

endereço: _____

respondente: () mãe () pai

nome dos pais: _____

nome da criança: _____

II) INSTRUÇÕES

O questionário possui questões acerca do seu relacionamento com seu/sua companheiro/companheira.

Cada questão está dividida em duas ou mais partes: a) frequência com que aparece o comportamento mencionado e b) características deste comportamento.

Quanto à frequência o respondente deverá escolher apenas uma das alternativas: frequentemente (F), algumas vezes (A) ou quase nunca ou nunca (N).

Nas questões 1, 4, 5.a. e 6.c. a entrevistadora primeiramente faz as perguntas e anota as respostas e em seguida pede a avaliação de cada um dos ítems.

1) Como você define seu companheiro/companheira.

Controlador	F	A	N
Egoísta	F	A	N
Sensato	F	A	N
Insensível	F	A	N
Confiável	F	A	N
Confidente	F	A	N
Ingrato	F	A	N
Rebelde	F	A	N
Companheiro	F	A	N
Carinhoso/ amável	F	A	N
Compreensivo	F	A	N
Crítico	F	A	N
Sincero	F	A	N
Inteligente	F	A	N
Simpático	F	A	N
Bom pai/mãe	F	A	N
Bom esposo/esposa	F	A	N
Tem boa conversa/mantém diálogo	F	A	N
Amigo	F	A	N
É calmo	F	A	N
É caseiro	F	A	N

Outros: _____

2) você expressa carinho ao companheiro/companheiro?

F	A	N
---	---	---

2. a) de que forma?

Toca	F	A	N
Abraça	F	A	N
Beija	F	A	N
Diz que ama/ que quer bem	F	A	N
Dando presentes	F	A	N
Conversando	F	A	N
Telefonando	F	A	N

Outros: _____

3) seu companheiro/companheira expressa carinho a você?

F	A	N
---	---	---

3. a) de que forma? (primeiro perguntar de forma genérica e depois perguntar cada um dos itens)

Toca	F	A	N
Abraça	F	A	N
Beija	F	A	N
Diz que ama/ que quer bem	F	A	N
Ajudando nas tarefas domésticas	F	A	N
Cuidando dos filhos	F	A	N
Fazendo brincadeiras	F	A	N
Conversando/falando de forma carinhosa	F	A	N
Cuidando dos pertences do cônjuge	F	A	N
Dando presentes	F	A	N
Elogiando	F	A	N
Agradando	F	A	N

Outros: _____

4) a comunicação/diálogo entre você e seu companheiro/a é adequada?

F	A	N
---	---	---

Porque?

Porque o casal conversa	SIM	NÃO
Porque o casal se entende	SIM	NÃO
Porque um busca ouvir a opinião do outro	SIM	NÃO
Porque cada cônjuge procura dizer o que pensa	SIM	NÃO
Porque o casal respeita as qualidades e defeitos um do outro	SIM	NÃO

Outros: _____

4. a) características da comunicação (perguntar cada um dos itens)

Você o(a) escuta	F	A	N
Ele(ela) o(a) escuta	F	A	N
Você pode falar	F	A	N
Você permite que ele(ela) fale	F	A	N
Você fala demais	F	A	N
Ele(ela) fala demais	F	A	N
Você deixa de falar algo que gostaria	F	A	N
Você consegue dizer ao seu cônjuge comportamentos que você gostaria que ele(ela) mudasse	F	A	N
Discutem assuntos delicados	F	A	N
Você consegue pedir algo a ele(ela)	F	A	N
Ele(ela) considera o que você pensa/ o que acha das coisas	F	A	N
Ele(ela) te faz calar falando alto	F	A	N
Você tem medo de pedir alto a ele(ela)	F	A	N
Você se sente a vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos	F	A	N
Vocês conversam para tomar decisões/resolver problemas	F	A	N
Você considera que o que você acha é sempre certo	F	A	N
Você procura impor seu ponto de vista ao seu cônjuge	F	A	N
Ele(ela) procura impor o que pensa a você	F	A	N
Você pede a opinião de seu(sua) cônjuge	F	A	N
Vocês dividem tarefas em casa (tais como pagamento de contas, compras, atividades domésticas etc)	F	A	N

Outros: _____

5. a.) Seu parceiro(a) faz coisas que você gosta?

SIM	NÃO
-----	-----

b.) quais são elas e frequência?

Dá boa educação ao filho	F	A	N
É prestativo	F	A	N
É amoroso	F	A	N
Ajuda em momentos difíceis	F	A	N
Ouve	F	A	N
Ajuda nas tarefas domésticas	F	A	N
Convida para namorar	F	A	N

Outras: _____

Muda a aparência (roupa etc)	F	A	N
É caseiro	F	A	N
É companheiro	F	A	N
Passeia	F	A	N
Elogia	F	A	N
Cuida muito bem da organização da casa	F	A	N

5. c.) Na sua opinião, estas características positivas:

() são situacionais, podem mudar

() são permanentes

5. d.) Porque?

Porque a vida ensina	SIM	NÃO
Algumas características podem ser mudadas, mas outras não	SIM	NÃO
Nasceu com a pessoa e não vai mudar	SIM	NÃO
Porque sempre foi desde que conhece o cônjuge	SIM	NÃO
Não sei	SIM	NÃO

Outras: _____

6. a.) Há características em seu parceiro(a) que você não gosta?

SIM	NÃO
-----	-----

b.) Quais são elas e frequência?

Estas características:

() podem mudar com o tempo

() são permanentes, nascem com a pessoa e não podem ser alteradas

() podem mudar apenas em parte

6. c.) Porque?

Porque a vida ensina	SIM	NÃO
A religião prega que as pessoas podem mudar	SIM	NÃO
Nasceu com a pessoa e não vai mudar	SIM	NÃO
Porque o cônjuge esforça-se para mudar	SIM	NÃO
Não sei	SIM	NÃO

Outros: _____

7) Como você avalia sua relação conjugal?

Satisfatória	Regular	Insatisfatória
--------------	---------	----------------

7. a.) Porque?

O relacionamento é normal, tem brigas e carinhos	SIM	NÃO
O casal se dá bem	SIM	NÃO
O casal busca um ao outro	SIM	NÃO
O casal não tem conflitos	SIM	NÃO
O casal conversa	SIM	NÃO
O cônjuge é bom	SIM	NÃO
Nunca aconteceu nada grave	SIM	NÃO
Gosta do cônjuge	SIM	NÃO
O cônjuge é companheiro	SIM	NÃO
O cônjuge é carinhoso	SIM	NÃO
Relacionamento sexual satisfatório	SIM	NÃO
Há equilíbrio/harmonia/respeito entre o casal	SIM	NÃO
Não há autoritarismo do cônjuge	SIM	NÃO

Outros: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO PARA PAIS

Nome da pesquisa: Habilidades sociais educativas de pais e de mães e sua relação com indicadores de problemas de comportamento e de comportamentos socialmente adequados de filhos: Um estudo comparativo.

Pesquisadora responsável: Alessandra Turini Bolsoni Silva **CRP:** 06/57948-0

Informações dadas aos respondentes: Estamos realizando uma pesquisa com pais de crianças, na faixa etária de 5 a 6 anos de idade, estudantes de Escolas Municipais Infantis. Os pais, participantes desta pesquisa, responderão a um questionário, onde a pesquisadora fará as perguntas e anotará as respostas, abordando questões sobre o relacionamento pais-filhos, relacionamento conjugal e sobre comportamentos dos filhos. O instrumento será aplicado com ambos os pais separadamente. Esta pesquisa tem por objetivo encontrar relações entre a forma como os pais educam seus filhos e os comportamentos dos mesmos, além de buscar semelhanças e/ou diferenças na forma como o pai e a mãe educam seus filhos. Informamos que os pais não terão quaisquer despesas ao participarem desta pesquisa. Os pais têm liberdade de se recusar a participar, de não responder a alguma pergunta e de retirar seu consentimento, a qualquer momento, caso alguma coisa lhes desagrade, sem qualquer problema para eles. Esta pesquisa fornecerá informações importantes para futuras intervenções com pais e crianças e assim, os participantes estarão ajudando outros pais e crianças no futuro. Nós as pesquisadoras (eu e minha orientadora) estamos compromissadas com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa.

Eu _____, RG _____, abaixo assinado, estou ciente de que faço parte de uma amostra de pesquisa sobre relacionamento pais-filhos. Contribuirei com dados através das respostas aos questionários. Declaro estar ciente: a) do objetivo do projeto; b) da segurança de que não seremos identificados e de que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas com nossa privacidade e c) de ter a liberdade de recusar a participar da pesquisa.

Bauru, _____ de _____ de 2001

Assinatura do responsável

Nome do responsável

Assinatura da pesquisadora responsável

DESCRIÇÃO DO ESTUDO PILOTO

O piloto foi realizado com 8 pessoas, sendo 4 IPC (2 mães e 2 pais) e 4 ICSA (2 mães e 2 pais). A professora indicou 6 crianças, 3 IPC e 3 ICSA, porém uma criança IPC era filha de pais separados, sendo eliminada e uma criança ICSA os pais recusaram-se a participar, alegando falta de tempo.

O piloto atingiu os objetivos de: a) verificar se as indicações das professoras para problemas de comportamento ou não, estariam coerentes com os critérios da ECI; b) verificar se o instrumento de HSE-P coleta as informações pertinentes ao trabalho e c) indicar possíveis modificações para a melhoria dos instrumentos. Abaixo encontram-se os dados e algumas discussões referentes à coleta com a professora, em seguida o relato dos pais sobre os comportamentos dos filhos e finalmente o relato dos pais sobre os próprios comportamentos.

1. Coleta com professoras

As indicações das professoras foram coerentes com os critérios do ECI, como é visto na tabela abaixo.

Tabela 45. Avaliação da professora acerca dos repertórios socialmente adequado (ICSA) e indicativo de problemas de comportamento (ECI) das crianças indicadas como IPC e como ICSA.

	Escore ECI	Escore ICSA
GRUPO IPC	Criança 1: 26 ^(*)	Criança 1: 08
	Criança 2: 19	Criança 2: 30
	Criança 3: 32	Criança 3: 47
GRUPO ICSA	Criança 4: 05	Criança 4: 52
	Criança 5: 03	Criança 5: 39
	Criança 6: 06 ^(*)	Criança 6: 27

Obs. ^(*) Foram eliminados os sujeitos 1 (pais separados) e 6 (pais recusaram participar).

Na avaliação da professora, com exceção da criança 1 (IPC) todas as crianças apresentaram alto escore no ICSA, porém o escore da ECI foi bastante diferenciado para os grupos. Pelo critério da ECI as crianças 1, 2 e 3 teriam problemas de comportamento e, desta forma, parece que o procedimento de pedir para os professores indicarem os alunos parece eficaz à coleta de dados.

2. Coleta com os pais: Relato dos pais sobre os comportamentos dos filhos

Informações gerais

As duas crianças IPC (2 e 3) são meninos filhos únicos. As crianças ICSA são uma menina (4) filha única e um menino caçula (5) com três irmãos. A aplicação dos instrumentos (HSE-P, ECI e ICSA) com as mães ICSA, pais ICSA, mães IPC e pais IPC demorou, em

média, respectivamente 47.5', 40', 40'e 25'. Ao final das aplicações foi perguntado como os participantes sentiram-se no decorrer da entrevista, os quais disseram que sentiram-se bem e que gostaram de responder.

Tabela 46. Avaliação dos pais acerca dos repertórios socialmente adequado (ICSA) e indicativo de problemas de comportamento (ECI) das crianças indicadas como IPC e como ICSA.

	Escore ECI	Escore ICSA
GRUPO IPC	Criança 2: pai: 15 mãe: 20	Criança 2: pai: 33 mãe: 36
	Criança 3: pai: 22 mãe: 26	Criança 3: pai: 32 mãe: 33
GRUPO ICSA	Criança 4: pai: 21 mãe: 23	Criança 4: pai: 32 mãe: 29
	Criança 5: pai: 16 mãe: 05	Criança 5: pai: 36 mãe: 36

Como visto na Tabela 77, a coleta com os pais não mostrou grandes diferenças quanto aos comportamentos das crianças, pois somente a criança 5 apresentou escore ECI abaixo de 16 (ponto de corte ECI-pais), não tendo, problemas de comportamento, já os demais relatos apontam para altos escores e de forma semelhante entre IPC e ICSA.

Além disso com o piloto, é possível que algumas categorias referentes aos comportamentos dos filhos pudessem ser eliminadas, pelo fato de estarem repetitivas, como por exemplo no ICSA pergunta-se se o filho é obediente e no ECI, se é desobediente; outro exemplo no ICSA pergunta-se se a criança é querida pelos amigos e no ECI pergunta-se se a criança não é querida pelos amigos.

2. Coleta com os pais: Relato dos pais sobre os próprios comportamentos

Nesta seção os resultados são apresentados por categorias, de acordo com o instrumento de habilidades sociais educativas parentais.

Os códigos dos sujeitos são apresentados na Tabela 46

Tabela 47. Identificação dos sujeitos do piloto.

	Crianças indicadas	Códigos dos sujeitos
GRUPO IPC	Criança 2	Mãe: M2 Pai: P2
	Criança 3	Mãe: M3 Pai: P3
GRUPO ICSA	Criança 4	Mãe: M4 Pai: P4
	Criança 5	Mãe: M5 Pai: P5

COMPORTAMENTOS DO PAI/MÃE

	FA	N
1. Você mantém diálogo com seu filho(a)?	P2, P4, P5, M2, M3, M4, M5	P3

1. a) situações:

	F	A	N
Noite	M4, M5		
Passeio			
Sozinho com a criança	M4, M5		
Frente a perguntas e/ou pedidos	P4	P3	
Horário de refeições	M2		
TV	P2, P5, M2		

1. b) assuntos:

	F	A	N
Escola	M2		
Concepções de certo/errado	M3, M5		
Brincadeiras	M2		
Esporte	M2		
Amizades	M4		

Outros: religião – P4 (F), jogos de computador – M4 (F).

No piloto apareceram as subcategorias religião e jogos, que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
2. Você faz perguntas a seu filho(a)?		P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4	M5

2. a) assuntos:

	F	A	N
Escola		P3, P4, P5, M3, M4	
Opiniões do filho			

	F	A	N
Cuidados pessoais do filho			
Atividades do dia		P5, M2, M4	

Outros:

futebol – P2 (A)

TV – P2 (A)

religião – P4 (F)

quando o filho aparece com objetos que não lhe pertence – M2 (F)

amizades – M4 (A)

gostos da criança – M4 (A)

No piloto apareceram várias outras subcategorias, apontadas em outros, que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
3. Você expressa seus sentimentos a seu filho(a)?	P2, P5	P3, P4, M2, M3, M4	M5

3. a) tipos:

	F	A	N
Positivos	P2, P5, M4	P4, M2, M3, M5	
Negativos		P4, M2, M3, M4, M5	

3. b) de que forma:

	F	A	N
Falando	P2, P5, M2, M3, M4	M5	
Apenas pela expressão do rosto	M4		
Espontaneamente	M4		
Quando seu filho pergunta	P4		

Outros:

abraçando – P2 (F)

Agradando – P3 (A)

Dando presentes – P3 (A)

Ficando bravo – P4 (A)

Abraçando – P5 (F)

Brincando – M2 (A)

No piloto apareceram várias outras subcategorias, apontadas em outros, que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

3. c) situações:

	F	A	N
Quando seu filho faz algo errado		M4, M5	
Quando seu filho faz algo certo			
Quando você está triste		P4, M2, M3, M5	

	F	A	N
Quando você está brava			
Quando você está feliz	P2, M4	P3, P4, P5, M2, M3	

Outras: _____

O piloto permitiu identificar outras subcategorias para a letra b. Foi decidido identificar separadamente a forma como os sentimentos positivos e negativos são expressados.

	F	A	N
4. Você expressa suas opiniões a seu filho(a)?	P3, P4, M2, M3	P2, P5, M4, M5	

4. a) situações/assuntos:

	F	A	N		F	A	N
Refeições				Amizades			
Concepções de certo e errado	P3, P5, M2, M3, M4, M5	P2		TV			
Roupas							

Outras: religião – P4 (F)

Não respondeu - P5

Nesta questão surgiu uma nova subcategoria, que pôde ser acrescentada ao instrumento. Além disso, alertou para a importância de colocar a subcategoria ‘não respondeu’ nesta questão e nas demais.

	F	A	N
5. Você considera importante colocar limites a seu filho(a)?	P2, P3, P4, M2, M4, M5	P5, M3	

PORQUE?

Sujeitos	Respostas
P2	“se libertar demais, na hora de segurar não consegue”
P3	“ele é super peralta, precisa de freio”
P4	“não pode deixar a filha liberada”
P5	“precisa delinear os comportamentos”
M2	Não definiu
M3	“porque o filho passa do limite”
M4	“precisa existir algumas regras”
M5	“muita liberdade atrapalha, a filha acaba dominando com muita liberdade”

As respostas sugerem que os pais colocam limites para garantir que o filho seja bem educado, saiba concepções de certo e errado.

5. a) situações:

	F	A	N		F	A	N
Banho	P2			Responder para adultos			
TV	M2, M4			Interferir em conversas de adultos	M4		
Vídeo-game	M4			Estudo			
Brincadeiras	P2, P3, M4			Violência contra pessoas e/ou animais		M2, M3	
Comida	P3, M4			Mexer em objetos proibidos	M2	M3	
Birras				Dormir			
Quando faz barulho				Quando comporta-se mal na frente de visistas ou de estranhos		P5	
Mentiras				Quando faz xixi na cama			

Outras:

concepções de certo e errado – P4 (F)

Quando o filho fala alto – M3 (A)

Passeios/ ficar na casa de outros – M4, M5 (F)

Pedidos de presentes – M5 (F)

5. b) o que você faz para colocar limites?

	F	A	N
Diz não	M4		
Dá bronca/chama atenção/grita/ fica bravo			
Ameaça	P3, P4, M5	P2, M2, M3	
Bate		P3	P2, P4
Coloca de castigo	P4, M4	M2, M3	
Conversa/pede	P4, M2, M4, M5	P5	
Diz que Deus castigará			
Diz que é uma criança má/ruim			

Outros: Escreve o que pode e o que não pode fazer – M4 (F)

5. c) como você se sente após o limite?

	F	A	N
Sente-se bem, feliz	P2, P4, P5, M4, M5	M2	
Sente-se mal, triste, culpado	P3, M3		
Não sei identificar			

5. d) como seu filho reage ao limite?

	F	A	N
Obedece	P3, P4, M2, M4	M5	
Faz birras/fica bravo/agitado	P2, P3, M2, M4, M5	P5	
Chora	M2, M4		

Outros: Pergunta o porquê do limite – P2 (F)

	F	A	N
Ignora			
Demonstra medo			
Pede desculpas			

Agrada a mãe/beija – M3 (F)

O piloto novamente indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

6. a) Quando você promete algo a seu filho(a), você cumpre a promessa?

	F	A	N
	P3, M2, M5	P2, P4, P5, M3, M4	

6. b) Você encontra dificuldades para cumprir as promessas?

	F	A	N
		P2, P4, P5, M4	P3, M2, M3, M5

Quais são estas dificuldades?

Cumprir ameaças – P2, M4

Presentes – P5

Situações de passeio – P4

Nesta questão, decidiu-se fechar o instrumento quanto às dificuldades, colocando as categorias indicadas pelos sujeitos.

7. para seu filho ser bem educado, o que ele precisa ter?

	SIM	NÃO
Ter estudo		
Ter respeito por pessoas e animais		
Ser comportado/educado	P4	
Realizar cuidados pessoais (p. ex. escovar dentes, tomar banho)		
Cuidar de animais domésticos		
Cuidar de objetos pessoais (p. ex. roupas, materiais escolares)		
Fazer brincadeiras		
Ser curioso		
Ser bem humorado		
Fazer tudo o que os pais acham certo		

Outros:

Ter responsabilidade – P2

Ter sinceridade – P2

Ter boa índole – P2

Ser obediente – P3

Ter amor da família/carinho – P5, M3

Ter presentes – P5

Ter os pais como exemplo de bons comportamentos – P4

Explicar sempre o porquê – P4

Ter educação dos pais – M2

Os pais não discutirem na frente da criança – M2

Não oferecer algo em troca de bons comportamentos – M2

Na questão 7 parte dos pais responderam falando de características comportamentais dos filhos e outros responderam atentando para o ambiente em que a criança vive (pais como exemplos, explicar o porquê, pais não discutirem, dar carinhos, presentes etc). Tais categorias foram acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
8. Você e seu cônjuge se entendem quanto a forma de educar seu filho(a)?	P3, P5, M3, M4	P2, P4, M2, M5	

8. a) porque vocês concordam? F A N 8. b) porque vocês não concordam? F A

Porque conversam para tomar decisões em relação ao filho		P4, M5		Porque o cônjuge é agressivo(a)		P2, M3, M5	
Porque quando um dos cônjuges chama atenção, o outro respeita	P3			Porque vocês pensam muito diferente		P2, P4, M2	

Outros:

Quando a esposa conversa com o filho, ao invés de bater – P2 - Concordância

Têm as mesmas opiniões – M5 - Concordância

Não respondeu quanto à concordância – M2, M3

Pensam de forma parecida, mas algumas vezes a esposa age diferente do costume – P4 - Discordância

8. c.) quando você não concorda com alguma coisa, o que faz?	F	A	N
Conversa na frente do filho	P2, P4	M2, M3	
Conversa na ausência do filho		P5	
Não fala nada	M5		
Briga com o cônjuge na frente do filho		M3	
Briga com o cônjuge na ausência do filho		M2	
Entra em acordo			

Outros:

Na questão 8 aparecem novas subcategorias que puderam ser acrescentadas. Além disso, verificou-se a necessidade de deixar um espaço próprio para 8a e para 8b, para não confundir as respostas.

9. Como você avalia a sua participação e a de seu (sua) cônjuge com relação à educação de seu filho(a)?

Mãe participa mais	Pai participa mais	Ambos participam igual
P2, P3, P4, P5, M2, M5		M3, M4

	F	A	N
10. Seu filho(a) faz coisas que você gosta?	P2, P3, P4, P5, M2, M4	M3, M5	

10. a) o que ele faz que você gosta? 10. b) quando ele faz algo legal, o que você sente?

	F	A	N
É amoroso/carinhoso	P2, P5, M2, M3, M4		
É estudioso	P3, M2, M4		
É educado	M3		
É obediente	P2, P4, M4		
Procura ajudar	M2		
É independente			
Cuida de animais			
Cuida de próprios objetos			
Faz brincadeiras			
Aprende a ler coisas novas			

Outros:

Não briga – P4 (F)

Tem bom relacionamento com os irmãos – P4 (F)

	F	A	N
Admiração			
Orgulho			
Contentamento/ felicidade	P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4, M5		
Tristeza			
Nada			

Cumprimenta pessoas – M3 (F)

É companheiro – M5 (F)

O piloto novamente indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

10. c) quando seu filho faz algo legal, o que você faz?	F	A	N
não faz nada		P3	
Fica tímido, com vergonha			
Demonstra contentamento apenas com a expressão do rosto (sorriso, etc)	M3		
Demonstra contentamento falando algo para o filho (elogio, etc)	M2, M4	P3	
Beija/ abraça	P2, M2, M4, M5		

Outros:

Passeia – P4 (A)

Brinca – P5 (F)

Joga bola – P4 (F)

Vai à igreja – P4 (F)

Na questão 10 também apareceram subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento

11. você demonstra carinho ao seu filho?	F	A	N
	P2, P4, P5, M2, M3, M4, M5	P3	

11. a) o que você faz para demonstrar carinho?	F	A	N
Diz que o ama	M4		
Beija/ abraça	P2, P4, P5, M2, M4, M5	P3	
Toca a criança		P3	
Brinca com a criança	P5, M4, M5		
Faz leituras para a criança			
Ajuda a criança a resolver seus problemas			
Permite que a criança fale sobre as coisas que a estão incomodando			
Você planeja surpresas para seu filho (festas, presentes etc)			

Outros:

Ajuda a fazer lições (F) – P5

Elogia (F) – M2

Aperta a bochecha fortemente (F) – M3 (mas o filho se queixa que a mãe dá mais atenção para a cachorra)

Ficando perto (F) – M5

11. b) quando você demonstra carinho pelo seu filho, como ele reage?	F	A	N
Ignora, não faz nada			
Fica tímido, com vergonha			
Demonstra contentamento com a expressão do rosto (sorriso, etc)	P5, M3		
Demonstra contentamento falando algo (elogio, agradecimento etc)	P5, M2, M3, M4	P3	
Beija/ abraça	P2, P4, M2, M4, M5	P3	

Outros:

Esta questão parece adequada quando às subcategorias, não aparecendo outras.

12. você brinca com seu filho?	F	A	N
	P4, P5, M5	P2, P3, M2, M3, M4	

12. a) que brincadeiras você faz com seu filho?	F	A	N
Brincadeiras de colorir			
Brincadeiras de pintar			
Jogos (montar, encaixar, baralho etc)	P5	P2, P3, M3	
Jogos esportivos (futebol, bicicleta etc)	P4	P2, M2	

Outros:

Vídeo game (A) – P2

Jogos de casinha, boneca, ler juntos, dançar (F) – M5

O piloto novamente indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
13. seu filho faz perguntas sobre sexo (de onde vêm os bebês, por ex.)		M2, M3, M5	P2, P3, P4, P5, M4

M3 contou que o filho diz “vamos tirar a roupa, beijar de língua, fazer amor, deita aqui no sofá”.

Este exemplo levou ao acréscimo de tipo de pergunta sobre sexo.

13. a) quando seu filho faz questões sobre sexo, o que você faz?	F	A	N
Ignora, não faz nada			
Fica tímido, com vergonha			
Responde explicando a verdade		M5	
Usa livros que exemplificam com figuras			
Responde explicando com falsas verdades, por ex. cegonha, abóbora		M2	
Chama pelo cônjuge			
Pede para a criança perguntar ao outro cônjuge			P5
Pede para a criança perguntar ao professor			

Outros: fica brava (A) – M3

Foi acrescentada esta subcategoria ao instrumento.

	F	A	N
14. acontece de você fazer algo em relação a seu filho e sentir como errado?		P3, P4, M2, M3, M4, M5	P2, P5

Dê exemplos destas situações:

quando grita em exagero – P3

quando bate – P4, P5, M3

quando fica brava, quando tira brinquedos do filho – M2

quando dá bronca por algo que o filho não fez – M4, M5

A partir do piloto, decidiu-se fechar a questão às situações, valendo-se dos exemplos dados pelos pais.

14. a) se você percebeu que agiu errado, o que você faz?	F	A	N
Não faz nada	P3, M3		P5
Pede desculpas		M4, M5	
Conversa com o filho			
Agrada o filho		M2	

Outros: procura se aproximar, mas não diz nada (A) – P4

Esta subcategoria foi acrescentada.

15. como você avalia o relacionamento com os irmãos?	bom	ruim	nem bom nem ruim
--	-----	------	------------------

Não tem irmãos – crianças 2, 3, 5

P4 considera o relacionamento com os irmãos bom

16. Durante o dia quanto tempo, mais ou menos, você fica com seu filho(a)?

à noite e fins de semana – P2, P3

2h/dia e fins de semana – P4

6h/dia e fins de semana – P5

à tarde e à noite e fins de semana – M2, M3, M4

3h/dia e fins de semana – M5

RELACIONAMENTO CONJUGAL

Nas questões 1, 4, 5.a. e 6.c. a entrevistadora primeiramente faz as perguntas e anota as respostas e em seguida pede a avaliação de cada um dos itens.

Como você define seu companheiro/companheira.

	F	A	N
Controlador	P2, P4, P5	M2, M3, M4	P3, M5
Egoísta			P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4, M5
Sensato	M4	P3, P4, M2, M3, M5	P2, P5
Insensível			P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4, M5
Amável	P2, P4, P5, M2, M4	P3, M5	M3
Confiável	P2, P3, P4, P5, M2, M4, M5		M3
Confidente	P5, M2, M4	P2, P3, P4, M3, M5	
Ingrato			P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4, M5
Rebelde		P4	P2, P3, P5, M2, M3, M4, M5
Companheiro	P2, P3, P4, P5, M2, M4, M5	M3	
Carinhoso	P4, P5, M2, M4	P2, P3, M3, M5	
Compreensivo	P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4, M5		

Outros:

Crítico (F) – P2

(A) – P4, M2, M4

Sincero (F) – P2, P3

Inteligente – P5

Simpática – P5

Gosta de conversar – P5

Bom (F) – M2, M5

Simples – M5

O piloto novamente indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
2) você manifesta carinho ao companheiro/companheiro?	P5, M2	P2, P3, P4, M3, M4, M5	

2. a) de que forma?

	F	A	N
Toca		P3	
Abrça	P5	P2, M4, M5	
Beija		P2, M4	
Diz que ama/ que quer bem		P3, P4, M4	

Outros:

Dando presentes (F) – M2 e Conversando (A) – M3

Tais subcategorias foram acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
3) seu companheiro/companheira expressa carinho a você?	P4, P5, M2, M4	P2, P3, M3, M5	

3. a) de que forma?

	F	A	N
Toca		P3	
Abrça		P2	
Beija		P2	
Diz que ama/ que quer bem	M4	P3, P4,	

Outros:

Ajudando nas tarefas domésticas (A) – P4

(F) – M2, M4

Fazendo brincadeiras (A) – P5

Conversando (F) – P5

Cuidando dos filhos (F) – P4, M4

Cuidando dos pertences do marido (F) – P4

Dando presentes (A) – M2, M3

Elogia a comida (F) – M4

O piloto novamente indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

	F	A	N
4) a comunicação/diálogo entre você e seu companheiro/a é adequada?	P4, P5, M3, M4	P2, P3, M2, M5	

Nesta questão percebeu-se a necessidade de perguntar o porquê.

4. a) características da comunicação	F	A	N
Você o(a) escuta	P2, P3, P5, M4	P4, M2, M3, M5	
Ele(ela) o(a) escuta	P2, P3, P4, P5, M4	M2, M5	M3
Você pode falar	P2, P5, M2, M3, M4	P3, P4, M5	
Você permite que ele(ela) fale	P2, P3, P5, M2, M3, M4	P4, M5	
Você fala demais	P3, P4, P5, M4	M2	P2, M3, M5
Ele(ela) fala demais	P4, P5	M4, M5	P2, P3, M2, M3
Você deixa de falar algo que gostaria	P5, M5	P2, P4, M3, M4	P3, M2
Você consegue dizer ao seu cônjuge comportamentos que você gostaria que ele(ela) mudasse	P2, P5	P4, P4, M2, M3, M4, M5	P3, P5
Discutem assuntos delicados	P2, M5	P4, P5, M2, M3	P3, M4
Você consegue pedir algo a ele(ela)	P2, P3, P4, P5, M4	M2, M3, M5	
Ele(ela) considera o que você pensa/ o que acha das coisas	P2, M4	P3, P4, P5, M2, M5	M3
Ele(ela) te faz calar falando alto	P2, M4, M5	P5, M2	P3, P4, M3
Você tem medo de pedir alto a ele(ela)		M5	P2, P3, P4, P5, M2, M3, M4
Você se sente a vontade para falar de seus verdadeiros sentimentos	P4	P2, P3, P5, M2, M5	M3, M4
Vocês conversam para tomar decisões/resolver problemas	P2, P3, P4, P5, M2, M4, M5	M3	
Você considera que o que você acha é sempre certo	M3, M4, M5	P2, P4, P5	P3, M2
Você procura impor seu ponto de vista ao seu cônjuge	P2, P5	P3, P4, M2, M3, M4, M5	
Ele(ela) impõe o que pensa, sem discutir com você	P2, P5, M3, M4, M5	P3, P4, M2	
Você pede a opinião de seu(sua) cônjuge	P2, M5	P3, P4, P5, M2	M3, M4
Você resolve o problema como julgar ser a melhor forma	P5, M4	P2, P4, M2, M3, M5	P3
Vocês dividem tarefas em casa (tais como pagamento de contas, compras, atividades domésticas etc)	P2, P5	P4, M2, M3, M4, M5	P3

Nesta questão decidiu-se retirar “outros”, pois os pais não conseguem identificar, conseguem explicar o porquê de ser adequada ou não, mas não conseguem sozinhos dar características da comunicação.

Pareceu adequado eliminar a subcategoria “ele fala menos do que o necessário para haver compreensão” e “você tem medo de pedir alto a ele(ela)”, pois os pais não entendiam a questão.

a.) Na sua opinião, as características que você não gosta em seu parceiro(a):
(P2, P3, P4) podem mudar com o tempo
(M3, M5) são permanentes, nascem com a pessoa e não podem ser alteradas
(P5, M2) podem mudar apenas em parte

Não existe características de que não gosta - M4

Com o piloto, percebeu-se a necessidade de primeiramente perguntar se há características que não gosta no cônjuge.

5. b.) Porque?

Porque a vida ensina – P2, P3

Porque a religião prega – P4

Não respondeu – P5, M2

Porque o cônjuge “é cabeçudo” – M3

Nasceu com ele e não vai mudar – M5

O piloto indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

6. a.) Seu parceiro(a) faz coisas que você gosta?

SIM	NÃO
P2, P3, M2, M4, M5	M3

6. b.) Se sim, com qual frequência

F	A	N
P2, P3, P4, M2, M4, M5	P5	

c.) quais são elas?

Dá boa educação ao filho – P2, P3

Prestativo – P3

Amoroso - P3, M2, M4

Muda a aparência (cabelo, roupa) – P5

Caseiro – M2, M5

Companheiro – M2

Ajuda em momentos difíceis – M2, M4, M5

Passeia, ouve, elogia – M4

O piloto novamente indicou algumas subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

6. d.) Na sua opinião, estas características positivas:

() são instáveis, situacionais

() podem permanecer com o tempo (este subitem estava sobreposto com o primeiro, então foi substituído por “podem mudar apenas em parte”, ficando igual ao à questão 5.a.)

(P3, P4, M2, M5) são permanentes, nascem com a pessoa e não podem ser alteradas

(P2, P5, M4) podem mudar apenas em parte

6. e.) Porque?

Porque a vida ensina – P2

Faz parte do interior, nasceu com a pessoa e não se pode mudar – P3, M2

Algumas características nascem e não podem ser mudadas, mas outras podem ser mudadas – P4

Não respondeu – M4, M5

7) Como você avalia sua relação conjugal?

Satisfatória	Regular	Insatisfatória
P2, P3, P4, P5, M2, M4	M3, M5	

a.) Porque?

porque o relacionamento é normal, com brigas e carinhos – P2

porque o casal se dá bem – P3

porque o casal busca um ao outro – P4

porque o casal não tem conflitos – P5

porque o marido é bom, gosta dele, nunca aconteceu nada grave – M2

porque o marido não pensa muito na casa, “são muitas coisas” – M3 (M3 não quis especificar)

porque o marido é carinhoso, bom, está bem financeiramente – M4

relacionamento sexual pouco frequente – M5

O piloto indicou tais subcategorias que puderam ser acrescentadas ao instrumento.

DADOS DEMOGRÁFICOS

() pai () mãe

Idade:

28 – P2

49 – P3

42 – P4

39 – P5

24 – M2

39 – M3

37 – M4

36 – M5

Grau de instrução:

() 1º grau incompleto

(P5, M3) 1º grau completo

(P2, P3, P4, M4) 2º grau incompleto

(M2) 2º grau completo

(M5) 3º grau incompleto

() 3º grau completo

Estado civil:

() casado (todos os participantes)

Profissão:

Comerciante – P2

Técnico de laboratório – P3

Protético – P4

Motorista – P5

Do lar – M2, M3, M4

Escrevente – M5

Empregado: (P2, P3, P4, P5, M5) sim (M2, M3, M4) não

Trabalha fora (P2, P3, P4, P5, M5) sim (M2, M3, M4) não
Se sim:

(P2, P3, P4, P5, M5) dia todo () manhã () tarde () noite

A sua renda familiar situa-se entre:

() de R\$ 4.600,00 a R\$ 5.000,00

() de R\$ 4.100,00 a R\$ 4.500,00

(P4) de R\$ 3.600,00 a R\$ 4.000,00

() de R\$ 3.100,00 a R\$ 3.500,00

() de R\$ 2.600,00 a R\$ 3.000,00

(M4) de R\$ 2.100,00 a R\$ 2.500,00

(P5, M5) de R\$ 1.600,00 a R\$ 2.000,00

(P3) de R\$ 1.100,00 a R\$ 1.500,00

(P2, M2, M3) de R\$ 600,00 a R\$ 1.000,00

() de R\$ 100,00 a R\$ 500,00

TOTALIDADE DE CATEGORIAS DE ESPECIFICIDADES DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS

Tabela 48. Frequência de aparecimento de cada subitem quanto às situações, assuntos da categoria *manter diálogo*, organizada por Grupos.

Situações/Assuntos de <i>manter diálogo</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Noite	2	2	1	1	3	3	4	2
Passeio	0	0	1	1	1	1	0	2
Sozinho com a criança	0	2	1	0	1	2	2	1
Frente à perguntas/pedidos	1	4	5	6	6	10	5	11
Quando o filho fica isolado	1	0	0	0	1	0	1	0
Horário de refeições	1	1	1	1	2	2	2	2
Televisão	2	4	8	7	10	11	6	15
Jogos computador/vídeo game	1	1	1	2	2	3	2	3
Brincadeiras	7	5	10	3	17	8	12	13
Escola/estudo	11	11	10	13	21	24	22	23
Concepções de certo/errado	6	15	8	16	14	31	21	24
Pescaria	1	0	0	0	1	0	1	0
Moto/carro	1	0	0	0	1	0	1	0
Esporte	2	0	1	0	3	0	2	1
Música	0	0	0	1	0	1	0	1
O que quer ser quando crescer	1	1	0	0	1	1	2	0
Namoro	0	1	0	0	0	1	1	0
Morte	0	0	0	1	0	1	0	1
Religião	4	4	1	7	5	11	8	8
Trabalho do pai	2	0	1	0	3	0	2	1
Atividades do dia	0	1	5	2	5	3	1	7
Medos da criança	0	0	1	0	1	0	0	1
Perigos (rua/drogas, por ex)	0	3	1	3	1	6	3	4
Relacionamentos interpessoais	3	7	3	6	6	13	10	9
TOTAL	46	62	59	70	105	132	108	129
Não soube identificar	3	0	0	0				

Tabela 49. Frequência de aparecimento de cada subitem quanto à assuntos da categoria *fazer perguntas*, organizada por Grupos.

Assuntos de <i>fazer perguntas</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Escola	14	22	16	20	30	42	36	36
Futebol	1	0	0	0	1	0	1	0
TV	2	2	1	3	3	5	4	4
Brincadeiras	2	0	0	1	2	1	2	1
Passeios	0	0	0	1	0	1	0	1
Sentimentos/dores	2	3	2	3	4	6	5	5
Cuidados pessoais do filho	3	1	1	4	4	5	4	5
Atividades do dia	10	13	12	15	22	28	23	27
Se foi obediente durante o dia	2	0	3	0	5	0	2	3
Gostos da criança	2	3	4	4	6	7	5	8
Opiniões do filho	1	2	0	1	1	3	3	1
Relacionamentos interpessoais	8	7	7	7	15	14	15	14
Assuntos que ouve de pessoas	0	0	0	1	0	1	0	1
Perigos (ex abuso sexual, drogas/bebidas)	1	1	0	0	1	1	2	0
O que quer ser quando crescer	1	0	1	0	2	0	1	1
Namoro	2	0	1	0	3	0	2	1
Religião	0	1	0	2	0	3	1	2
TOTAL	51	55	48	62	99	117	106	110
Não soube identificar	0	0	1	0				

Tabela 50. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *expressar sentimentos positivos*, organizada por Grupos.

Assuntos de <i>expressar sentimentos positivos</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Só pela expressão do rosto	2	1	4	2	6	3	3	6
Falando/conversando	11	12	11	17	22	29	23	28
Abraçando/beijando	7	16	8	13	15	29	23	21
Agradando/fazendo carinhos	2	8	2	7	4	15	10	9
Dando presentes	0	0	0	1	0	1	0	1
Brincando/jogando/nadando dançando/passeando	11	3	6	4	17	7	14	10
Quando seu filho pergunta	0	0	1	1	1	1	0	2
Assistindo filme/TV	1	0	0	0	1	0	1	0
Elogios	0	1	1	3	1	4	1	4
TOTAL	34	41	33	48	67	89	75	81

Tabela 51. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *expressar sentimentos negativos*, organizada por Grupos.

Assuntos de <i>expressar sentimentos negativos</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Só pela expressão do rosto	3	9	3	3	6	12	12	6
Falando/conversando	5	2	5	10	10	12	7	15
Ficando bravo/gritando	3	6	2	6	5	12	9	8
Batendo	2	1	1	2	3	3	3	3
Ameaçando	1	1	0	1	1	2	2	1
Quando o filho pergunta	1	1	1	2	2	3	2	3
Chorando	1	2	0	1	1	3	3	1
TOTAL	16	22	12	25	28	47	38	37

Tabela 52. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *expressar opiniões*, organizada por Grupos.

Assuntos de <i>expressar opiniões</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Concepções de certo e errado	11	12	13	12	24	24	23	25
Refeições	1	1	2	2	3	3	2	4
Horários (dormir, escola, banho)	0	0	1	1	1	1	0	2
Escola/estudo	2	3		4	2	7	5	4
Frente a pedidos/perguntas	1	0	1	4	2	4	1	5
Perigos (rua, drogas etc.)	0	0	0	3	0	3	0	3
Explicação do “limite”	0	0	1	0	1	0	0	1
Roupas, cabelo (estética)	1	3	2	9	3	12	4	11
Relacionamentos interpessoais	3	7	3	6	6	13	10	9
TV	2	1	2	6	4	7	3	8
Religião	2	4	4	3	6	7	6	7
Esportes (por ex. futebol)	1	0	1	0	2	0	1	1
O que quer ser quando crescer	1	0	0	0	1	0	1	0
Assuntos dos familiares (por ex. trabalho, tipo de moradia)	1	1	2	0	3	1	2	2
Tipos de presentes	0	1	0	0	0	1	1	0
Diferenças homem e mulher	0	0	1	0	1	0	0	1
Brincadeiras	0	0	1	0	1	0	0	1
Atualidades	0	0	1	0	1	0	0	1
TOTAL	26	33	35	50	61	83	59	85
Não soube identificar	1	3	1	0				

Tabela 53. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *motivos para estabelecer limites*, organizada por Grupos.

<i>Motivos para estabelecer limites</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Para orientar/ ensinar o que é certo e errado	11	13	13	13	24	26	24	26
Porque se não colocar limites, os pais perdem o controle	8	12	8	10	16	22	20	18
Porque a liberdade de um vai até onde começa a do próximo	3	2	4	5	7	7	5	9
Para que o filho aprenda a ter responsabilidades	2	4	3	2	5	6	6	5
Tudo tem limites	5	3	3	4	8	7	8	7
É necessário para o crescimento	0	0	2	0	2	0	0	2
Para evitar que se machuque	0	0	2	0	2	0	0	2
Para ter respeito	0	1	0	0	0	1	1	0
Muito limite prejudica ver o mundo	0	1	0	0	0	1	1	0
TOTAL	29	36	35	34	64	70	65	69

Tabela 54. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *situações de estabelecer limites*, organizada por Grupos.

<i>Situações de estabelecer limites</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Cuidados pessoais (banho, dentes, roupas, maquiagem)	3	4	6	4	9	8	7	10
TV, vídeo, vídeo-game	3	8	6	10	9	18	11	16
Horários (escola, dormir)	0	4	2	9	2	13	4	11
Brincadeiras (bicicleta, rua)	8	10	8	11	16	21	18	19
Comida	1	5	3	7	4	12	6	10
Birras	0	2	3	0	3	2	2	3
Quando faz barulho/bagunça	6	7	3	1	9	8	13	4
Mentiras	4	0	0	0	4	0	4	0
Sit. Passeios/ficar casa de outros	4	3	3	3	7	6	7	6
Responder para adultos	3	0	3	2	6	2	3	5
Interferir em conversas adultos	1	2	3	0	4	2	3	3
Estudo/escola	1	2	5	7	6	9	3	12
Violência pessoas e/ou animais	3	1	1	0	4	1	4	1
Mexer em objetos proibidos	1	1	1	0	2	1	2	1
Quando comporta-se mal na frente de visitas ou de estranhos	2	0	2	3	4	3	2	5
Quando o filho fala alto	1	1	1	0	2	1	2	1
Pedidos (presentes, dormir - pais)	3	1	2	6	5	7	4	8
Relacionamentos interpessoais	3	2	4	2	7	4	5	6
Desobediência	1	2	2	1	3	2	3	2
Sit. perigo (rua, nadar, bicicleta)	2	2	3	0	5	2	4	3
Regras de religião/culturais (p. ex. pedir bênção)	0	1	3	0	3	1	1	3
Quando fica sozinho	0	1	0	0	0	1	1	0
Quando o filho fala “palavras erradas”	0	0	0	0	0	0	0	0
Resposta vaga “situações necessárias”	0	1	0	0	0	1	1	0
TOTAL	50	60	64	66	114	126	110	130
Não soube identificar	2	0	0	0				

Tabela 55. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos parentais para estabelecer limites*, organizada por Grupos.

<i>Comportamentos parentais para estabelecer limites</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Categorias “positivas”								
Diz não	5	7	6	3	11	10	12	9
Conversa/pede	14	14	17	20	31	34	28	37
Coloca de castigo	5	6	4	4	9	10	11	8
Retira privilégios	0	1	0	2	0	3	1	2
TOTAL	24	28	27	29	51	57	52	56
Categorias “negativas”								
Dá bronca/chama atenção/grita/ fica bravo/ameaça	8	7	7	8	15	15	15	15
Bate	4	6	2	4	6	10	10	6
Diz que Deus castigará	1	1	0	1	1	2	2	1
Diz que é uma criança má/ruim	0	0	0	0	0	0	0	0
Volta atrás no limite	1	1	0	0	1	1	2	0
Faz chantagem	0	1	0	0	0	1	1	0
Olha feio	0	0	0	1	0	1	0	1
Puxa orelha	0	0	0	1	0	1	0	1
TOTAL	14	16	9	15	23	31	30	24

Tabela 56. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *sentimentos parentais após estabelecer limites*, organizada por Grupos.

<i>Sentimentos parentais após estabelecer limites</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Sente-se bem, feliz	6	13	11	13	17	26	19	24
Sente-se mal, triste, culpado, dó	12	12	9	11	21	23	24	20
Não sei identificar	6	2	0	1	6	3	8	1
Resposta vaga “normal”	1	2	4	1	5	3	3	5

Tabela 57. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos dos filhos após o estabelecer limites*, organizada por Grupos.

<i>Comportamentos dos filhos após o estabelecer limites</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Obedece	16	13	15	16	31	29	29	31
Pergunta o porquê do limite	1	1	2	3	3	4	2	5
Pede desculpas	0	1	0	0	0	1	1	0
Agrada/beija/fica mais dócil	2	2	0	0	2	2	4	0
Conversa com os pais	0	1	0	0	0	1	1	0
Faz birra/fica bravo/agitado/ responde/reclama/cara feia	11	11	10	14	21	25	22	24
Chora/fica triste/vai dormir/fica quieto	5	6	5	6	10	12	11	11
Ignora/dá risada	2	2	2	1	4	3	4	3
Demonstra medo/constrangimento	0	0	2	0	2	0	0	2
Diz que não gosta dos pais	0	1	0	0	0	1	1	0
Diz que os pais gostam mais do irmão	0	1	0	0	0	1	1	0

Tabela 58. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *dificuldades parentais diante do cumprir promessas*, organizada por Grupos.

<i>Dificuldades parentais diante do cumprir promessas</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Cumprir ameaças	2	5	0	6	2	11	7	6
Situações de passeio	4	2	3	0	7	2	6	3
Presentes	5	4	5	8	10	12	9	13
De ordem financeira	6	8	3	0	9	8	14	3
Falta de tempo	2	0	2	1	4	1	2	3
Resposta vaga “ficar na rua”	0	1	0	0	0	1	1	0

Tabela 59. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos parentais frente ao não cumprimento de promessas*, organizada por Grupos.

<i>Comportamentos parentais diante do não cumprimento de promessas</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Conversa/negocia	10	14	7	7	17	21	24	14
Fica bravo	0	1	0	0	0	1	1	0
Compra a prestações	1	0	0	0	1	0	1	0
Não faz nada	2	1	3	3	5	4	3	6
Pede indiretamente para os parentes ajudarem	0	0	0	1	0	1	0	1

Tabela 60. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *concordância parental quanto à educação de filhos*, organizada por Grupos.

<i>Concordância parental quanto à educação dos filhos</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Porque conversam para tomar decisões em relação ao filho	5	7	10	12	15	19	12	22
Porque quando um dos cônjuges chama atenção, o outro respeita	7	7	7	8	14	15	14	15
Os pais precisam ter consistência na educação dos filhos	1	0	0	0	1	0	1	0
Quando o cônjuge conversa ao invés de bater	0	0	1	1	1	1	0	2
Tem as mesmas opiniões	6	4	8	5	14	9	10	13
Pai omite-se na resolução de problemas, deixa para a mãe	0	0	1	0	1	0	0	1
Não sei identificar	3	6	3	3	6	9	9	6

Tabela 61. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *não concordância parental quanto à educação de filhos*, organizada por Grupos.

<i>Não concordância parental quanto à educação dos filhos</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Porque o cônjuge é agressivo(a)	1	2	1	0	3	5	3	1
Porque vocês pensam, agem muito diferentes quanto à educação dos filhos	7	14	4	8	11	22	21	12
Não sei identificar	3	1	0	0	3	1	4	0

Tabela 62. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos parentais frente à discordância quanto à educação de filhos*, organizada por Grupos.

<i>Comportamentos parentais frente à discordância</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Conversa na frente do filho	4	6	2	2	6	8	10	4
Conversa na ausência do filho	6	10	0	4	6	14	16	4
Não fala nada	2	5	3	1	5	6	7	4
Briga com o cônjuge na frente do filho	2	2	1	1	3	3	4	2
Briga com o cônjuge na ausência do filho	0	3	0	1	0	4	3	1
Entra em acordo	0	1	0	0	0	1	1	0

Tabela 63. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *discriminação de comportamentos adequados de filhos*, organizada por Grupos.

<i>Relato dos pais sobre comportamentos adequados dos filhos</i>	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
<i>Categorias pouco específicas</i>								
É educado	3	3	5	5	8	8	6	10
É obediente	9	2	5	10	14	12	11	15
É responsável	0	0	0	3	0	3	0	3
É organizado	0	0	0	1	0	1	0	1
Interessado	1	0	0	0	1	0	1	0
É independente	0	1	0	1	0	2	1	1
SOMA	<i>13</i>	<i>6</i>	<i>10</i>	<i>20</i>	<i>23</i>	<i>26</i>	<i>19</i>	<i>30</i>
Categorias académicas								
É estudioso	6	6	8	8	14	14	12	16
Aprende coisas novas	1	4	0	0	1	4	5	0
É inteligente	0	0	0	1	0	1	0	1
SOMA	<i>7</i>	<i>10</i>	<i>8</i>	<i>9</i>	<i>15</i>	<i>19</i>	<i>17</i>	<i>17</i>
<i>Cuidados pessoais</i>								
Arruma-se, alimenta-se, é vaidoso, cuidar de próprios objetos	0	1	2	3	2	4	1	5
<i>Atividades de lazer</i>								
Gosta de pintar	0	0	0	1	0	1	0	1
Gosta de brincar de lego	0	0	0	1	0	1	0	1
Joga futebol, solta pipa	1	0	0	0	1	0	1	0
Dança/ canta	0	2	0	1	0	3	2	1
Assistir TV	0	1	0	0	0	1	1	0
Gosta de música	0	0	1	0	1	0	0	1
SOMA	<i>1</i>	<i>3</i>	<i>1</i>	<i>3</i>	<i>2</i>	<i>6</i>	<i>4</i>	<i>4</i>
Relacionamento interpessoal								
É amoroso/carinhoso/sorri/ é alegre	9	12	20	14	29	26	21	34
Não briga	0	0	2	1	2	1	0	3
Tem bom relacionamento com irmãos	0	1	0	0	0	1	1	0
Cumprimenta pessoas	0	0	1	0	1	0	0	1
É companheiro	4	2	5	2	9	4	6	7
Procura ajudar	6	10	8	5	14	15	16	13
Relata atividades do dia	0	0	1	3	1	3	0	4
Conversa	1	3	3	0	4	3	4	3
É amigo	0	0	0	1	0	1	0	1
Tem iniciativas	1	2	1	2	2	4	3	3
Mostra trabalhos escolares	1	0	0	0	1	0	1	0
Dá presentes (desenhos, cartas)	1	3	1	1	2	4	4	2
Chama a mãe para ver algo na TV que sabe que ela gosta	0	1	0	0	0	1	1	0
Faz perguntas	0	0	1	0	1	0	0	1
É espontâneo	0	0	1	0	1	0	0	1
Faz elogios	0	0	1	0	1	0	0	1
Faz brincadeiras	5	4	6	1	11	5	9	7
Faz críticas	0	0	1	0	1	0	0	1
Relaciona-se adequadamente com outras crianças	0	0	1	0	1	0	0	1
SOMA	<i>28</i>	<i>38</i>	<i>53</i>	<i>30</i>	<i>81</i>	<i>68</i>	<i>66</i>	<i>83</i>
Outros								
Tem os mesmos gostos do progenitor	2	0	0	0	2	0	2	0
Gosta de participar das atividades do progenitor	0	0	1	0	1	0	0	1
Deita junto ao progenitor	0	0	1	0	1	0	0	1
Interessa-se por religião	1	0	1	1	2	1	1	2
É ciumento	0	0	1	0	1	0	0	1
Não respondeu	0	1	0	0	0	1	1	0
SOMA	<i>3</i>	<i>1</i>	<i>4</i>	<i>1</i>	<i>7</i>	<i>2</i>	<i>4</i>	<i>5</i>

Tabela 64. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *sentimentos parentais diante de comportamentos adequados de filhos*, organizada por Grupos.

Sentimentos dos pais	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Admiração	1	1	3	4	4	5	2	7
Orgulho	1	2	8	7	9	9	3	15
Contentamento/ felicidade	21	22	15	19	36	41	43	34
Realização	0	0	2	3	2	3	0	5
Tristeza	0	0	0	0	0	0	0	0
Emocionado	1	0	2	0	3	0	1	2
Não respondeu	0	0	1	0	1	0	0	1

Tabela 65. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos parentais diante de comportamentos adequados de filhos*, organizada por Grupos.

Comportamentos parentais frente a comport. adeq. de filhos	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Não faz nada	2	1	0	0	2	1	3	0
Fica tímido, com vergonha	0	0	0	0	0	0	0	0
Demonstra contentamento com a expressão do rosto (sorriso, etc)	3	4	7	6	10	10	7	13
Demonstra contentamento falando algo para o filho (elogia, diz que ama, conversa, agradece, incentiva etc)	18	21	20	24	38	45	39	44
Beija/ abraça	6	13	10	9	16	22	19	19
Passeia	1	1	1	2	2	3	2	3
Brinca (joga bola etc)	1	1	4	0	5	1	2	4
Fica emocionado	2	2	0	1	2	3	4	1
Presenteia	1	1	2	0	3	1	2	2
Agradece a Deus	0	0	1	0	1	0	0	1
Dá atenção	0	0	1	0	1	0	0	1
Agrada	0	0	1	1	1	1	0	2

Tabela 66. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos parentais de demonstrar carinho aos filhos*, organizada por Grupos.

Comportamentos parentais de demonstrar carinho	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Diz que o ama	6	5	3	7	9	12	11	10
Beija/ abraça	13	21	23	17	36	38	34	40
Toca a criança	3	6	12	5	15	11	9	17
Aperta a bochecha fortemente	0	1	2	0	2	1	1	2
Ficando perto, chamando a criança para próximo ao progenitor	5	2	2	2	7	4	7	4
Agrada	5	6	6	6	11	12	11	12
Pega no colo	0	1	0	2	0	3	1	2
Brinca com a criança	9	4	7	5	16	9	13	12
Faz leituras para a criança	0	0	0	1	0	1	0	1
Ajuda a criança a resolver seus problemas	0	0	2	0	2	0	0	2
Ajuda a fazer lições	0	1	1	0	1	1	1	1
Permite que a criança fale sobre as coisas que a estão incomodando	2	0	1	1	3	1	2	2
Você planeja surpresas para seu filho (festas, presentes etc)	1	1	0	0	1	1	2	0
Elogia	7	7	4	8	11	15	14	12
Conversa	3	1	4	1	7	2	4	5
Ensina	1	3	0	0	1	3	4	0
Sai para passear com o filho	2		4	1	6	1	2	5
Pede para continuar sendo obediente	1	0	0	0	1	0	1	0
Dando atenção, demonstrando interesse pelas coisas coisas que o filho mostra, aprende, faz perguntas sobre o dia	4	0	1	1	5	1	4	2
Canta	0	1	0	0	0	1	1	0
Tarefas domésticas (lavar/ cozinhar)	0	1	0	0	0	1	1	0
Faz comida que o filho gosta	0	0	0	1	0	1	0	1
Cuida quando está doente	0	0	1	0	1	0	0	1
Vai à igreja/ reza junto	0	0	2	0	2	0	0	2
Dorme junto quando a criança pede	0	0	1	0	1	0	0	1

Tabela 67. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *reações dos filhos frente a demonstração parental de carinho*, organizada por Grupos.

Reação dos filhos frente a demonstração de carinho parental	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Ignora, não faz nada	0	0	0	0	0	0	0	0
Fica tímido, com vergonha	2	1	0	1	2	2	3	1
Demonstra contentamento com a expressão do rosto (sorri etc)	18	16	20	16	38	32	34	36
Demonstra contentamento falando algo (elogia, agradece, diz que ama etc)	13	18	9	16	22	34	31	25
Beija/ abraça/faz carinho	6	9	9	10	15	19	15	19
Faz brincadeiras	0	0	1	0	1	0	0	1
Conta para irmãos e mãe	1	0	0	0	1	0	1	0
Cônjuge supõe que o filho deva ficar feliz	1	0	0	0	1	0	1	0
Não sei/ não respondeu	1	0	1	0	2	0	1	1

Tabela 68. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *brincadeiras parentais com os filhos*, organizada por Grupos.

Brincadeiras	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Brincadeiras de colorir	2	3	3	2	5	5	5	5
Brincadeiras de pintar, desenhar	3	5	3	3	6	8	8	6
Outras brincadeiras (cavalinho, cócegas)	1	10	9		10	10	11	9
Jogos (montar, encaixar, esconde-esconde, pipa, com água, hominhos, xadrez, jogo de palito etc)	8	5	6	24	14	29	13	30
Jogos esportivos (futebol, bicicleta, luta, patinete)	20	10	15	4	35	14	30	19
Jogos de casinha, boneca	1	4	3	9	4	13	5	12
Vídeo game/ computador	4	3	3	2	7	5	7	5
Assiste desenho na TV	1	0	0	0	1	0	1	0
Conta piadas	0	0	0	1	0	1	0	1
Faz cócegas	0	1	0	0	0	1	1	0
Ler juntos/ conta histórias	1	2	0	1	1	3	3	1
Dança/canta juntos	3	2	3	2	6	4	5	5
Escolinha	1	3	3	4	4	7	4	7
Leva para passear (pescar, parque)	2	0	0	0	2	0	2	0
Junto com animal de estimação	0	0	1	0	1	0	0	1
Beleza (maquiagem, cabelo)	0	1	0	1	0	2	1	1
Não respondeu	0	2	0	0	0	2	2	0

Tabela 69. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *perguntas dos filhos sobre sexualidade*, organizada por Grupos.

Perguntas sobre sexualidade	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Sobre nascimento e gestação	5	12	11	16	16	28	17	27
Sobre menstruação	0	0	0	3	0	3	0	3
Sobre relacionamento sexual	3	3	1	5	4	8	6	6
Camisinha	2	1	0	3	2	4	3	3
Sobre porque beija, porque o progenitor encontrava-se nu	1	0	0	1	1	1	1	1
Desenvolvimento do corpo	0	1	0	0	0	1	1	0
AIDS	0	0	0	1	0	1	0	1

Tabela 70. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos parentais diante de perguntas dos filhos sobre sexualidade*, organizada por Grupos.

Comportamentos parentais frente a perguntas de sexualidade dos filhos	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Ignora, não faz nada	0	0	2	1	2	1	0	3
Fala que não se lembra e que contaria depois	0	0	0	1	0	1	0	1
Diz que explicará quando o filho crescer	0	0	0	1	0	1	0	1
Fica tímido, com vergonha	1	1	1	1	2	2	2	2
Responde explicando a verdade	4	11	7	11	11	22	15	18
Usa livros que exemplificam com figuras	0	0	1	1	1	1	0	2
Usa fitas de gravidez, ultra-som	1	0	0	0	1	0	1	0
Responde explicando com falsas verdades, por ex. cegonha, abóbora	5	2	2	2	7	4	7	4
Chama pelo cônjuge	0	0	0	0	0	0	0	0
Pede para a criança perguntar ao outro cônjuge	1	0	1	1	2	1	1	2
Pede para a criança perguntar ao professor	0	0	0	0	0	0	0	0
Fica bravo	0	1	0	0	0	1	1	0
Muda de assunto	0	1	0	0	0	1	1	0

Tabela 71. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *comportamentos considerados, por eles, como “inadequados”*, organizada por Grupos.

Comp. parentais considerados como inadeq.	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Punições positivas								
Quando dá bronca/fica bravo por algo que o filho não fez	9	10	12	15	21	25	19	27
Quando bate	7	9	6	12	13	21	16	18
Quando chama atenção em público	0	0	1	0	1	0	0	1
SOMA	16	19	19	27	35	46	35	46
Punições negativas								
Quando coloca de castigo injustamente	0	0	0	1	0	1	0	1
Quando comete alguma injustiça	0	0	0	1	0	1	0	1
Quando deixa de dar atenção frente a solicitação do filho	1	0	0	0	1	0	1	0
Quando faz chantagem para o filho obedecer	0	1	0	0	0	1	1	0
Quando não dá atenção ao filho	0	1	0	0	0	1	1	0
Quando tira brinquedos do filho	0	0	1	0	1	0	0	1
Quando não deixa o filho brincar fora de casa	0	1	0	0	0	1	1	0
SOMA	1	3	1	2	2	5	4	3
Outros								
Discutir com o cônjuge na frente do filho	1	0	0	0	1	0	1	0
Quando o filho chora quando o progenitor sai	0	1	0	0	0	1	1	0
Deixar carteira e chave da casa com o filho	1	0	0	0	1	0	1	0
Quando compra algo para o filho sem poder realmente fazê-lo	0	0	0	1	0	1	0	1
Não soube identificar	1	0	1	0	2	0	1	1

Tabela 72. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *reações parentais após comportamentos considerados, por eles, como “inadequados”*, organizada por Grupos.

Reações parentais após ter se comportado de forma "inadequada"	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Não faz nada	5	5	5	5	10	10	10	10
Pede desculpas	4	3	8	10	12	13	7	18
Conversa com o filho	7	8	7	9	14	17	15	16
Agrada o filho	2	5	3	4	5	9	7	7
Arrepende-se	3	1	4	5	7	6	4	9
Chora/fica triste	2	2	4	3	6	5	4	7
Pergunta ao filho o que queria quando solicitou o progenitor	1	0	0	0	1	0	1	0
Reza	1	0	0	0	1	0	1	0
Esforça-se para não fazer mais	0	1	0	0	0	1	1	0
Procura voltar logo para casa	0	1	0	0	0	1	1	0
Pensa acerca do próprio compto.	0	1	1	1	1	2	1	2
Passeia	0	1	0	0	0	1	1	0

Tabela 73. Frequência de aparecimento de cada subitem da categoria *avaliação parental sobre relacionamento entre irmãos, como “inadequados”*, organizada por Grupos.

Avaliação de relacionamento entre irmãos	IPC PAIS	IPC MÃES	ICSA PAIS	ICSA MÃES	SOMA PAIS	SOMA MÃES	SOMA IPC	SOMA ICSA
Bom	19	17	16	16	35	33	36	32
Ruim	0	1	0	0	0	1	1	0
Nem bom, nem ruim	1	4	1	1	2	5	5	2
Não tem irmão	2	6	7	5	9	11	8	12
Não respondeu	2	0	0	0	2	0	2	0

ESCALA INFANTIL B DE RUTTER

Abaixo há uma série de descrições de comportamento frequentemente apresentada por crianças. Após cada afirmação estão três colunas: "Não se aplica", "Se aplica um pouco" e "Certamente se aplica". Se a criança com certeza apresenta o comportamento descrito pela afirmação, coloque uma cruz no espaço sob a coluna "Certamente se aplica". Se a criança apresenta o comportamento, mas em menor grau ou menos frequentemente, assinale no espaço sob "Se aplica um pouco". Se, até onde você tem conhecimento, a criança não apresenta o comportamento, assinale no espaço sob "Não se aplica".

1. Por favor, coloque UMA cruz para CADA afirmação. Obrigado.

Afirmação	Não se aplica	Se aplica um pouco	Certamente se aplica
1. Muito irrequieto. Frequentemente correndo ou pulando para cima e para baixo. Dificilmente está calmo.	()	()	()
2. "Mata aula".	()	()	()
3. Retorce-se, criança inquieta.	()	()	()
4. Frequentemente destrói suas próprias coisas ou a dos outros.	()	()	()
5. Frequentemente briga com outras crianças.	()	()	()
6. Não muito querido pelas outras crianças.	()	()	()
7. Frequentemente preocupado, preocupa-se com muitas coisas.	()	()	()
8. Tende a fazer as coisas preferencialmente sozinho.	()	()	()
9. Irritável. Perde o controle rapidamente.	()	()	()
10. Frequentemente parece triste, infeliz, choroso ou angustiado.	()	()	()
11. Repuxa, tem maneirismos ou tiques do rosto ou corpo.	()	()	()
12. Frequentemente chupa dedo.	()	()	()
13. Frequentemente rói unhas ou dedos.	()	()	()
14. Tende a estar ausente da escola por razões triviais.	()	()	()
15. É frequentemente desobediente.	()	()	()

ESCALA INFANTIL A. DE RUTTER - PAIS (ECI)

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

QUESTIONÁRIO

Para ser preenchido pelos pais

Nome da Criança:.....

Data Nascimento:....../....../.... Sexo:.....

Escola:.....Série:.....

Endereço:.....
.....

Profissão do pai:.....

Escolaridade do pai (até que ano estudou):.....

Profissão da mãe:.....

Escolaridade da mãe (até que ano estudou):.....

COMO PREENCHER O QUESTIONÁRIO

O questionário pergunta sobre vários tipos de comportamento que a maioria das crianças apresentam em algumas ocasiões. Por favor, dê as respostas conforme seu filho tem sido durante os ÚLTIMOS 12 MESES.

PROBLEMAS DE SAÚDE

Abaixo está uma lista de pequenos problemas de saúde que a maioria das crianças têm em algumas ocasiões. Por favor, diga-nos com que frequência cada um desses problemas ocorre com seu filho, fazendo uma cruz no círculo correto.

	Nunca	Ocasionalmente, mas não chega a ocorrer uma vez por semana	Pelo menos uma vez por semana
A. Tem quebras de dentes de leite	☐	☐	☐
B. Tem dor de estômago ou vômito	☐	☐	☐
C. Aume ou crises respiratórias	☐	☐	☐
D. Faz xixi na cama ou nas calças	☐	☐	☐
E. Faz cocô na roupa	☐	☐	☐
F. Fica mal humorado e nervoso (isto é, fica irritado, grita e perde completamente o humor)	☐	☐	☐
G. Tem dificuldade ao chegar na escola ou se recusado a entrar na escola	☐	☐	☐
H. "Mata" ou "enfurca" suas	☐	☐	☐

ABITOS. Por favor, coloque uma cruz no círculo de resposta correta.

Ele (ela) pega(a)? ☐ Não ☐ Sim—moderadamente ☐ Sim—severamente

I. Há alguma outra dificuldade com a (a)le, além da pega(a)? ☐ Não ☐ Sim—moderada ☐ Sim—severa

Se "sim", por favor descreva a dificuldade:
.....
.....

III. Ele (ela) costuma roubar ou então pegar coisas dos outros às escondidas? ☐ Não ☐ Sim—ocasionalmente ☐ Sim—frequentemente

Se "sim" (ocasionalmente ou frequentemente),

o que ele costuma pegar?

- ☐ Coisas pequenas como canetas, doces, brinquedos, pequenas quantidades de dinheiro, etc.
- ☐ Coisas grandes
- ☐ Tanto coisas pequenas como grandes

ele pega as coisas:

- ☐ Na sua própria casa
- ☐ Em outros lugares
- ☐ Tanto em casa como em outros lugares

ele costuma pegar essas coisas:

- ☐ Sozinho, sem ajuda de ninguém.
- ☐ Junto com outras crianças ou adultos
- ☐ Às vezes sozinho, algumas vezes com outras pessoas

IV. Há qualquer dificuldade de alimentação? ☐ Não ☐ Sim—moderada ☐ Sim—severa

Se "sim" como é?

- ☐ "faz onda" e "fica enrolando" para comer
- ☐ não come o suficiente
- ☐ come em excesso
- ☐ outras, por favor descreva:
.....
.....

V. Há qualquer dificuldade com o sono? ☐ Não ☐ Sim—moderada ☐ Sim—severa

Se "sim", marque quais são:

- ☐ Tem dificuldade para ir dormir
- ☐ Tem dificuldade em pegar no sono
- ☐ Tem dificuldade p/ acordar cedo de manhã
- ☐ Acorda durante a noite
- ☐ Fala dormindo
- ☐ Bate a cabeça enquanto dorme
- ☐ Range os dentes enquanto dorme
- ☐ Anda dormindo
- ☐ Tem pesadelos (sonhos que perturbam)
- ☐ Tem medo da escuridão
- ☐ De madrugada fica muito agitado, assustado, gritando de pavor
- ☐ Outras, por favor descreva:
.....
.....

VI. A criança tem medo de alguma coisa (de algum objeto, pessoa ou situação)? ☐ Não ☐ Sim—moderadamente ☐ Sim—severamente

Se "sim", por favor descreva:
.....
.....

VII. A criança apresenta algum movimento repetitivo do corpo ou do rosto ou tem tiques? ☐ Não ☐ Sim—moderadamente ☐ Sim—severamente

Se "sim", qual?

- ☐ Piscar os olhos
- ☐ Repuxar a cabeça
- ☐ Repuxar a boca
- ☐ Contorcer o nariz
- ☐ Contorcer o braço
- ☐ Outros, por favor descreva:
.....
.....

Abaixo, está uma série de descrições de comportamentos frequentemente observados muitas vezes pelas crianças. Diante de cada afirmação tem três colunas - "Não se aplica", "Se aplica um pouco", "Se aplica com certeza". Se seu filho (ou filha) é frequentemente apresentado o comportamento descrito pela afirmação, coloque uma cruz no círculo adequado. Se ele (ou ela) apresenta o comportamento descrito pela afirmação mas em grau menor ou menos frequentemente, coloque uma cruz sob "Se aplica um pouco". Se, conforme você está ciente, seu filho não apresenta o comportamento, coloque uma cruz embaixo de "Não se aplica".

Por favor coloque uma cruz diante de cada afirmação

AFIRMAÇÃO	Não se aplica	Se aplica um pouco	Se aplica com certeza
1. Muito agitado, tem dificuldade em permanecer sentado por muito tempo..	☐	☐	☐
2. Criança impaciente, inquieto ..	☐	☐	☐
3. Muitas vezes dentro e suas próprias coisas ou das outras ..	☐	☐	☐
4. Brigas frequentemente ou é extremamente briguento com outras crianças ..	☐	☐	☐
5. Não é uma criança muito querida pelas outras crianças ..	☐	☐	☐
6. Fica facilmente preocupado, preocupado-se com tudo ..	☐	☐	☐
7. Tende a ser uma criança fechada - um tanto solitário ..	☐	☐	☐
8. Irrritável. Raramente "pode se controlar" ..	☐	☐	☐
9. Frequentemente a criança parece estar triste, melancólico ou inquieto ..	☐	☐	☐
10. Chupa frequentemente os dedos ..	☐	☐	☐
11. Roer frequentemente as unhas ou os dedos ..	☐	☐	☐
12. Muitas vezes é desobediente ..	☐	☐	☐
13. Não consegue permanecer numa atividade qualquer por mais do que alguns minutos (isto é, fica muito pouco tempo ligado em uma atividade) ..	☐	☐	☐
14. Tende a ter medo ou receio de coisas novas ou situações novas ..	☐	☐	☐
15. É uma criança difícil, obstinada ou muito particular ..	☐	☐	☐
16. Muitas vezes faz mentira ..	☐	☐	☐
17. Maltrata outras crianças ..	☐	☐	☐
18. Fala palavras, nomes feios ..	☐	☐	☐
19. É uma criança muito apegada à mãe e que tenta mantê-la sempre perto da mãe ..	☐	☐	☐
20. Fica envergonhado, tímido e se retrai na presença de pessoas pouco conhecidas ..	☐	☐	☐
21. É uma criança inseguro e que não tem confiança em si mesmo ..	☐	☐	☐

- a. Existem outros problemas? .. ☐ Não ☐ Sim
Se "sim", quais? ..
.....
.....
- b. A criança está em atendimento psicológico ou psiquiátrico? .. ☐ Não ☐ Sim
- c. Os senhores consideram que seu (sua) filho (a) está necessitando de atendimento psicológico ou psiquiátrico? .. ☐ Não ☐ Sim

Assinatura: Sr./Sra.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/017/2001/23. .2001¹

Anexo 9

Senhora Pesquisadora:

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado
""HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PAIS E DE MÃES E SUA RELAÇÃO COM
INDICATIVOS DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DE COMPORTAMENTOS
SOCIALMENTE ADEQUADOS DE FILHOS: UM ESTUDO COMPARATIVO" -
Processo CEP-FFCLRP nº 012/2001 - 2001.1.115.59.5, foi analisado pelo
Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua 10ª Reunião Ordinária,
realizada em 14/5/2001, e enquadrado na categoria: **APROVADO**.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos
de estima e consideração.

Atenciosamente.

Profa. Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean
Coordenadora do CEP-FFCLRP-USP

Ilustríssima Senhora
Alessandra Turini Boisoni Silva
Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP